

UFRRJ

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS/
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR / INSTITUTO
TRÊS RIOS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CIÊNCIAS SOCIAIS**

DISSERTAÇÃO

**“NADA DEVE PARECER IMPOSSÍVEL DE
MUDAR”: JUVENTUDE E ENGAJAMENTO NA
“PRIMAVERA CARIOCA” DAS ELEIÇÕES DE
2012.**

ANA BEATRIZ PINHEIRO E SILVA

2015



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS/
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR / INSTITUTO TRÊS RIOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**“NADA DEVE PARECER IMPOSSÍVEL DE MUDAR”:
JUVENTUDE E ENGAJAMENTO NA “PRIMAVERA CARIOCA”
DAS ELEIÇÕES DE 2012.**

ANA BEATRIZ PINHEIRO E SILVA

Sob a Orientação da Professora

Elisa Guaraná de Castro

e Co-orientação do Professor

Marco Antonio Perruso

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais**, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

Seropédica, RJ
Agosto de 2015

305.235

S586n

T

Silva, Ana Beatriz Pinheiro e, 1986-
"Nada deve parecer impossível de
mudar": juventude e engajamento na
"Primavera Carioca" das eleições de 2012 /
Ana Beatriz Pinheiro e Silva - 2015.
165 f.: il.

Orientador: Elisa Guaraná de Castro.
Dissertação (mestrado) - Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de
Pós-Graduação em Ciências Sociais.

Bibliografia: f. 148-153.

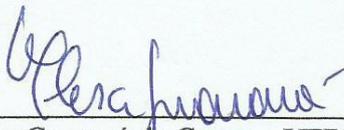
1. Juventude - Aspectos sociais -
Teses. 2. Socialismo e juventude - Teses.
3. Movimentos da juventude - Teses. 4.
Jovens - Atividades políticas - Teses. 5.
Prefeitos - Rio de Janeiro (RJ) -
Eleições, 2012 - Teses. I. Castro, Elisa
Guaraná de, 1968-. II. Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro. Curso de
Pós-Graduação em Ciências Sociais. III.
Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS/
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR / INSTITUTO TRÊS RIOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

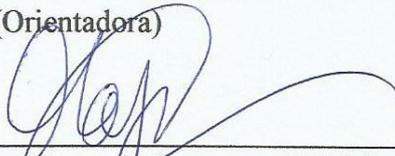
ANA BEATRIZ PINHEIRO E SILVA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais**, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

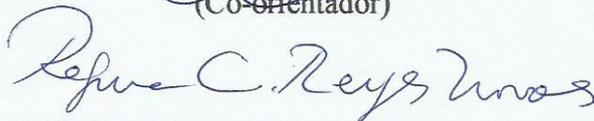
DISSERTAÇÃO APROVADA EM 21/08/2015



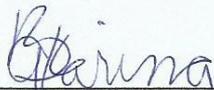
Professora Dra. Elisa Guaraná de Castro - UFRRJ
(Orientadora)



Professor Dr. Marco Antonio Perruso - UFRRJ
(Co-orientador)



Professora Dra. Regina Novaes - UFRJ



Professora Dra. Ana Karina Brenner - UERJ

Professora Dra. Eliane Ribeiro - UNIRIO
(Suplente)

Professora Dra. Flavia Braga Vieira - UFRRJ
(Suplente)

À minha querida avó Maria Enói (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus orientadores pelos ensinamentos, incentivos e inspiração. Agradeço à Elisa por ter me aceitado como orientanda, ainda que tomada de trabalho por outras demandas. Agradeço também ao Marco Antonio pela dedicação na orientação.

Também gostaria de fazer um agradecimento especial à minha banca de qualificação que também é a minha banca de defesa da dissertação. Muito obrigada à Professora Regina Novaes por tantas valiosas dicas e ensinamentos, não somente nesse dia, mas em todas as palestras e aulas que pude acompanhar. Muito obrigada também à Ana Karina, já tão querida colega desde a época em que estivemos juntas em pesquisas no Observatório Jovem. Agradeço muito pelas ricas contribuições que nortearam meu trabalho.

Agradeço aos professores do PPGCS, aos meus colegas de mestrado (principalmente à querida Ana Flávia), às servidoras técnico-administrativas Vivian e Kátia e às coordenadoras Naara e Sabrina por todo apoio e suporte. Agradeço aos professores com quem cursei disciplinas, tanto na UFRRJ quanto na UFRJ e na UNIRIO.

À amizade e o intercâmbio acadêmico compartilhado com Karla Henríquez, María Sotti, Yeisa, Yoli e Blanca, que tive a oportunidade de conhecer em congressos durante o mestrado.

Agradeço aos professores do grupo de pesquisa sobre políticas públicas de juventude da UNIRIO, especialmente, à Professora Eliane Ribeiro pelas oportunidades e aprendizagens. Grata também aos colegas que fiz na UNIRIO, em especial, à querida Laine.

Agradeço aos militantes do PSOL, principalmente aos jovens que se disponibilizaram a colocarem seus depoimentos no grupo do *facebook* da pesquisa, aos entrevistados e aos militantes do Núcleo Anticapitalista Primeiro de Maio onde estive acompanhando de perto o momento pós-eleição 2012.

Um agradecimento muito especial aos meus colegas de trabalho Fábio, Aline, Ellen, Simone e Sandra que me apoiaram em todos os momentos do mestrado. Agradeço também aos professores e professoras Andrea Daher, Andrea Casa Nova Maia, Antonio Carlos Jucá, João Fragoso e Monica Grin pelo apoio.

Agradeço também aos novos e velhos amigos que me acompanharam nesses últimos anos, dividindo sonhos e esperanças de mudanças, acreditando que outro mundo é possível. Obrigada, Ana Carol, Claudinha, Milena, Alexandre, Vivi, Matheus, Sergio, Dani, Catharine, Mari Reis, e Paulo Henrique.

Agradeço às queridas Gláucia e Glauci Velasco pelo carinho desses anos.

Aos amigos do Sintufrij Vermelho que militaram comigo nesses anos que estou na UFRJ, em especial, ao Raposo.

Tenho sorte de ter amigos de infância, que me acompanham pela vida toda, algumas vezes bem de perto, outras de longe, mas é sempre maravilhoso e fundamental contar com vocês: Fabíola, Amanda Omine, Gisele Omine, Mariana Correa, Alessandra e Jefferson. Jeff, obrigada também pela ajuda nas transcrições e pelas palavras que me acalmaram em tantos momentos de angústia!

Tenho também amigos que viraram família e estão comigo em todos os momentos:

Obrigada Keila e Fernando pela amizade, pelo incentivo, apoio e tantas coisas que não caberiam aqui, ainda me ajudaram com a revisão de algumas partes da dissertação, artigos, dicas e muitos puxões de orelha.

Obrigada Natália por, mesmo estando em outro estado, ser tão presente na minha vida. Sempre apoiando, incentivando e se preocupando comigo.

Tem também uma japinha que desde que eu tinha 4 anos (e ela 3 anos) me acompanha nessa loucura que é a vida. Impossível olhar para trás e não vê-la em todos os momentos. Sem palavras para agradecer toda a cumplicidade dessa amizade, irmã que a vida me deu.

Nada disso seria possível sem o apoio e incentivo da minha família. Meus irmãos, Laís e Henriquinho, cada um em sua maneira me acompanha e me inspira, agradeço por ter vocês comigo. Aos meus queridos pais Ana e Henrique, nem tenho como agradecer todo amor, dedicação e esforço, que não caberia nessas páginas. Obrigada por terem me incentivado, por acreditarem na importância da educação e terem passado por tantas coisas para que eu chegasse até aqui. Vocês me inspiraram em toda essa jornada e esta dissertação é de vocês também. Ao meu avô Vicente pelos ensinamentos que muitas vezes nem precisavam de muitas palavras, mas no olhar, nos exemplos, na história de vida, no apoio incondicional e de tantas formas... Insinamentos para a vida toda e que pretendo passar para outras gerações. Meu último agradecimento é para minha querida avó Maria Enói. Gostaria que estivesse aqui

conosco para que eu pudesse mais uma vez agradecer por tudo que me ensinou. Sei que ia se alegrar com mais esta etapa da minha vida. Com toda a sua bondade e zelo, aprendi o fundamental e a base de tudo, aprendi que amar é sim um ato revolucionário. Aprendi com ela que devemos lutar por uma sociedade mais justa e assim tenho seguido meu caminho.

RESUMO

SILVA, Ana Beatriz Pinheiro. **“Nada deve parecer impossível de mudar”**: juventude e engajamento na **“primavera carioca”** das eleições de 2012. 164p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2015.

Esta dissertação, circunscrita na temática da juventude e engajamento político, visa identificar e analisar o processo de envolvimento e mobilização de jovens que se engajaram em torno da eleição à Prefeitura do Rio de Janeiro em 2012. A campanha do candidato Marcelo Freixo (PSOL – Partido Socialismo e Liberdade), divulgada como *Primavera Carioca*, teve como uma das características principais o protagonismo de jovens de diversos segmentos, como estudantes secundaristas, universitários, artistas e jovens ligados a movimentos ecológicos e culturais. O protagonismo e o engajamento de jovens durante os meses da campanha eleitoral foram na contramão das teses – tão presentes no senso comum, mas não somente – que afirmam que a juventude se interessa pouco pelas questões políticas da nossa sociedade e não têm participado de processos políticos institucionais. Nesse sentido, o envolvimento de jovens na *Primavera Carioca* nos trazem novos elementos a serem considerados em análises que sustentam uma suposta "despolitização" e descrédito desses sujeitos frente às formas de institucionalidade tradicionais. A pesquisa foi desenvolvida adotando a perspectiva da investigação qualitativa, dividida em três momentos; no primeiro momento, foi realizada uma observação participante durante e após a campanha, em espaços do PSOL e de movimentos sociais que os jovens da *Primavera Carioca* se engajaram; no segundo momento foi realizada uma netnografia em um grupo da rede social *Facebook*, em que os jovens compartilharam depoimentos e fotos do Comício realizado etc., divulgado como *Assembleia Sou Jovem e Fecho com Freixo*. No terceiro momento da pesquisa, foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas com sete jovens que participaram da campanha. Dessa forma, esta dissertação buscou analisar a motivação para o engajamento, as emoções e dificuldades envolvidas durante o processo eleitoral e as trajetórias que foram se consolidando após as eleições, bem como a relação do engajamento com outros aspectos da vida, como escola, universidade, família e amigos, como forma de investigar a construção, por parte desses jovens, de novos sentidos, repertórios e práticas de engajamento político.

Palavras-chave: Juventude; Engajamento político; Primavera Carioca.

ABSTRACT

SILVA, Ana Beatriz Pinheiro. **"Nothing should seem impossible to change": youth and engagement in "Carioca Spring" of 2012.** 2015. 164p elections. Dissertation (Master in Social Sciences). Institute of Human and Social Sciences, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2015.

This dissertation, restricted to the theme of youth and political engagement, aims at identifying and analyzing the process of involvement and mobilization of young people engaged in the election for mayor of Rio de Janeiro in 2012. The campaign of the candidate Marcelo Freixo (PSOL - Socialism and Freedom Party), known as "Carioca Spring", had as one of its main features the role of the youth from various segments, including high school students, college students, artists and young people connected to ecological and cultural movements. The role and the involvement of young people during the months of the election campaign were against the theses - so present in common sense, but not only - which claim that youth has little interest in some political questions of our society and has not participated in institutional political processes. In this sense, the involvement of youth in the "Carioca Spring" brings in new elements to be considered in analyzes that support a supposed "de-politicization" and discredit these individuals face concerning the forms of traditional institutions. The research was developed by adopting the perspective of qualitative research, divided into three stages; in the first phase a participative observation during and after the campaign was held in PSOL spaces and in social movements that the youth of the "Carioca Spring" was engaged; in the second phase a "netnography" in a group of Facebook social network was held, where young people shared testimonials and photos of the Rally held etc., known as *Assembleia Sou Jovem e Fecho com Freixo*. In the third phase of the research, individual semi-structured interviews were conducted with seven young people who participated in the campaign. Thus, this dissertation is aimed at analyzing the motivation to engage, the emotions and difficulties involved in the electoral process and the trajectories that were consolidated after the elections, as well as the engagement of the relationship with other aspects of life, such as school, university, family and friends as a way of investigating the construction, by these youngsters, of new meanings, repertoires and political engagement practices.

Keywords: Youth; Political Engagement; "Carioca Spring"

LISTA DE SIGLAS

ABI – Associação Brasileira de Imprensa.

ALERJ - Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.

CPI - Comissão Parlamentar de Inquérito.

FETRANSPOR - Federação das Empresas de Transportes de Passageiros do Estado do Rio de Janeiro

ONG – Organização Não Governamental

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PDT - Partido Democrático Trabalhista

PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira

PSOL - Partido Socialismo e Liberdade

PSTU - Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado

PT - Partido dos Trabalhadores

PV - Partido Verde

TSE – Tribunal Superior Eleitoral

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

Introdução	12
Juventude, militância, participação e engajamento político: algumas considerações	15
Os caminhos escolhidos e percorridos na pesquisa	23
Capítulo 1 – “Sou Jovem e Fecho com Freixo”	28
Trabalho de campo virtual: uma nova experiência de pesquisa	30
Quem foi à Assembleia de Jovens com Freixo?	34
Assembleia “Sou Jovem e Fecho com Freixo”: fotos, relatos e experiências	43
Engajamento – “ <i>A campanha do Freixo encantou pela quantidade de jovens que começaram a se envolver e debater política</i> ” (C.)	60
Capítulo 2 – “Primavera Carioca”	63
Começando a observação participante...	65
Lembranças da campanha	70
Engajamento na <i>Primavera Carioca</i>	74
Emoções e momentos difíceis	82
O que os jovens esperavam daquela campanha?	87
A juventude como aposta da campanha	93
Capítulo 3 – “Nada deve deter a Primavera Carioca”	102
Família, escola e universidade	104
Os caminhos após as eleições	111
Percepções sobre ser jovem num partido político	120
As mudanças no percurso	130
Considerações Finais	142
Referências Bibliográficas	148
Anexo I	154
Anexo II	162
Anexo III	164

Introdução

Durante a campanha eleitoral de 2012, a candidatura do deputado estadual Marcelo Freixo¹ (Partido Socialismo e Liberdade – PSOL²) a prefeito da cidade do Rio de Janeiro mobilizou diversos segmentos da juventude, como estudantes secundaristas, universitários, artistas e jovens ligados a movimentos ecológicos e culturais, em torno de sua campanha³. Foram criados diversos comitês nos bairros da cidade, majoritariamente compostos por jovens não filiados a partidos políticos que sequer tinham um histórico de militância, além de várias redes de apoio, principalmente através das ferramentas da Internet, como *Facebook* e *Youtube*.

Este fenômeno foi divulgado pela campanha como a *Primavera Carioca*, em alusão à *Primavera Árabe*, quando uma onda de manifestações e protestos chegou a derrubar três chefes de Estado no Oriente Médio e no Norte da África, no final de 2010 e início de 2011, e que contou com grande participação das juventudes desses países⁴. Também foi utilizado pela campanha o *slogan Nada deve parecer natural, nada deve parecer impossível de mudar*, trecho de um poema de Bertold Brecht, que podíamos

¹ Marcelo Ribeiro Freixo nasceu em 12 de abril de 1967, é professor de história e atualmente está no terceiro mandato de Deputado Estadual do Rio de Janeiro pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Nas eleições de 2006, foi eleito com 13.547 votos para o primeiro mandato, foi reeleito em 2010, tendo sido o segundo candidato mais votado daquele ano (177.253 votos), e foi o candidato a deputado estadual mais votado nas eleições de 2014 no estado e no país (347.556 votos). É, desde 2009, o presidente da Comissão de Defesa Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ). Ele se notabilizou pelo trabalho à frente da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) das Milícias da ALERJ, que indiciou 225 pessoas. O seu protagonismo na atuação da CPI das Milícias acabou lhe rendendo inúmeras ameaças de morte e inspirou o personagem, que também é deputado estadual e combate o fenômeno das milícias, Diogo Fraga do filme *Tropa de Elite 2*. Nas eleições de 2012, foi candidato a prefeito da cidade do Rio de Janeiro e, dentre 8 candidatos, obteve a segunda colocação do pleito com cerca de 30% dos votos válidos. Informações disponíveis em: www.marcelofreixo.com.br. Acesso em agosto de 2015.

² O Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) é um partido político brasileiro fundado em 2004, impulsionado por dissidências do Partido dos Trabalhadores (PT) após a expulsão dos parlamentares Heloísa Helena, Babá, João Fontes e Luciana Genro por votarem contra a aprovação da Reforma da Previdência do setor público. A fundação do PSOL foi apoiada por diversos grupos políticos, militantes socialistas e intelectuais de esquerda. A chegada de Luís Inácio Lula da Silva à presidência da república levou o PT a passar por um período de muitas tensões internas, já que uma parte significativa de seus militantes estavam descontentes com os rumos do governo. Dessa forma, os parlamentares expulsos iniciaram um movimento nacional pela fundação de um novo partido de esquerda e obtiveram quase 700 mil assinaturas a favor da obtenção do registro eleitoral, mas os cartórios eleitorais só concederam certidões a 450 mil dessas assinaturas. Em setembro de 2015, uma nova tentativa de apresentar assinaturas válidas foi realizada e no dia 15 deste mês foi obtido o registro definitivo. Em 2005, o chamado escândalo do “Mensalão”, envolvendo denúncias de um esquema de pagamento a congressistas para votarem de acordo com os interesses do executivo, resultou em uma nova crise política interna no PT e muitos militantes deixaram o partido e ingressaram no PSOL em bloco, como a corrente Ação Popular Socialista, ou individualmente. O PSOL é o terceiro partido que mais cresce em número de filiados desde 2014. Informações disponíveis em: www.psol50.org.br. Acesso em agosto de 2015.

³ Cabe sublinhar que a referida campanha contou com o *slogan Sou jovem e fecho com Freixo*, específico para a juventude.

⁴ Ver, Carneiro (2012), Alves (2012) e Sader (2012).

observar pela cidade diversas pessoas usando blusas, bolsas e *bottons* com a frase do *slogan* da campanha, principalmente jovens.

O episódio mais emblemático do protagonismo juvenil na campanha foi a *Assembleia Sou Jovem e Fecho com Freixo*, no dia 16 de agosto, na Associação Brasileira de Imprensa (ABI). O evento tinha como intenção lotar o auditório, no entanto, terminou por reunir cerca de 3 mil jovens, que, não cabendo na ABI, se reuniram em plena Cinelândia, no Centro do Rio de Janeiro⁵, palco tradicional de importantes manifestações durante o século XX. Este episódio também marca a minha “entrada” na pesquisa de mestrado, cujo resultado é esta dissertação.

A partir desse dia, começou o meu interesse pelo envolvimento de jovens na campanha política chamada de *Primavera Carioca*. A presente dissertação está circundada na temática da juventude⁶ e engajamento político, visando identificar e analisar o processo de envolvimento e mobilização juvenil em torno da eleição à prefeitura do Rio de Janeiro em 2012, na campanha no candidato Marcelo Freixo.

A escolha do objeto de estudo se deu a partir da hipótese de que o citado pleito contou com uma participação juvenil quantitativamente maior e qualitativamente diferenciada, em comparação às eleições anteriores recentes. O fenômeno de engajamento durante os meses da campanha eleitoral foi na contramão das teses – tão presentes no senso comum, mas não somente – que afirmam que os jovens se interessam pouco pelas questões políticas da nossa sociedade e não têm participado de campanhas para eleições dos representantes municipais, estaduais e federais.

Com o aprofundamento das crises globais e conseqüentemente o aumento da pobreza e da exclusão social, os jovens foram os grandes prejudicados pela falta de perspectiva diante do futuro. Essas crises são conseqüências do modelo neoliberal de exclusão, que aprofunda a pobreza e a desigualdade social. As diversas juventudes vêm

⁵ Informações disponíveis em: <http://odia.ig.com.br/portal/brasil/elei%C3%A7%C3%B5es-2012/freixo-re%C3%BAne-multid%C3%A3o-na-cinel%C3%A2ndia-1.477462> e <http://extra.globo.com/noticias/extra-extra/marcelo-freixo-realiza-encontro-de-campanha-na-cinelandia-5811222.html>. Acesso em janeiro de 2013.

⁶ Convém destacar o caráter polissêmico da categoria *juventude*. A concepção aqui reivindicada tem como base a definição de Abramo exemplificada na seguinte citação: “A noção mais geral e usual do termo juventude, se refere a uma faixa de idade, um período de vida, em que se completa o desenvolvimento físico do indivíduo e ocorre uma série de transformações psicológicas e sociais, quando este abandona a infância para processar sua entrada no mundo adulto. No entanto, a noção de juventude é socialmente variável. A definição do tempo de duração, dos conteúdos e significados sociais desses processos se modificam de sociedade para sociedade e, na mesma sociedade, ao longo do tempo e através de suas divisões internas. Além disso, é somente em algumas formações sociais que a juventude configura-se como período destacado, ou seja, aparece como categoria com visibilidade social” (ABRAMO, 1994).

buscando novas formas de responder a essas demandas, criando novos discursos, novas estratégias, novas formas de participação e práticas políticas. Podemos citar como exemplos a mobilização de estudantes no Chile, em 2006 e 2011, além dos jovens desempregados que se mobilizaram na Espanha e em Portugal contra o desemprego, entre outros registros de mobilizações da juventude nos últimos anos⁷. No Brasil, em junho de 2013, na mesma época em que realizava o trabalho de campo desta pesquisa, ocorreu uma série de manifestações em todo o país protagonizadas por jovens em torno de diversas pautas, começando pelo fim do aumento das passagens de ônibus⁸.

No início do milênio os movimentos sociais voltaram a ganhar atenção. A pesquisadora Maria da Glória Gohn (2013) observa quatro pontos relevantes nesse cenário: o primeiro ponto é a luta contra os efeitos da globalização e pela defesa das culturas locais, resgatando também o sentido das coisas públicas, espaços e instituições. O segundo é a reivindicação pela ética na política. O terceiro é que estão conseguindo atuar em espaços que outras instituições, como partidos e sindicatos, têm mais dificuldades ou impossibilidades. E por último, a construção de um modelo de autonomia diferente daquele dos anos 1980, priorizando a cidadania⁹, “*construindo-a onde não existe, resgatando-a onde foi corrompida*” (GOHN, 2013: 17).

Nesse contexto, pude fazer alguns questionamentos sobre a participação juvenil no cenário da campanha política de 2012. Em que sentido o engajamento no movimento *Primavera Carioca* representou a emergência de novos sentidos, práticas e discursos em torno da cidadania¹⁰ desses jovens? Pode-se afirmar que o processo protagonizado por

⁷ Ver, Carneiro (2012), Alves (2012), Harvey (2012) e Sader (2012).

⁸ As mobilizações contra o aumento das passagens no Rio de Janeiro foram organizadas pelo *Fórum de lutas contra o aumento das passagens*, um movimento social composto principalmente por estudantes. No mês de junho de 2013, as manifestações organizadas por esse movimento foram duramente reprimidas pela polícia, que teve seu efeito oposto, aumentando ainda mais o número de manifestantes a cada ato seguinte. Até que, finalmente, o valor das passagens baixou e o movimento culminou em uma manifestação com mais de 1 milhão de pessoas na Avenida Presidente Vargas, principal avenida do centro do Rio de Janeiro, o que não ocorria há pelo menos 20 anos. As manifestações ainda continuaram por alguns meses e agregaram outras pautas como a Comissão Parlamentar de Inquérito dos ônibus. Ver Maricato *et al.* (2013).

⁹ No Brasil, o debate sobre a democracia e a cidadania ganha centralidade a partir de 1985, com o fim da ditadura militar, e com a construção da Constituição de 1988, chamada de Constituição Cidadã. O entusiasmo em relação à democratização trouxe a crença de que todos os problemas seriam resolvidos rapidamente, mas ainda convivemos com problemas centrais na nossa sociedade tais como violência urbana, desemprego, analfabetismo, problemas como saneamento e falta de investimento em educação e saúde pública. Os problemas com as grandes desigualdades sociais e econômicas permanecem e os mecanismos e agentes do sistema democrático atual perdem a confiança dos cidadãos (CARVALHO, 2013: 8).

¹⁰ O termo cidadania ganhou espaço na sociedade e é hoje utilizado em diferentes contextos e sentidos, muitas vezes evidenciando projetos de sociedade diferentes e, em alguns casos, apagando o seu sentido original e inovador. Dagnino (1994) destaca duas dimensões da emergência, principalmente após 1980, de uma nova noção de cidadania: a primeira, de que ela está ligada aos movimentos sociais e “*a luta por*

eles faz parte de uma “euforia” transitória provocada pelas eleições ou o aprofundamento de um “novo repertório” e modo de ação política?

O objetivo é investigar como se deu o engajamento de jovens durante a campanha e como se desenvolveram as suas trajetórias políticas após as eleições. A mobilização juvenil em processos institucionais – como no caso da *Primavera Carioca* – nos trazem novos elementos a serem considerados em análises que sustentam uma suposta “despoliticização” e descrédito desses sujeitos frente às formas de institucionalidade tradicionais. Sendo assim, parte-se do pressuposto de que a participação política¹¹ da juventude na atualidade ocorre de diferentes formas e que, de certo modo, a chamada *Primavera Carioca* confluiu diferentes redes juvenis por um debate e projeto de cidade.

Juventude, participação, militância e engajamento político: algumas aproximações¹²

Juventude é um conceito recente e sua percepção enquanto categoria social ganhou força em meados do século XX, serviu muitas vezes para simbolizar uma categoria social sempre disposta a questionar os valores sociais e a sociedade de modo geral, simbolizando o rebelde, o novo e outras características similares. A juventude não é uma categoria estática e está sempre ligada ao contexto histórico e social do seu tempo, está sempre se renovando.

direitos – tanto o direito à igualdade quanto o direito à diferença – constituiu a base fundamental para a emergência de uma nova noção de cidadania”. A segunda dimensão é a que essa experiência agregou de forma ampla na construção da democracia, de sua política e teoria, especialmente após a crise do socialismo real (DAGNINO, 1994). Dagnino aponta um terceiro elemento a ser considerado na noção de cidadania, ligado a noção de cultura e política, para a emergência de “*sujeitos sociais de novo tipo e de direitos de novo tipo, a ampliação do espaço da política, essa é uma estratégia que reconhece e enfatiza o caráter intrínseco e constitutivo da transformação cultural para a construção democrática*” (DAGNINO, 1994). Segundo Habermas (2000), a cidadania democrática para exercer a função integradora tem que ir além de uma simples condição jurídica, levantando diversas indagações sobre como é capaz de funcionar atualmente, em sociedades cada vez mais complexas e diversificadas.

¹¹ Nesta dissertação, utilizamos a concepção de “participação política” semelhante à usada por Giacomo Sani em verbete no *Dicionário de Política*: “Na terminologia corrente da ciência política, a expressão Participação Política é geralmente usada para designar uma variada série de atividades: o ato do voto, a militância num partido político, a participação em manifestações, a contribuição para uma certa agremiação política, a discussão de acontecimentos políticos, a participação num comício ou numa reunião de seção, o apoio a um determinado candidato no decorrer de uma campanha eleitoral, a pressão exercida sobre um dirigente político, a difusão de informações políticas e por aí além. É fácil de ver que um tal uso da expressão reflete praxes, orientações e processos típicos das democracias ocidentais” (SANI In: BOBBIO, MATTEUCCI e PASQUINO, 2004).

¹² O objetivo não é fazer um extenso levantamento, mas apenas apresentar algumas aproximações sobre esses conceitos que possam ajudar nas análises da pesquisa.

Historicamente, é um fenômeno típico da sociedade moderna; nas sociedades ditas tradicionais a passagem da infância para a vida adulta se dava muitas vezes sem períodos de transição. Com o advento das sociedades modernas, com a mudança da sociedade agrária para a sociedade urbana/industrial no século XIX, abre-se o conceito de juventude como uma fase de transição, efeito da maior longevidade da população urbana, mas sem limites precisos e nem demarcada por nenhum ritual social (CATANI e GILIOLI, 2008: 15).

A definição da infância e da juventude, enquanto fases particulares da vida, vão além da construção cultural com o processo de escolarização das crianças. A partir de fins do século XIX, torna-se também uma categoria administrativa e, também, jurídica e institucional, mesmo que ainda abrigue fortes diferenças sociais em seu interior (PERALVA, 1997).

O marco da sociologia da juventude se dá na década de 1920 nos EUA, com a Escola de Chicago. Eles privilegiaram a investigação das disfunções ou anomia para compreender condutas juvenis próximas da delinquência ou do crime, muitas vezes articulados em grupos/gangues. Após a Segunda Guerra Mundial, novas orientações romperam com essa tradição e enfatizaram o potencial contestador e rebelde nos segmentos juvenis, em especial, na participação estudantil ou suas práticas culturais (SPOSITO, 2000).

Karl Mannheim (1968) se destaca pela preocupação central no potencial de mudança social da juventude e de transformação da sociedade. Porém, o exame da condição juvenil como problema social não desapareceu da preocupação de vários setores sociais e da produção acadêmica (SPOSITO, 2000).

No sentido de situar as produções sobre juventude no Brasil, os clássicos estudos da Sociologia da Juventude têm como alicerce as produções de Marialice Foracchi, que concentrou suas análises em torno da participação da juventude no movimento estudantil e partidos políticos nas décadas de 1960 e 1970. Durante os anos 1980 o tema da juventude perdeu visibilidade, sendo dada mais ênfase às questões da infância e adolescência.

O próprio termo “juventude” suscita debates e, segundo Sposito (1997), encerra um problema sociológico passível de investigação, já que os critérios que a constituem como sujeito são históricos e culturais. Esta autora coloca que, apesar de um reconhecimento na maior parte das análises em torno da condição de transitoriedade

como elemento para a definição do jovem, outros elementos se destacam: o modo como se dá esta passagem, sua duração e características.

Em “A ‘juventude’ é apenas uma palavra”, Bourdieu (1983) já dizia que as divisões entre as idades são arbitrárias, pois este é um objeto de disputa presente em todas as sociedades. Estas divisões etárias variam e são objeto de manipulações. O autor atenta para as diferenças entre as juventudes, chamando a atenção para as suas diversas condições de vida.

Segundo Carrano (2000) é bastante comum que a categoria juventude seja definida por critérios relacionados com a cronologia etária, imaturidade psicológica e irresponsabilidade. Ele observa que seria mais adequado “*compreender a juventude como uma complexidade variável, que se distingue por suas muitas maneiras de existir nos diferentes tempos e espaços sociais*” (CARRANO, 2000: 12). Para ele, na sociedade contemporânea ser jovem não é somente uma condição biológica, mas uma maneira de definição cultural.

Para Castro (2009) é central o debate sobre a categoria “juventude”, em meio a tantas definições, concepções e, até mesmo, formas de atuação do poder público. A autora alerta que a categoria tende a ser substantivada e adjetivada, desconsiderando a busca da autopercepção e formação de identidades dos “jovens”, acrescentando ainda que o:

olhar quase heroico sobre juventude perpassa muitos trabalhos sobre o tema, nos quais a juventude aparece como agente de transformações sociais, e o jovem, como ator social privilegiado. Mesmo quando se faz a crítica à substancialização ou a predefinições etárias, em muitos casos vemos ser reforçada a característica transformadora inerente ao jovem (CASTRO, 2013: 51).

Abramo e Venturi (2000) dividem em duas ideias básicas as concepções de juventude:

[...] a primeira consiste em considerá-la uma fase de passagem no ciclo da vida, situada entre o período de dependência, que caracteriza a infância, e a posterior autonomia adulta. A segunda é a que atribui aos jovens uma predisposição natural para a rebeldia, como se fossem portadores de uma essência revolucionária.

A concepção de juventude como passagem, segundo estes autores, parte do reconhecimento de que se trata de um período de transformações, logo, de buscas e definições de identidade, de valores e ideias, de modos de se comportar e agir. Um momento de instabilidade, de intensidade, arrojamento, turbulência e descaminhos,

sugerindo que tal momento de transição deva ser centrado na preparação da vida futura, em especial com a formação escolar, para garantir uma adequada inserção social (ABRAMO e VENTURI, 2000).

Especialmente na tradição da esquerda, criou-se uma forte relação entre a ausência de compromissos sociais com uma maior disponibilidade dos jovens para atuação nas questões culturais e políticas (ABRAMO e VENTURI, 2000), o que foi sublinhado na citação a seguir:

Assim, a juventude passou a ser definida como essencialmente rebelde, revolucionária, sempre pronta a propor utopias transformadoras – concepção já presente no início do século XIX, que se renova e se consolida nos anos 60 deste século, com a mobilização juvenil, de dimensão internacional. Expressa nas imagens do hippie em comunidades alternativas ou do estudante em passeata (ABRAMO e VENTURI, 2000).

Para Abramo e Venturi (2000) essas concepções são insuficientes para fazer qualquer diagnóstico ou consideração sobre os jovens no Brasil de hoje. A maioria deles tem obrigações e compromissos de ordem econômica e familiar por não terem condições de se livrar deles, como destaca a passagem que se segue:

Os dramas, riscos e desvios tomam o primeiro plano da caracterização, cunhando a imagem de um jovem ora como vítima, ora como produtor de gravíssimos problemas sociais: as drogas, o crime, a prostituição, a gravidez precoce, a violência das gangues etc.

Assim, para estes autores, não se pode dizer que o que caracteriza a situação juvenil nas áreas metropolitanas brasileiras hoje é a condição de estudante. Por outro lado, não é possível dizer que o trabalho apareça somente como negação desta condição.

A partir dos anos 1980 foi possível notar o enfraquecimento dos atores estudantis e da juventude na cena política, os modelos de atuação política das décadas anteriores são considerados como referência e as outras manifestações políticas ainda não consideradas formas de militância (ABRAMO, 1997). Hoje se tem a impressão de que a atual geração dos jovens parece estar em um polo oposto, comparados com a das décadas de 1960 e 1970, com relação à postura rebelde e revolucionária e o compromisso político (ABRAMO e VENTURI, 2000), como se depreende na passagem abaixo:

Parte das análises, cujo modelo simbólico muitas vezes está radicado em 1968, reconhece o arrefecimento do movimento estudantil que atinge grande parcela dos atuais alunos do ensino superior e médio, mas não considera o quadro de crise das formas tradicionais de ação no sistema

político institucional que atinge o conjunto da sociedade. Essa crise anuncia, há alguns anos, processos de mutação que projetariam outras relações com o campo da política, imprimindo novos significados à própria noção de participação ou de militância política (SPOSITO, 2000: 78).

Sposito (2000) cita pesquisas realizadas em países europeus na década de 1990, as quais confirmam a tendência de um afastamento dos jovens dos sindicatos (mas não sua negação), desconfiança em relação aos partidos políticos (mas o reconhecimento de um interesse) e a busca de uma política sem rótulos tradicionais.

Abramo observa a constante preocupação de diferentes atores políticos com a juventude, mas observa que esta é uma preocupação mais relacionada ao afastamento dos jovens dos espaços e canais de participação política, preocupados com a renovação no interior dessas organizações, mais do que tratar e incorporar temas levantados pelos próprios jovens (ABRAMO, 1997).

Segundo Ribeiro (2004) a política é uma área desenergizada em nosso tempo e a novidade tem vindo de fora dela. Para ele, a novidade vem, sobretudo, dos movimentos sociais e da indignação ética, como explicita o texto em seguida:

A ecologia é um dos grandes exemplos dessa indignação moral. Ela implica nos preocuparmos com mais do que a humanidade. Está levando a redefinir os direitos, e mesmo os direitos humanos [...]. O cerne da simpatia pelas ONGs se deve ao fator ético que sentimos estar presente numa ação voluntária em proveito de pessoas carentes (RIBEIRO, 2004: 29-30).

O essencial hoje não é passar da inconsciência política para consciência política, porém, sim, o fato de que a política se alimenta da novidade. O decisivo hoje não é o ponto de chegada, mas o ponto de partida (RIBEIRO, 2004).

Lechner (1990) acrescenta que o desencanto atual se refere ao estilo gerencial-tecnocrático de se fazer política. Não é exatamente um desencanto com a política, mas com o modo de se fazer política e criar uma identidade coletiva.

A pesquisa realizada pelo Núcleo de Opinião Pública da Fundação Perseu Abramo ressalta haver *“um grau de auto-organização e mobilização em torno de atividades culturais e de lazer que, embora minoritário, supera a participação em atividades de cunho político, pelos diferentes canais institucionais disponíveis”*. Além disto, a pesquisa sugere que não são os jovens que não sabem a relevância da política, *“mas antes a forma predominante de se fazer política no país que não os reconhece*

como interlocutores, gerando em muitos deles indiferença e aversão” (ABRAMO e VENTURI, 2000).

Ao mesmo tempo em que a juventude dos anos 1990 se afastou de uma militância mais institucionalizada, ocorre o aumento em outros tipos de ações coletivas, o que fica claro na passagem a seguir:

Os(as) jovens brasileiros têm emitido sinais, mais ou menos visíveis, da negação frente a formas tradicionais de participação, tais como as que se expressam pela filiação a partidos, sindicatos e organizações estudantis. No entanto, ações coletivas juvenis deixam de ser notadas ou valorizadas devido ao caráter descontínuo, tópico e muito frequentemente desprovido de ideologias facilmente reconhecidas – esquerda e direita, por exemplo – do qual se revestem. Entretanto, as novas formas e temas pelos quais os (as) jovens se mobilizam na esfera pública também indicam o quadro de crise das formas tradicionais de participação e socialização política (Juventude Brasileira e Democracia: Participação, Esferas e Políticas Públicas. Relatório Final, 2005: 9).

Pode-se dizer que a juventude tem estado presente de um modo geral como uma categoria propícia para simbolizar os dilemas da contemporaneidade, tanto para a opinião pública como no pensamento acadêmico. A década de 1990 revelou a presença de várias figuras juvenis nas ruas, envolvidas em diversos tipos de ações individuais e coletivas; sendo a maior parte dessas ações ligadas aos traços do individualismo, da fragmentação e à violência. Os jovens aparecem como a encarnação de todos os dilemas e dificuldades com que a sociedade tem se enfrentado (ABRAMO, 1997).

Como já afirmado acima, durante os anos 1990 a juventude buscou outras formas de participação diferentes das mais tradicionais. Estas têm tido dificuldades de serem reconhecidas como efetivamente formas de participação política e a sociedade procura apontar para os jovens como desinteressados. Porém, a grande dificuldade vem da própria política em se diversificar frente às novas formas de expressão.

Na opinião de Sposito (2000), observam-se dificuldades de compreensão da crise de participação estudantil presentes em alguns estudos. Para a autora, é necessário considerar que, paralelamente à ocorrência dessa lacuna teórica, foram criadas múltiplas representações sociais no senso comum, que constituíram um modelo de ação coletiva de jovens referenciado em práticas de participação clássicas, excluindo outras possibilidades de análise.

A partir do final dos anos 1990 a juventude começou a ganhar uma considerável atenção, que só vem aumentando em todos os espaços, inclusive no acadêmico. Segundo Abramo (1997) *“só recentemente tem ganhado certo volume o*

número de estudos voltados para a consideração dos próprios jovens em suas experiências, suas percepções, formas de sociabilidade e atuação". A autora ressalta a dificuldade que a maioria das abordagens em torno dos jovens encontra em considerar estes efetivamente como sujeitos,

as questões elencadas são sempre aquelas que constituem os jovens como problemas (para si próprios e para a sociedade) e nunca, ou quase nunca, questões enunciadas por eles, mesmo por que, regra geral, não há espaço comum de enunciação entre grupos juvenis e atores políticos. Nesse sentido, o foco central do debate concentra-se na denúncia dos direitos negados (a partir da ótica dos adultos), assim como a questão da participação só aparece pela constatação da ausência (ABRAMO, 1997: 28).

Os jovens quase nunca são relacionados como sujeitos capazes dos processos de invenção e negociação de direitos. Para Abramo (1997) esta dificuldade está relacionada à formulação de direitos sociais na sociedade brasileira, ao modo como as diferenças sociais têm conseguido se transformar em alteridades políticas, ao modo como se processam a constituição de espaços de conflito e negociação política na sociedade brasileira e, de uma maneira mais geral, ao modo como a juventude tem sido tematizada na sociedade ocidental contemporânea.

Um desafio que se apresenta, segundo Carrano (2000), é o de conseguir dialogar e também compartilhar os sentidos culturais das várias redes sociais da juventude. Assim, para ele, analisando as práticas culturais e educativas dos jovens, podemos reconhecer que existem muitas juventudes e com isto caracterizar as diferentes *"experiências, suas amplitudes, limitações e desafios socioculturais que se apresentam para a definição das políticas sociais"* (CARRANO, 2000: 26).

Os estudos atuais vêm se concentrando nos múltiplos aspectos das culturas juvenis, trazendo uma lacuna nos estudos sobre a participação dos jovens na arena política, principalmente nos espaços mais tradicionais (BRENNER, 2011).

No Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira (SPOSITO, 2009) foram analisadas teses e dissertações das áreas de Educação, Ciências Sociais e Serviço Social entre 1999 e 2006. Nos estudos sobre jovens e participação política observou-se que não havia pesquisas sobre jovens em espaços considerados mais tradicionais de militância política, como partidos políticos e sindicatos, e nem sobre jovens profissionais da política. Os analistas também concluíram que:

No entanto, se algo sobre as relações dos jovens com a política pode-se anunciar, a partir desse conjunto da produção discente, fica ainda muito obscura a distinção analítica entre a esfera da participação política nos

sistemas institucionais, o campo político em senso estrito e as novas formas da ação coletiva no interior das teorias sobre os movimentos sociais e culturais. Essas práticas emergentes, ao serem estudadas, poderiam alargar a própria noção da política, [...], porque interrogariam sobre as possibilidades de construção coletiva de novos conflitos e de formação de dissensos no âmbito da experiência dos jovens brasileiros (SPOSITO, BRENNER e MORAES, 2009: 199).

Existem muitos pontos de partida sobre o debate dos sentidos do termo juventude e Abramo (2005) chama a atenção para o que se foca nas condições e possibilidades da participação dos jovens na conservação ou transformação da sociedade, como os jovens podem vir a interferir no destino do país e também nas questões singulares que os afetam, examinando seus valores, opiniões e a atuação social e política.

Nesta dissertação, reconhecendo que existem muitas juventudes e diversas formas de engajamento e participação, não tenho a pretensão de falar de toda a juventude, mas de alguns jovens que atuaram especificamente nessa campanha política, jovens da chamada *Primavera Carioca* da eleição de 2012 que participaram de uma mobilização e engajamento específicos dentre as tantas formas possíveis.

O engajamento “*se delinea na disposição dos agentes para tomar posição sobre ‘temas’ e ‘problemas’ variados a partir de domínios igualmente diversos*” (REIS, 2007: 10). Desta forma, será analisada a experiência de engajamento de alguns jovens na referida campanha. O processo de engajamento “*independentemente do lugar e da atividade exercida envolve um sentido de intervenção e de inserção na realidade que define suas ações e relações*” (REIS, 2007: 10), neste sentido, o objetivo é entender como foi se delineando a trajetória de inserção desses jovens na campanha e os caminhos tomados após esse período, além das suas relações, escolhas e sentidos constituídos e transformados nesse processo.

É importante destacar que:

O engajamento e o militantismo, embora encerrem sentidos ligeiramente diversos, podem ser definidos como a aproximação entre indivíduos e grupos de interesses constituídos. [...] O militantismo, embora englobe a definição de engajamento o amplia, ganhando a dimensão de dedicação sistemática a uma causa ou ação (BRENNER, 2013:1).

Pretende-se demonstrar que o envolvimento de jovens em processos institucionais – como no caso da chamada *Primavera Carioca* – nos traz novos elementos a serem considerados em análises que sustentam uma suposta

"despolitização" e descrédito desses sujeitos frente às formas de institucionalidade tradicionais. Assim, desconstruindo teses tão propagadas pelo senso comum e pela mídia sobre despolitização juvenil, é importante deixar claro que a juventude é uma categoria que não é una, nem homogênea. Deste modo, os jovens que participaram da *Primavera Carioca* são parte de uma juventude específica dentre tantas juventudes e este fenômeno pode nos ajudar a compreender algumas rupturas e continuidades da participação política juvenil na atualidade.

Os caminhos escolhidos e percorridos na pesquisa

O surgimento da proposta de pesquisa se deu inicialmente pelo meu envolvimento, durante a graduação, com o movimento estudantil, quando percebi a pouca participação dos estudantes nos tradicionais espaços de militância, como nas assembleias estudantis, nos centros acadêmicos e no diretório central dos estudantes. Além disto, participei como bolsista de iniciação científica no Observatório Jovem do Rio de Janeiro¹³, experiência acadêmica que despertou meu interesse pelas questões da juventude como objeto de estudo e pela qual iniciei meus estudos e pesquisas no âmbito deste tema.

Ao fazer minha pesquisa para a monografia e a partir das leituras em torno deste debate, pude perceber a predominância, na contemporaneidade, de formas diferentes de participação política dos jovens, como a crescente participação nos meios culturais, movimento negro, feminista, diversidade sexual, dentre outros, como forma de inovação política.

Durante a graduação me filiei ao PSOL e militei no partido durante boa parte do tempo que estive na UFF. Ao terminar a faculdade, afastei-me das atividades do partido e isso perdurou por alguns anos. Nas eleições de 2012, eu ainda não havia retornando à militância partidária, mas me interessei pela proporção que tomou a campanha do PSOL à prefeitura do Rio de Janeiro. Como ex-militante do movimento estudantil, sabia das dificuldades de mobilização dos jovens, que muitas vezes falavam que não acreditavam mais na militância partidária. O grau de mobilização e debate que o processo em torno

¹³ No Observatório Jovem do Rio de Janeiro fui bolsista de iniciação científica do Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) no projeto "Juventude e Poder Local na Região Metropolitana do Rio de Janeiro" do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), sob orientação do professor Paulo Carrano.

de uma campanha política no quadro institucional, tendo no engajamento juvenil seu maior protagonismo, despertou meu interesse enquanto objeto de estudo.

Nesse primeiro momento, em especial, alguns pontos chamaram a minha atenção:

1- A assembleia *Sou Jovem e Fecho com Freixo*, que reuniu cerca de três mil jovens, segundo os organizadores, na Cinelândia, quando a intenção era lotar apenas o auditório da ABI;

2- A campanha no *Facebook*, quando vi amigos que não eram do PSOL e que nunca demonstraram interesse por questões sobre política ou que tinham um discurso “antipartido”, começaram a compartilhar e fazer campanha do candidato a prefeito Marcelo Freixo e alguns até trocavam seu sobrenome do perfil do *Facebook* para “Freixo”, demonstrando apoio;

3- O número de pessoas andando pelas ruas com a camiseta da campanha *Nada deve parecer impossível de mudar* ou com algum *botton*. Presenciei muito jovens, especialmente secundaristas, recém-saídos de escolas, que trocavam o uniforme escolar pela camiseta do movimento da campanha.

Já ao final do período eleitoral, comecei a participar de algumas atividades, motivada pela curiosidade relacionada à mobilização da campanha e a ideia do projeto de pesquisa começou a surgir.

Na primeira etapa da pesquisa realizei um levantamento bibliográfico sobre o conceito de juventude, aproximando o objeto de estudo à formação do quadro teórico. Busquei também publicações mais recentes sobre o tema de juventude, engajamento e participação política; a intenção não era esgotar esses temas, mas que a análise dessas referências bibliográficas ajudasse na formação de um olhar sobre a categoria e as questões desta pesquisa. Concomitantemente a esta etapa, fiz um levantamento documental da campanha do Marcelo Freixo para a prefeitura do Rio de Janeiro com base nos registros em veículos de comunicação, materiais de divulgação da campanha e documentos internos do partido e movimentos.

Além disso, um pouco antes das eleições terminarem, iniciei a minha observação participante. Como já conhecia algumas pessoas que estavam atuando na campanha, procurei me inserir em algumas atividades e depois em um núcleo de base do PSOL ligado à região da Grande Tijuca, onde moro, na cidade do Rio de Janeiro. A minha participação nesse espaço foi fundamental para acompanhar as trajetórias dos jovens que entraram para o partido logo após as eleições. Sobre a minha proximidade em

relação àquele espaço político, ao ambiente relacional e também geracional que estavam envolvidos, o trecho abaixo se torna muito oportuno para a reflexão:

Com efeito, quando se trata de questões sociais, nossas reflexões sempre estarão grávidas de historicidade, permeadas de trajetórias pessoais, “comprometidas” por múltiplas escolhas e tomadas de posições políticas. Conscientes da particularidade da relação sujeito/objeto nas ciências sociais, o que nos cabe é empreender esforços de “objetivação”. Isso significa empreender esforços para explicitar contextos e mapear disputas presentes na construção de nossos objetos de estudo (NOVAES, 2011: 343).

A observação participante coloca diversos desafios aos pesquisadores, que muitas vezes têm que se deslocar para áreas desconhecidas, como no clássico *A Sociedade de Esquina* (2005). William Foote White analisa um bairro italiano, que chama de Cornerville, passando a viver naquele local para realizar o trabalho de campo, cruzando a fronteira entre o familiar e o desconhecido. Para ele, as respostas sobre a vida naquele bairro necessitavam do mais íntimo contato com a vida local, por isso, mudou-se para Cornerville e passou a participar de suas atividades.

No caso do meu trabalho de campo, o desafio foi diferente, foi deixar-me surpreender pelo que era familiar. Com isso, procurei relativizar as situações que vivenciava, além de fazer uma reflexão mais sistemática. Assim, como Gilberto Velho (2013),

acredito que seja possível transcender, em determinados momentos, as limitações de origem do antropólogo e chegar a ver o familiar não necessariamente como exótico mas como uma realidade bem mais complexa do que aquela apresentada [...]. O processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações (VELHO, 2013: 78).

Gilberto Velho acrescenta ainda que:

A “realidade” (familiar ou exótica) sempre é filtrada por determinado ponto de vista do observador, ela é percebida de maneira diferenciada. Mais uma vez não estou proclamando a falência do rigor científico no estudo da sociedade, mas a necessidade de percebê-lo enquanto objetividade relativa, mais ou menos ideológica e sempre interpretativa. Esse movimento de relativizar as noções de distância e objetividade, se de um lado nos torna mais modestos quanto à construção do nosso conhecimento em geral, por outro lado permite-nos observar o familiar e estudá-lo sem paranoias sobre a impossibilidade de resultados imparciais, neutros (VELHO, 2013: 75).

Após o período do trabalho de campo, a pesquisa foi desenvolvida adotando a perspectiva de investigação qualitativa, com a realização de entrevistas individuais na forma semiestruturada junto a jovens que participaram ativamente da campanha, a maior parte dos entrevistados, inclusive, sequer estavam filiados a partido político¹⁴. Além disto, fiz também uma experiência de netnografia, trabalho de campo virtual que será abordado no primeiro capítulo, sobre a *Assembleia Sou Jovem e Fecho com Freixo*.

O objetivo principal das entrevistas é compreender o fenômeno de engajamento e mobilização de jovens nesse pleito. Para tanto, busquei investigar a experiência militante anterior desses jovens, como se engajaram nas eleições municipais, se houve seguimento ou não nesse engajamento, como é vista por esses jovens a militância em espaços mais tradicionais e institucionais de atuação política, em oposição a outros espaços de militância mais desvinculados da institucionalidade. As perguntas das entrevistas foram amplas e não diretivas para possibilitar a compreensão de como os jovens se inseriram e se engajaram na campanha, além de permitir reconstruir suas trajetórias após o engajamento, suas escolhas e as mudanças que foram surgindo nesse processo.

Nas entrevistas, os jovens contam suas próprias histórias de engajamento e militância a partir da pergunta geradora “O que você se lembra da campanha eleitoral de 2012?”. A pergunta ampla foi no sentido de deixar os entrevistados contarem as suas próprias histórias e refletirem sobre suas atitudes e escolhas. A visão sobre os últimos dois anos é o elemento mais importante de interpretação para a pesquisa, como Clifford R. Shaw aponta em seu livro *The Jack-roller: a delinquent boy's own story* quando faz um estudo de caso sobre a carreira de um jovem rapaz delinquente durante 6 anos, demonstra a importância e o valor da *own story*. Na pesquisa, o importante não era a veracidade e a objetividade das histórias contadas pelo menino, mas como o jovem delinquente refletia sobre as suas atitudes e interpretações.

Dessa maneira, nesta dissertação, a reflexão também é na perspectiva de que os jovens contem suas próprias histórias de engajamento; reconstruindo os sentidos, atitudes e escolhas durante esse processo de aproximação da militância até sua decisão por filiação ou não no partido e as influências no caminho. Nesta perspectiva, é importante também colocar o conceito de *ilusão biográfica* do Bourdieu (1996) em que toda história de vida é uma ilusão biográfica, sempre uma narrativa posterior, uma

¹⁴ Está sendo utilizado como franja etária jovens entre 15 e 29 anos à época da eleição, bem como aqueles que se considerem participantes daquele movimento.

construção. Os fatos narrados pelos sujeitos levam em conta o momento em que é falado e até mesmo o interlocutor.

Beatriz Heredia e Moacir Palmeira “*chamam a atenção para a política tal como ela é experimentada dentro de um universo cultural e histórico específico. [...] A investigação antropológica da política passa a concentrar-se não o isolamento de temas e fenômenos, mas justamente no seu entrelaçamento*” (KUSCHNIR, 2007: 33). Nesta perspectiva, aqui serão abordados diferentes temas dentro dos capítulos, dessa forma, eles foram surgindo e se entrelaçando durante as entrevistas.

A dissertação é dividida em 3 momentos: no capítulo 1, é apresentada a minha “entrada” na pesquisa, a partir da experiência de netnografia, durante o meu trabalho de campo virtual, serão analisadas as fotos, os relatos e experiências de jovens sobre a *Assembleia Sou Jovem e Fecho com Freixo*. No segundo capítulo será apresentada a campanha da *Primavera Carioca*, o trabalho de campo realizado e as percepções dos jovens entrevistados sobre a campanha, as lembranças, como se engajaram, emoções e momentos difíceis naquele período. O terceiro capítulo trata das trajetórias dos jovens entrevistados, os caminhos após as eleições, percepções sobre “ser jovem” num partido político, as mudanças no percurso, família, escola e universidade. Por último, serão apresentadas as sínteses nas Considerações Finais.

A ideia da dissertação não foi encerrar nenhum desses temas de debates, mas de colocar mais elementos e questões para reflexão. Dessa forma, pretende-se contribuir com o atual debate em torno do tema da juventude e engajamento político.

Capítulo 1

“Sou Jovem e Fecho com Freixo”: Uma experiência de netnografia

Não esqueço daquele dia em que fui para a ABI. Já estava lotadíssimo e não tinha nem mais como subir. Disseram-me que estavam pensando a possibilidade de fazer na Cinelândia. Foi o que aconteceu.

Era uma profusão de gente, adesivos e panfletos. Era também uma profusão de esperanças e vontades de poder decidir, de poder escolher. (Rodrigo¹⁵)

No dia 16 de agosto de 2012, jovens faziam fila em frente à Associação Brasileira de Imprensa (ABI) para uma assembleia de apoio e debate com um dos candidatos à Prefeitura do Rio de Janeiro à época, o deputado estadual Marcelo Freixo. O auditório já lotado e a fila aumentando fez com que todos descessem as escadas do prédio da ABI, chegando à rua e chamassem outros jovens para, juntos, irem caminhando para a Cinelândia e lá iniciaram um *comício espontâneo*; um deles, ao microfone, disse em tom de emoção: *Há quanto tempo não vemos um comício espontâneo na Cinelândia?*¹⁶ Três mil jovens¹⁷ estavam ali para discutir uma candidatura e suas propostas para a juventude da cidade do Rio de Janeiro.

Havia alguma coisa diferente naquela campanha em comparação às últimas eleições recentes e, para mim, esse foi o momento da “entrada” na minha pesquisa, como em *Um jogo absorvente: Notas sobre a briga de galos balinesa* (GEERTZ, 2008), quando uma situação inusitada colocou os pesquisadores em uma nova perspectiva em seu trabalho de campo. No caso do *comício espontâneo*, esse evento foi fundamental para a possibilidade e o interesse de realizar uma pesquisa sobre a mobilização de jovens naquele momento político, “isso colocou-me em contato direto com uma combinação de explosão emocional, [...] de grande significação para a sociedade cuja a natureza eu desejava entender” (GEERTZ, 2008: 188), assim como, para a

¹⁵ O nome dos(as) participantes do grupo do *Facebook* e os nomes por eles citados foram trocados para evitar qualquer possível constrangimento. Na tabela 1 do anexo III da dissertação, encontra-se alguns dados sobre o perfil dos(as) participantes do grupo dos quais depoimentos e/ou relatos foram utilizados nesta dissertação. Nem todas as informações foram encontradas no perfil dos participantes na rede social.

¹⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=HLlQegiIsSo> Acesso em janeiro 2014.

¹⁷ Número divulgado pelos organizadores.

mobilização da própria campanha, esse também foi um momento decisivo. Dessa maneira, esta foi a minha “entrada” na pesquisa sobre o engajamento de jovens na *Primavera Carioca*.

A chamada *Assembleia de Jovens com Freixo* foi convocada principalmente pela rede social *Facebook* no evento *Sou Jovem e Fecho com Freixo - 16/8*¹⁸. A descrição da atividade de campanha se referia a “*um encontro das juventudes do Rio de Janeiro com Marcelo Freixo para debater o programa de juventude da sua candidatura*”, com o objetivo de “*reunir a juventude de cada bairro, escola, universidade, movimento artístico e social, para compartilhar ideias, lutas, esperança e ações*”, além disso, referia-se a uma resposta “*ao desafio proposto pelo Marcelo no lançamento da sua campanha, de fazer um dos maiores encontros de juventude que o Rio já viu*”. Nessa página do *Facebook*, havia cerca de 60 mil convidados, 4.500 confirmações e 1.300 que talvez fossem participar, assim como, comentários, fotos, vídeos, divulgação de outros eventos e grupos da campanha nas redes sociais. A imagem abaixo é uma das artes de divulgação do evento:



<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10204015294331546&set=pcb.304600639703584&type=1&theater> Acesso em Janeiro de 2015.

¹⁸ <https://www.facebook.com/events/433659756676557/>. Acesso em janeiro 2015.

Eu não estive presente, mas pude ver as fotos que colegas compartilhavam em suas páginas do *Facebook* e me perguntei por que eu também não estava lá; assim começou minha curiosidade, que depois se transformou no meu objeto de pesquisa. Como não estive presente, vou construindo este capítulo a partir de vídeos, páginas do *Facebook*, entrevistas, notícias de jornais e, principalmente, a partir de um grupo da pesquisa realizado através dessa mesma rede social, onde os jovens presentes naquele dia compartilharam relatos, depoimentos, fotos e vídeos. Assim, o objetivo deste capítulo é, por meio dessas fotos e relatos, entender o significado desse momento no engajamento, atuação e participação política desses jovens.

Trabalho de campo virtual: uma nova experiência de pesquisa

A partir de maio de 2014, iniciei o trabalho de campo virtual para esta dissertação, foi a minha primeira experiência de utilizar uma rede social como campo de pesquisa. A ideia surgiu na qualificação do projeto da dissertação de mestrado e teve por objetivo utilizar um grupo no *Facebook* para encontrar os participantes da *Assembleia de Jovens com Freixo*, utilizando o espaço de uma rede social, já tão integrada no cotidiano de muitos jovens, para que compartilhassem relatos e fotos que pudessem contribuir com a pesquisa.

Nos últimos anos, as transformações tecnológicas trouxeram mudanças relevantes na nossa forma de sociabilidade com novos modos de se relacionar e compartilhar informações, trazendo várias implicações e impactos sociais. Diversos equipamentos como computadores, celulares, telefones, *tablets* começaram a fazer parte do cotidiano, especialmente entre os jovens, trazendo novas ferramentas de comunicação com alcances a nível global. Castells (2013) afirma que essas transformações se ampliam para todos os domínios da vida social:

A contínua transformação da tecnologia da comunicação na era digital amplia o alcance dos meios de comunicação na era digital para todos os domínios da vida social, numa rede que é simultaneamente global e local, genérica e personalizada, num padrão em constante mudança (CASTELLS, 2013: 11).

A popularização da Internet¹⁹ no Brasil ainda é desigual, no entanto, a pesquisa *Agenda Juventude Brasil* (BRASIL, 2013) aponta que 80% dos jovens usam

¹⁹ Cristine Hine (2004) define, em seu nível elemental, a Internet como “uma forma de transmitir datos o bits de información de un ordenador a outro u otros. La arquitectura de Internet provee formas de dirigir

computador e/ou Internet; 89% dos jovens têm celular, 56% utilizam para sites de relacionamento e 43% para buscar notícias sobre a atualidade; mostrando a atual amplitude da utilização da Internet com fins de socialização e comunicação entre os jovens brasileiros. Além disto, a Internet aparece como o segundo meio (56%) pelos quais os jovens costumam se informar sobre o que acontece no país, ficando atrás apenas da televisão aberta (83%).

A Internet envolve uma série de atividades e ambientes como *e-mails*, *sites*, *blogs*, *Facebook*, *Twitter* e *Youtube* que podem ser utilizados de diversas maneiras dependendo dos contextos e práticas em jogo. Estas atividades são relacionadas a *postagens*²⁰, amigos virtuais, campanhas online, *memes*²¹, eventos, *hashtags*²², *tuitaço*²³, *curtidas*²⁴, entre outros termos. Os jovens vêm ocupando estes espaços virtuais em diferentes níveis e intensidade, não apenas para acessar informações ou se comunicar, mas para criar conteúdos, desde notícias em tempo real até a divulgação de trabalhos e eventos culturais. Isto tudo deve ser relacionado ao contexto histórico e cultural desta geração, que inseridos nestes ambientes reconfiguram seu cotidiano a partir dessas tecnologias e compartilham suas opiniões, críticas e formas de ver o mundo. Dessa forma, segundo Castells (2013):

Envolvendo-se na produção de mensagens nos meios de comunicação de massa e desenvolvendo redes autônomas de comunicação horizontal, os cidadãos da era da informação tornam-se capazes de inventar novos programas para suas vidas com as matérias-primas de seu sofrimento, suas lágrimas, seus sonhos e esperanças. Elaboram seus projetos compartilhando sua experiência. Subvertem a prática da comunicação tal como usualmente se dá, ocupando o veículo e criando a mensagem. Superam a impotência de seu desespero solitário colocando em rede seu desejo (CASTELLS, 2013:14).

Castells (2013) chama o uso da Internet e das redes sem fio como plataformas da comunicação digital de *autocomunicação*²⁵, apontando um novo conceito. Acrescenta

la información que se envía, de modo que pueda dividirse en paquetes, enviarse a lo largo de la Red y combinarse con otros recipientes” (HINE, 2004: 10).

²⁰ Publicações de textos, vídeos e fotos nas redes sociais.

²¹ É quando uma notícia, um vídeo, propaganda, foto etc. se espalham na internet através das redes sociais, blogs, e-mail etc.

²² Palavra-chave antecedida pelo símbolo # que viram hiperlinks dentro da rede e identificáveis pelos mecanismos de busca.

²³ Uma série de publicações identificadas por uma *hashtag* comum é disseminada pelas redes sociais.

²⁴ Identificar que gostou de alguma publicação no *Facebook*.

²⁵ Segundo Castells (2013), “Nos últimos anos, a comunicação em ampla escala tem passado por profunda transformação tecnológica e organizacional, com a emergência do que denominei autocomunicação de massa, baseada em redes horizontais de comunicação multidirecional, interativa, na internet; e, mais ainda, nas redes de comunicação sem fio, atualmente a principal plataforma de

ainda que a Internet é também comunicação de massa já que “*processa mensagens de muitos para muitos, com o potencial de alcançar uma multiplicidade de receptores e de conectar a um número infindável de redes que transmitem informações digitalizadas pela vizinhança ou pelo mundo*” (CASTELLS, 2013: 11). Com isto, a Internet pode ser usada de forma ampla e desimpedida com um grande alcance, utilizando, por exemplo, as redes sociais, como o autor afirma na citação abaixo:

Como os meios de comunicação de massa são amplamente controlados por governos e empresas de mídias, na sociedade em rede a autonomia de comunicação é basicamente construída nas redes da internet e nas plataformas de comunicação sem fio. As redes sociais digitais oferecem a possibilidade de deliberar sobre e coordenar as ações de forma amplamente desimpedida (CASTELLS, 2013:14).

Para Castells (2013), a Internet é uma plataforma privilegiada para a construção da autonomia. A *autocomunicação de massa* fornece elementos para a construção da autonomia dos atores sociais, atores tanto individuais quanto coletivos, em relação ao governo, à grande mídia e a outras instituições sociais.

No entanto, as ações nas redes sociais virtuais são rapidamente apropriadas e ressignificadas por outros meios de comunicação e por uma sociedade voltada para o consumo, dentro de uma gama infinita de informações, as repercussões são imprevisíveis e pouco controláveis (LANÊS, 2012). Por isso,

O contexto de produção na internet, via *blogs, sites*, redes sociais e outros, deve ser compreendido a partir de múltiplas relações. Se, por um lado, como indicam alguns autores (LEMOS, 2004; NAME, 2012), pode se dizer que este é um momento em que as mídias pós-massivas têm papel significativo, por outro, os meios de comunicação de massa, que produzem conteúdo a ser consumido, continuam a ter papel central na conformação de valores e de debates públicos, ao menos no Brasil. Ou seja, o debate sobre as alternativas abertas pela internet 2.0, pela possibilidade de produção de conteúdo, por exemplo, não deve mascarar o papel, ainda central, dos grandes meios de comunicação de massa, que continuam sendo propriedade de poucas famílias (LANÊS e ZANETTI, 2013).

Neste novo contexto, segundo Castells (2013), no cerne da sociedade em rede como nova estrutura social, é que os movimentos sociais do século XXI se constituem. As implicações sociais trazidas pelas novas tecnologias de informação e comunicação (NTICS) vêm reconfigurando e ressignificando também a participação política da juventude, trazendo grandes mudanças na forma de se convocar, articular e se realizar

comunicação em toda parte. Esse é o novo contexto, no cerne da sociedade em rede como nova estrutura social, em que os movimentos sociais do século XXI se constituem” (CASTELLS, 2013:158).

uma manifestação política. Nos últimos anos, as redes sociais protagonizaram grandes mobilizações em diversos lugares do mundo como, por exemplo, no Norte da África, em 2011, na *Primavera Árabe*, em Portugal, na Espanha e no Brasil nas mobilizações de junho de 2013.

Em todos esses novos movimentos, o papel das redes sociais, como *Facebook* e *Twitter*, na organização das manifestações foi importante. Na verdade, o Occupy Wall Street, o Movimento dos Indignados e o movimento Geração à Rasca são exemplos candentes da verdadeira globalização “dos de baixo”, que hoje se contrapõe à globalização dos “de cima” (ALVES, 2012).

Segundo Castañeda, “*dependendo da situação, a internet pode acelerar, viabilizar ou facilitar uma ação coletiva, bem como, por outro lado, na sua ausência pode atrasar, impedir ou dificultar determinadas mobilizações nas sociedades contemporâneas*” (CASTAÑEDA, 2012:5). Foi principalmente após 2011, que a mobilização através das redes sociais protagonizou grandes protestos, como se observa na seguinte passagem:

Houve algo de dionisíaco nos acontecimentos de 2011: uma onda de catarse política protagonizada especialmente pela nova geração, que sentiu esse processo como um despertar coletivo propagado não só pela mídia tradicional da TV ou do rádio, mas por uma difusão nova, nas redes sociais da internet, em particular o *Twitter*, tomando uma forma de disseminação viral, um boca a boca eletrônico com mensagens replicadas a milhares de outros emissores (CARNEIRO, 2012).

Pelos motivos expostos, as NTICS reconfiguram o espaço da participação política, ampliando possibilidades de atuação e engajamento político, especialmente entre os jovens, como se pode depreender na citação abaixo:

Com a ampliação do acesso ao mundo digital, grupos juvenis de origens diferenciadas passam a se conectar a redes que ampliam horizontes geográficos e sociais. Encontros entre jovens de classes, grupos, territórios urbanos, regiões do país e até nações diferentes foram evidenciando a existência de grupos, redes e movimentos que – de maneiras fluidas, horizontais, dinâmicas e multicêntricas – desenvolviam ações na dimensão da *cidadania* (NOVAES, 2011: 360).

Patrícia Lânes e Julia Zanetti também constataram, entre jovens ligados a movimentos culturais na Baixada Fluminense e jovens de diferentes favelas do Rio de Janeiro, a utilização das NTICS para “*fazerem chegar mais longe suas ideias, imagens e narrativas sobre a sua própria realidade, mas também sobre a cidade, o bairro, a favela que reivindicam para si*” (LÂNES e ZANETTI, 2013). Segundo as autoras, em relação à pesquisa que estavam realizando, os territórios aparecem também nas redes sociais: “*O físico e o virtual (ou o online e o offline) não são tratados como lugares*

distintos, mas como um continuum da experiência desta geração” (LÂNES e ZANETTI, 2013).

Igualmente se pode observar um aumento da importância das NTICS nas eleições recentes, principalmente a partir das eleições de 2010, tornando-se um espaço estratégico nas campanhas eleitorais, utilizado para compartilhar fotos, informações, vídeos, divulgação de eventos, discussão em fóruns e uma infinidade de possibilidades de inovação numa velocidade e alcance altíssimos. Nas eleições municipais de 2012 não foi diferente, especialmente a campanha do candidato Marcelo Freixo: pertencente a um partido pequeno e com menos recursos, obteve seu crescimento principalmente pela ampla capacidade que as redes sociais têm de compartilhar informações e ideias.

As novas tecnologias de informação e comunicação (NTICS) abrem um novo e amplo campo de pesquisa e metodologia nas Ciências Sociais com sua nova forma de comunicação e socialização. O debate e a literatura sobre as NTICS já são vastos e complexos, não é o meu objetivo neste capítulo me ater sobre eles, mas apenas explicitar sua importância na participação política e na campanha eleitoral de 2012. Por este motivo, resolvi me inserir nesse espaço das NTICS criando o grupo no *Facebook* onde jovens que estavam na *Assembleia de Jovens com Freixo* pudessem publicar seus relatos e fotos num ambiente que já estavam habituados a utilizar, “*uma postagem em comunicação mediada por computador é um importante dado de observação, capaz de ser digno de confiança*” (MONTARDO e PASSERINO, 2006:7). Além disso, fui registrando toda a experiência da criação e desenvolvimento do grupo em diário de campo²⁶ para que as informações e percepções não se perdessem e pudessem ficar registradas para o momento da escrita e reflexão da dissertação.

Quem foi à Assembleia de Jovens com Freixo?

“Quem foi à Assembleia de Jovens com Freixo?” foi o nome escolhido para o grupo criado por mim no *Facebook* (figura 1) e também a provocação inicial aos jovens que participaram da campanha. Um grupo nessa rede social é mais amplo que a sua página pessoal, pois nesse espaço pode-se compartilhar e debater com pessoas além do

²⁶ É importante destacar que “a comunicação analisada em netnografia é diferente da observada em etnografia tradicional porque: 1) é mediada por computador; 2) está disponível publicamente; 3) é gerada em forma de texto escrito; e 4) as identidades dos participantes da conversação são mais difíceis de serem discernidas (MONTARDO e PASSERINO, 2006:7). Ver: Maximo (2007), Montardo e Passerino (2006) e Hine (2004).

seu círculo de amizades virtual, sem precisar que elas se tornem suas amigas virtuais e acompanhem sua página pessoal. Para ser efetivamente um membro do grupo, publicando informações, a pessoa deve ser convidada ou solicitar sua participação que pode ser aprovada por qualquer outro membro.



Figura 1 - Grupo da pesquisa no Facebook.

Para ilustrar a página, procurei uma foto da Assembleia que não focasse no candidato (figura 2), mas nas pessoas que estavam presentes assistindo. Além disto, escrevi uma apresentação inicial explicitando o objetivo do grupo:

Olá,

Sou Beatriz, mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRRJ e estou pesquisando sobre o engajamento de jovens na Primavera Carioca na eleição de 2012. Criei este grupo para trocar algumas informações sobre o processo da campanha, em especial sobre a Assembleia de Jovens com Freixo, no dia 16 de agosto de 2012, que seria na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no entanto, terminou por reunir cerca de 3 mil jovens na Cinelândia.

Estou pedindo para aqueles que participaram para postar alguma foto no grupo e falar um pouco sobre o que se lembram desse dia.

Desde já agradeço. Sua participação será muito importante para a pesquisa!

Abraços,
Beatriz



Figura 2 – Foto escolhida como capa do grupo de pesquisa.

<http://www.virusplanetario.net/assembleia-da-juventude-com-freixo-lota-cinelandia/> Acesso em maio de 2014.

O grande desafio ao criar o grupo foi encontrar as pessoas presentes naquele dia e fazê-las se interessar em compartilhar suas percepções, experiências e fotos nesse espaço. Busquei o evento que divulgou a Assembleia em 2012 (figura 3) e havia cerca de 4.500 pessoas confirmadas e cerca de 1.300 pessoas que talvez fossem. A ideia inicial era convidar grande parte das pessoas que confirmaram presença, no entanto, o *Facebook* permitia que eu visse um número restrito de perfis dos confirmados e alguns deles não permitia receber mensagens de desconhecidos. Foram cerca de 500 mensagens enviadas, mas, ainda assim, a rede social colocou outros obstáculos a fim de evitar *spam*²⁷, por isto acredito que nem todos receberam o meu envio em sua caixa de mensagens principal.

²⁷ *Spam* é normalmente uma mensagem publicitária enviada em massa para um grande número de usuários.



Figura 3 – Página do evento *Sou Jovem e Fecho com Freixo* no *Facebook*.

As primeiras mensagens foram enviadas às pessoas que eu conhecia e que tinham confirmado presença no evento. Dessa forma, teria um número razoável de fotos e depoimentos para que, os que não me conheciam, vissem que o objetivo do grupo era estritamente acadêmico. Eu pedia aos convidados que compartilhassem alguma foto no grupo e escrevessem um pouco sobre o que se lembravam do dia da Assembleia *Sou Jovem e Fecho com Freixo*. Para as pessoas conhecidas, eu enviava a seguinte mensagem:

Olá, Tudo bem?

A minha pesquisa do mestrado é sobre o engajamento de jovens na Primavera Carioca na eleição de 2012. Criei um grupo para trocar algumas informações sobre o processo da campanha, em especial sobre a Assembleia de Jovens com Freixo em 2012 na Cinelândia.

Estou pedindo para aqueles que participaram para postar alguma foto no grupo e falar um pouco sobre o que se lembram desse dia.

O link para o grupo é:

<https://www.facebook.com/groups/298445273652454/>

Vou te adicionar no grupo, ok?

Convidei e enviei mensagens para cerca de 50 amigos meus do *Facebook* que estavam no evento da Assembleia e cerca de 30 responderam positivamente à possibilidade de fazer parte do grupo e logo foram adicionados.

Uma das minhas colegas convidadas me pediu um roteiro, que na verdade não havia, disse que ela podia escrever sobre o que se lembrava, o que a tinha emocionando nesse dia, o que a foto fazia lembrar, como ficou sabendo do evento. Alguns disseram que iam procurar fotos e outros disseram que não tinham, mas que poderiam publicar alguma coisa ou ajudar divulgando o grupo, alguns até mesmo foram adicionando novos participantes à página. Também havia aqueles que nem mesmo se lembravam se estavam lá naquele dia.

Mesmo com as dúvidas sobre a participação, ou mesmo os que respondiam que não estavam na Assembleia, a negativa sempre vinha com a lembrança de algum outro momento da campanha de que haviam participado. Um amigo se recordou da apuração, disse que cantou a música *a minha alma...*²⁸ e o Marcelo Yuka²⁹ (que estava na chapa como vice) chorou. Ele me contou desse momento com muito orgulho. Outro disse que não lembrava se havia participado desse dia, mas que estava atuando na campanha e poderia compartilhar essa experiência no grupo. Outro falou que se lembrava apenas do comício na Lapa: “*Eu não participei desse dia porque estava dando aula. Me lembro do último comício, com uma chuva danada, a gente achando que tudo ia dar errado e, de repente, com capas de chuva, iam chegando famílias inteiras!!!*” (Felipe). Alguns também disseram que não haviam ido ao dia da Assembleia, somente ao comício, todos se lembravam da chuva torrencial desse dia, o que não impediu o evento.

Entre os conhecidos, recebi algumas sugestões para divulgar a pesquisa em grupos de *Facebook* da época campanha. Primeiramente, publiquei no próprio evento *Sou Jovem e Fecho com Freixo* e depois publiquei nos seguintes grupos: *A ILHA É FREIXO!*, *Leopoldina com Freixo*, *Marcelo Freixo*, *Comitê Grande Méier – Freixo*, *Mandato Marcelo Freixo*, *Comitê Freixo 50 - Benfica/ Mangureira/ São Cristovão*, *Ilha com Freixo*, *Somos todos Freixo* e *Núcleo Anticapitalista 1º de Maio PSOL Grande Tijuca*.

Quando o grupo já tinha algumas contribuições, comecei a enviar mensagens para as pessoas que não conhecia e estavam confirmadas no evento *Sou Jovem e Fecho com Freixo*, com o seguinte texto:

Olá,
Sou Beatriz, mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRRJ e estou pesquisando sobre o engajamento de jovens na

²⁸ Música “Minha Alma (A Paz Que Eu Não Quero)” do grupo “O Rappa” do qual Marcelo Yuka foi integrante.

²⁹ Marcelo Yuka foi candidato a vice-prefeito. Ele é músico e foi baterista da banda O Rappa até ser baleado em um assalto em 2001, ficando paraplégico e impossibilitado de tocar bateria.

Primavera Carioca na eleição de 2012. Criei um grupo para trocar algumas informações sobre o processo da campanha, em especial sobre a Assembleia de Jovens com Freixo, no dia 16 de agosto de 2012, que seria na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no entanto, terminou por reunir cerca de 3 mil jovens na Cinelândia.

Estou pedindo para aqueles que participaram para postar alguma foto no grupo e falar um pouco sobre o que se lembram desse dia.

O link para o grupo é:

<https://www.facebook.com/groups/298445273652454/>

Desde já agradeço. Sua participação será muito importante para a pesquisa!

Abraços,

Beatriz

Como já relatei, tive vários obstáculos e um dos primeiros foi quando observei que, em alguns casos, a minha mensagem seria enviada a uma pasta específica chamada *outras*, pois haviam feito essa opção de privacidade no *Facebook*. Nesses casos, aparecia o seguinte aviso: *A sua mensagem será enviada para a pasta Outras de (nome da pessoa) porque você não está conectado a ele no Facebook*. Dessa forma, acredito que as mensagens foram consideradas *spam* e muitos não puderam ler a minha solicitação. Para uma minoria, sequer aparecia opção de enviar mensagens de desconhecidos.

Mesmo com os obstáculos, comecei a receber respostas de pessoas de fora do meu círculo de amizades virtuais. Em uma dessas respostas, logo entre as primeiras, uma jovem chegou a dizer que não tinha participado da Assembleia e nem da *Primavera Carioca*, disse que era *só do partido e só*. Pensando sobre a resposta me perguntei o que significava “ser do partido e só”. Ela disse que era filiada desde 2010. Durante o trabalho de campo pude entender que nem todo partido estava envolvido com a criação de comitês, núcleos e com a campanha da prefeitura; a maior parte dos filiados não participam ativamente do cotidiano do PSOL, isso também ocorre em outros partidos. Além disso, o PSOL é dividido em *correntes internas*, diferentes grupos que compõe o partido e que fazem diferentes apostas, análises e investimentos nas eleições e nos candidatos.

Depois de enviar cerca de 100 mensagens, entre conhecidos e desconhecidos, recebi a primeira solicitação de entrada no grupo, os participantes, até aquele momento, haviam sido adicionados por mim. Normalmente, o primeiro contato era uma resposta à minha mensagem e a maioria perguntava sobre como eu os encontrei. Até pensei em esclarecer já na mensagem inicial, mas desisti da ideia, pois, gerando essa curiosidade, as pessoas acabavam entrando em contato comigo e criava uma oportunidade de

explicar melhor no que consistia o grupo da pesquisa. Em alguns casos, recebi convites de amizade no meu perfil social, acredito que para verificar as minhas informações pessoais antes de entrar no grupo, aceitei essas solicitações.

A idade também foi questionada em algumas respostas. Muitos não se consideravam jovens, até mesmo os que se encaixavam no perfil dos organismos oficiais brasileiros com idade até 29 anos. Um deles se questionou: “*Tenho 35 anos, não sei se me encaixo exatamente no conceito de jovem*” (Jorge). Outro me respondeu: “*Não sei se me encaixo no perfil de sua pesquisa, pois era o mais velho do grupo que saiu do Meier (8 pessoas). Caso queiro o contato com outras pessoas posso te passar*” (Bernardo). Esses questionamentos vão ao encontro da primeira aproximação feita na introdução desta dissertação sobre o tema da juventude, como as divisões são arbitrárias e desconsideram a autopercepção e formação de identidades juvenis (SPOSITO, 1997; BOURDIEU, 1983; CARRANO, 2000; CASTRO, 2009). Um deles escreveu:

Quando comecei minha militância no PT tinha menos de 18 anos e muitos jovens estavam entrando no partido, depois vi que o partido foi envelhecendo com sua militância. Mesmo depois no PSOL não via um grande número de jovens tomando as rédeas da campanha, acho que a partir deste dia uma galera viu que era possível acreditar numa campanha que não tivesse o ranço de outras campanhas eleitorais (Bernardo).

Depois do contato inicial, alguns publicavam apenas fotos, outros relatos e algumas vezes as duas coisas. Alguns disseram que não pensavam mais daquela maneira e não gostariam de se expor. Alguns fizeram críticas, mas sempre perguntavam antes se aquele espaço permitia isso: “*mas é isso, se quiser passo o relato, mas ele vai acabar sendo mais uma crítica e tal nem um pouco florido heh*” (Rodrigo)

Teve também aqueles que diziam que iam publicar, entravam no grupo e acabavam não postando nada na página, mas afirmavam que aquele havia sido um momento marcante. “*Olá Beatriz, com certeza darei meu relato sobre esse dia que tanto contribuiu para o meu crescimento político. Muito legal sua pesquisa! Grande beijo!*” (Fernanda).

Os depoimentos e fotos começaram a aparecer no grupo, relatos emocionados e outros bem críticos. A ideia inicial era fazer outras provocações a partir disso, mas fui percebendo que eles não pretendiam continuar aquela conversa, era quase como um desabafo para alguns. Vi que ao menos as publicações eram *curtidas* entre os participantes, talvez um sinal de que eles viam e se interessavam pelo que estava sendo compartilhado ali. Decidi apenas agradecer e também *curtir* as publicações.

Quando chegou a cerca de 80 membros, a grande maioria não havia publicado ainda, resolvi colocar um agradecimento aos que contribuíram e pedir a contribuição dos que ainda não haviam publicado nada:

Oi, Pessoal!

Muito obrigada a todxs que contribuíram com a minha pesquisa do mestrado postando depoimentos e/ou fotos aqui no grupo.

Quem ainda não publicou, ainda dá tempo e irá contribuir muito com a pesquisa. Estou aguardando!

Abraços!

Obtive alguns retornos e aproveitei para enviar também mensagens privadas a todos que ainda não haviam publicado:

Olá,

Obrigada por ter aceitado entrar no grupo que criei para trocar algumas informações sobre o processo da campanha na Primavera Carioca na eleição de 2012, em especial sobre a Assembleia de Jovens com Freixo na Cinelândia. Como disse anteriormente, sou mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRRJ e estou pesquisando sobre o engajamento de jovens na Primavera Carioca.

Algumas pessoas já postaram alguns depoimentos e fotos nos últimos meses, estou pedindo para aqueles que ainda não participaram para postar alguma foto no grupo e falar um pouco sobre o que se lembram desse dia.

O link para o grupo é:

<https://www.facebook.com/groups/298445273652454/>

Desde já agradeço. Sua participação será muito importante para a pesquisa!

Abraços,

Beatriz

O grupo contou com 85 participantes e cerca de 30 publicações³⁰. Cheguei a pensar em desistir pelas dificuldades que relatei surgidas no processo, mas a própria reflexão sobre essa tentativa já seria importante para contribuir com o debate sobre as pesquisas em Ciências Sociais no espaço das NTICS. Além disso, os depoimentos e fotos foram muito significativos, através do olhar desses jovens, a *Assembleia de Jovens com Freixo* é revisitada e eles ressignificam aquele momento.

Os relatos feitos pelos próprios atores traria outra perspectiva à pesquisa, um processo de reflexão diferente das entrevistas presenciais que posteriormente seriam

³⁰ Na tabela 1 do anexo III da dissertação, encontra-se alguns dados sobre o perfil dos(as) participantes do grupo dos quais depoimentos e/ou relatos foram utilizados nesta dissertação. Nem todas as informações foram encontradas no perfil dos participantes na rede social.

realizadas. Segundo Montardo e Passerino, “*é possível combinar dados netnográficos com outros (entrevistas, grupos focais, sondagens, etc.) a fim de se obter uma compreensão mais ampla sobre determinada população*” (MONTARDO e PASSERINO, 2006:7); dessa forma, os dados foram se complementando no decorrer da pesquisa.

Os depoimentos recontando aquele dia, suas ênfases, reflexões e percepções são os principais elementos de interpretação nesta etapa da dissertação. Clifford R. Shaw aponta em seu livro *The Jack-roller: a delinquent boy's own story*, ao analisar a carreira de um jovem rapaz delincente durante 6 anos, a importância e o valor da *own story*. O importante não era a veracidade e a objetividade das histórias contadas pelo menino, mas como o jovem refletia sobre as suas atitudes e interpretações:

The boy's “own story” is of primary importance as a device for ascertaining the personal attitudes, feelings, and interests of the child; in other words, it shows how he conceives his role in relation to other persons and the interpretations which he makes of the situations in which he lives (SHAW, 2000: 3-4).

Nesta pesquisa, a reflexão também foi na perspectiva de que os jovens recontassem como foi a participação naquela atividade; reconstruindo os sentidos, atitudes e escolhas feitas durante esse processo de aproximação com a campanha da chamada *Primavera Carioca*, significando e ressignificando aquele dia para eles.

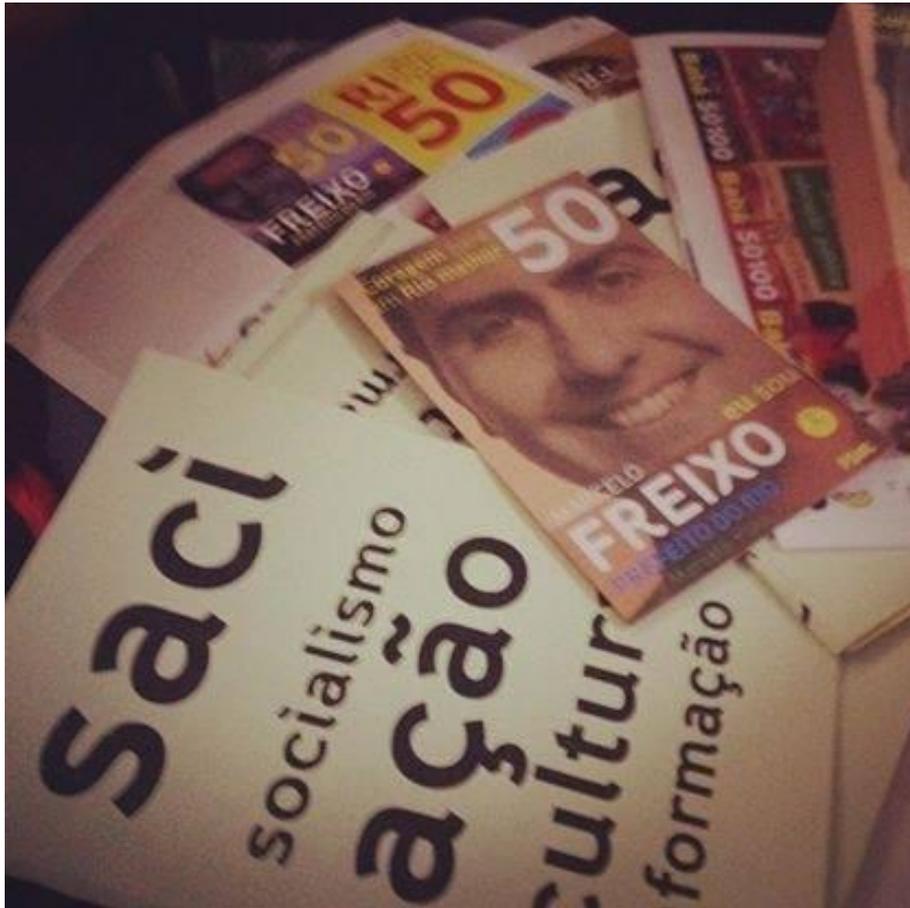
Além dos relatos, pedi que postassem fotos e que escrevessem a partir das lembranças das imagens. O objetivo principal era reavivar a memória. A foto, além de ter seu significado particular, também objetiva os relatos escritos, podendo ser utilizado como um importante instrumento para pesquisa, “[...] *as imagens podem ser pensadas como modos de ver, olhar e pensar, ampliando as possibilidades de análise dos domínios do invisível*” (BARBOSA e CUNHA, 2006: 59). No entanto, pelo caráter polissêmico da imagem, essa não é uma tarefa simples, “*se, por um lado, ela tem a capacidade de evocar e elucidar coisas que o texto não consegue expressar, por outro, ela é por demais aberta e precisa de um discurso verbal para direcionar o olhar, a leitura, no sentido da discussão que o pesquisador pretende desenvolver*” (BARBOSA e CUNHA, 2006: 32-33). Por este motivo, preferi incluir e analisar as fotos relacionando-as aos temas que foram surgindo nos depoimentos postados no grupo.

Os jovens que compartilharam informações no grupo não se restringiam aos tão rotulados jovens de classe média do movimento estudantil. A experiência desse campo virtual conseguiu ir além e trazer depoimentos tanto dos que participaram ativamente da

campanha, como de outros que apenas apoiaram, dos que foram em apenas uma atividade, dos que se decepcionaram, dos que iniciaram sua militância política etc., revelando a amplitude desse processo eleitoral em torno da cidadania e participação política desses jovens.

Assembleia “Sou Jovem e Fecho com Freixo”: fotos, relatos e experiências

A Assembleia é o momento da minha “entrada” nesta pesquisa, como apontei no início desde capítulo. Fui observando durante o trabalho de campo, nas entrevistas e nos depoimentos do grupo no trabalho de campo virtual que, para muitos, este também foi um momento marcante nas suas trajetórias de engajamento e de militância política. Segundo Medeiros (2012), experiências coletivas são marcadas por emoções que são constitutivas da experiência, dessa maneira, a ação coletiva, além de estar no agir, está no compartilhar. Os presentes naqueles dias compartilharam diversos tipos de emoções e experiências, no grupo foram diferentes os tipos de abordagens nos depoimentos, alguns relatando a Assembleia, outros as decepções posteriores, outros lembrando diferentes momentos da campanha. Alguns dos jovens que estavam participando da organização do evento também escreveram seus depoimentos e eu começo a netnografia pelo depoimento deles, que contam como foi a organização daquele dia.



<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10201883465115011&set=gm.299358633561118&type=1&permPage=1>. Acesso em janeiro de 2015.

Esses jovens faziam parte, como membros do partido ou como apoiadores, do núcleo de Juventude do PSOL chamado SACI - Socialismo, Arte, Cultura e Informação que surgiu em 2010, depois da campanha presidencial do candidato do PSOL Plínio de Arruda Sampaio. Durante a Assembleia, eles distribuíram uma cartilha do SACI, foto acima, que falava sobre os temas prioritários do núcleo: socialismo, liberdade, cidade, educação, trabalho, e ecossocialismo. Na foto seguinte, a cartilha também aparece com um grupo de estudantes da UERJ. Uma apoiadora contou como foi sua atuação no SACI:

Não sou filiada ao PSOL, mas participei ativamente da campanha do Freixo e da construção da Assembleia de Jovens com Freixo. O SACI me deu espaço para participar das reuniões e colaborar como podia. Foi um dos processos mais bonitos que estive enquanto militante, uma construção coletiva que me presenteou muitas pessoas queridas e aprendizados. (Renata)



<https://www.facebook.com/groups/298445273652454/permalink/304645926365722/>. Acesso em janeiro de 2015.

A divulgação da Assembleia contou com uma mobilização através de panfletagens e através das NTICS, principalmente da rede social *Facebook*. Era uma aposta dos jovens do SACI a grande divulgação nas redes sociais das atividades de rua, além disso, eles contaram que outros tipos de divulgações espontâneas e criativas realizadas por apoiadores, como vemos nas fotos abaixo, cartazes coloridos sendo pintados à mão. O SACI ainda organizou o próprio dia do evento com equipes para pegar o contato e os dados das pessoas em formulários específicos preparados para aquele dia, equipe para decorar o auditório com cartazes e para distribuir as fitas amarelas.

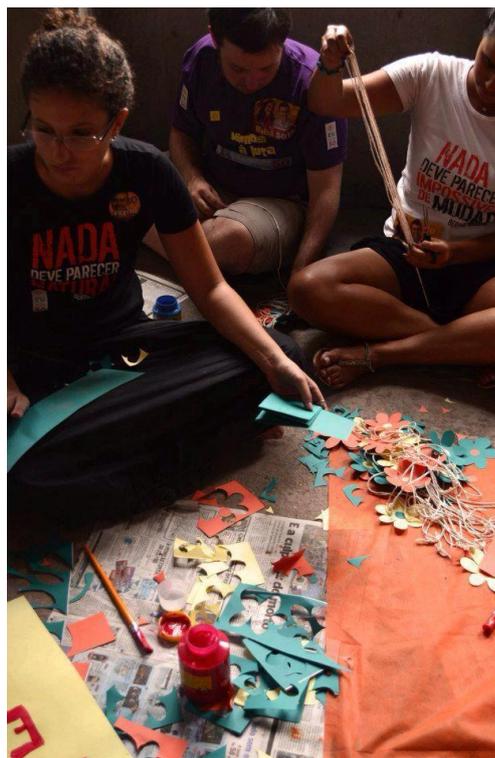
[A Assembleia] Foi fruto de uma ampla mobilização nas ruas e nas redes, a partir da panfletagem de 20.000 panfletos e da página Sou Jovem e Fecho com Freixo, sendo uma grande aposta da juventude de que a campanha do Marcelo deveria ser construída a partir de atividades de rua potencializadas pelas redes sociais. Algo legal foi que houve várias formas espontâneas e criativas de divulgação da Assembleia como desenhos e cartazes feitos por jovens em escolas e bairros. (Fabiano)

Era um momento muito aguardado na campanha, fazíamos reuniões, vídeos, íamos comprar material, debatíamos bastante. (Renata)



<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10152432123022427&set=gm.304684569695191&type=1&permPage=1>.

Acesso em janeiro de 2015.



<https://www.facebook.com/groups/298445273652454/permalink/304877699675878/>. Acesso em janeiro de 2015.

Os organizadores já previam que o auditório da ABI não seria suficiente para o número de confirmados, tentaram encontrar um local maior, mas por diversas dificuldades, inclusive financeiras, não encontraram outro lugar. A ideia da Assembleia

se transformou na possibilidade de ocupar a Cinelândia e um carro de som foi alugado com esta finalidade, no próprio evento diziam para as pessoas não se preocuparem com a lotação do auditório. Apesar desses preparativos, manteve-se a narrativa de um *comício espontâneo*, talvez pela dúvida se realmente o evento fosse ter um número superior ao que comportava o local e/ou talvez/também criar uma situação política motivadora de engajamento de jovens e de visibilidade para a campanha.

Como o evento no Facebook já indicava um número muito superior à lotação da ABI e houve a impossibilidade financeira (e um boicote velado à campanha do Marcelo) de arranjar um local maior, além da vontade de ocuparmos a Praça da Cinelândia, reservamos um carro de som no dia anterior. (K.)

Desde que começamos e soubemos que ia ser na ABI, já era quase uma certeza que toda força a que a campanha teve e todo brilho e envolvimento que ela gerava não ia caber nas paredes da ABI. Sabíamos que muito provavelmente a assembleia ia ser em praça pública, por isso já tinha um carro de som aguardando. Como já sabemos, não foi diferente. Pouco depois do horário combinado, se não me engano, subiram pra falar da fila enorme que estava na porta pra subir, já tínhamos que nos organizar pra levar todo mundo pra Cinelândia, inclusive os que já tinham subido. (Renata)



<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=900287746664116&set=gm.304876199676028&type=1&permPage=1>. Acesso em janeiro de 2015.



<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10152432128872427&set=gm.304684569695191&type=1&permPage=1>.
Acesso em janeiro de 2015.

As fotos anteriores mostram os jovens começando a lotar a ABI e depois chegando à Cinelândia. No novo local, a proposta da Assembleia teve que ser um pouco modificada, pois não haveria como tantas pessoas falarem. No auditório, as que falariam seriam sorteadas por blocos com a metade das falas para mulheres e também com a preocupação de que não falassem apenas militantes. No novo local falaram os membros do SACI, o candidato Marcelo Freixo e o vice-candidato Marcelo Yuka. Para os organizadores, mesmo com a ida à Cinelândia, havia a preocupação por parte deles de se manter a dinâmica de uma Assembleia de juventude onde não falariam todos os candidatos do PSOL, como seria em um comício, mas prioritariamente os jovens.

A proposta inicial da Assembleia, no auditório da ABI, previa a participação de todos os presentes por meio de rodadas de falas sorteadas. [...] Contudo, na praça não houve como organizar uma assembleia de fato, então falaram os membros do SACI (para divulgar agendas e apresentar os debates do núcleo, as ideias, propostas e desafios da campanha para a juventude), o Marcelo e o Yuka. (Fabiano)



<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10204015292451499&set=gm.304600639703584&type=1&permalinkPage=1>. Acesso em janeiro de 2015.

O núcleo SACI se organizou para aplicar alguns questionários a fim de conseguir os contatos e informações das pessoas presentes para que pudessem de alguma forma se integrar à campanha. Os voluntários e os questionários não foram suficientes para o número de pessoas, mas, ainda assim, conseguiram cerca de 1.100 questionários preenchidos. Segundo o jovem que compartilhou o depoimento no grupo, a maioria era das Zonas Norte e Oeste da cidade.

Durante a assembleia, os voluntários do núcleo SACI se organizaram para pegar os contatos e realizar questionários com os presentes para termos uma ideia do que todos pensavam, desejavam e como poderiam contribuir para a campanha. Conseguimos preencher por volta de 1.100 questionários durante a assembleia, o que pra nós era no mínimo apenas um terço dos presentes. A informação mais interessante é que a maioria dos presentes eram das Zonas Oeste e Norte da cidade, e havia cerca de 100 pessoas da Baixada, e muitas de Niterói. (Fabiano)



<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=802360716450025&set=gm.304654386364876&type=1&permalinkPage=1>. Acesso em janeiro de 2015.

Os jovens que participaram da organização procuram mostrar em seus relatos a expectativa em relação àquele dia, os preparativos e como consideraram positivo o resultado desse evento para toda a campanha. Os jovens que não estavam na organização relataram como a Assembleia, de diversas formas, também marcou as suas trajetórias políticas, como veremos nos depoimentos seguintes.



<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10204015294211543&set=gm.304600639703584&type=1&permPage=1>.
Acesso em janeiro de 2015.

O debate em praça pública, especialmente na Cinelândia, com seu histórico de grandes mobilizações políticas, deu um significado a mais para os que compartilharam seus depoimentos. O fato de saírem de um auditório, irem andando e ocuparem uma praça juntos são narrados com emoção.

Não esqueço daquele dia em que fui para a ABI. Já estava lotadíssimo e não tinha nem mais como subir. Disseram-me que estavam pensando a possibilidade de fazer na Cinelândia. Foi o que aconteceu.

Era uma profusão de gente, adesivos e panfletos. Era também uma profusão de esperanças e vontades de poder decidir, de poder escolher. (Rodrigo)

Uma campanha nas ruas, ocupando praças, sentando no chão, cantando e com uma expectativa para além das eleições são algumas atitudes positivas descritas pelos jovens sobre a dinâmica da Assembleia.

[...] a gente sabia que o Marcelo foi pra campanha com o objetivo do segundo turno, e que faríamos uma campanha de rua, como de costume no PSOL, mas nunca passaria pelas nossas cabeças uma campanha de rua com aquela intensidade, a parada da ABI foi tão marcante, que eu nem ia, fui quando soube que o pessoal lotou a Cinelândia, aquele dia foi o bum da campanha, depois só cresceu [...]. (Rafael)

A ABI não deu conta da quantidade de jovens presentes. Fomos todos juntos à Cinelândia, e sentamos no chão sem o menor pudor, já que a paixão e o entusiasmo não permitiram que nos importássemos com isso. (Rita)

Para muitos, foi a primeira experiência de estar numa praça discutindo política com tantos jovens. O espaço público urbano tem sido uma preocupação das juventudes que buscam ocupar esses espaços, principalmente com fins culturais. Catani e Gilioli afirmam que “*trata-se de pensar como o espaço público urbano se estruturará em sua relação com as culturas dos jovens, pois estas últimas são pouco reconhecidas como legítimas pelo mundo adulto, que ocupa o espaço e tempo oficiais da sociedade*” (CATANI e GILIOLI, 2008: 36).



<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10201883465355017&set=gm.299358633561118&type=1&permPage=1>. Acesso em janeiro de 2015.

Os jovens disseram que nos discursos no decorrer da Assembleia puderam reconhecer *sonhos e esperanças*, isso foi fundamental para o entusiasmo daquele e outros dias da campanha. Muitos sequer haviam estado anteriormente numa assembleia e eles respondiam positivamente à possibilidade de continuar o movimento após a campanha.

Os discursos foram bem genéricos e amplos, daqueles que entusiasmam, pois te fazem acreditar, que faz você perceber que aquela tímida esperança dentro de você é, na verdade coletiva. (Rodrigo)

[...] tive o privilégio de ser um dos jovens que falou naquele dia, e a vista do alto do carro de som era linda! Quando falei tive a oportunidade de

fazer duas perguntas pra multidão cuja resposta (por meio dos braços levantados) para mim teve um caráter revelador: a maioria esmagadora nunca tinha participado de uma assembleia ou movimento social, e a maioria estava disposta a continuar organizada em comitês para transformar a cidade mesmo se o Marcelo perdesse, demonstrando que aquele momento dizia muito mais do que sobre o futuro de uma campanha apenas eleitoral (esse momento pra mim foi emocionante, porque foi um grito coletivo gigante nessa hora e eu tinha muito medo de isso ser muito ousado). (Fabiano)



<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10152432131022427&set=gm.304684569695191&type=1&permPage=1>. Acesso em janeiro de 2015.

Para além de uma atividade de campanha, alguns disseram em seus relatos que foi também um espaço para o debate sobre o direito à Cidade, sendo ainda mais significativo por estarem numa praça pública. Segundo Lefebvre, *O “direito à cidade” ‘não pode ser concebido como um simples direito de visita a ou retorno às cidades tradicionais’. Ao contrário, ‘ele pode apenas ser formulado como um renovado e transformado direito à vida urbana’*” (LEFEBVRE apud HARVEY, 2013: 28).

A assembleia de jovens com Freixo foi mais do que uma atividade de campanha, foi uma experiência de debate sobre o direito à Cidade. (Rita)

Foi lindo ver tanta gente sentada na praça, cantando, rindo, falando sobre política, sobre a nossa Cidade, e disposta a construir algo coletivo, maior que nós. (Renata)

Os jovens que vivem nas cidades são um segmento particularmente afetado pelos problemas e vantagens dos espaços urbanos (CATANI e GILIOLI, 2008). Dessa forma, é um tema prioritário na discussão de uma candidatura à prefeitura, especialmente no Rio de Janeiro, onde estão acontecendo uma série de mudanças no espaço público para megaeventos como as Olimpíadas de 2016. Dessa forma, o *“direito à cidade não pode ser concebido simplesmente como um direito individual. Ele demanda um esforço coletivo e a formação de direitos políticos coletivos ao redor de solidariedades sociais”* (HARVEY, 2013: 32).

O debate sobre o direito à cidade foi o tema mais colocado naquele dia nos depoimentos do grupo; além disso, o entusiasmo das falas e das pessoas que estavam juntas assistindo, as possíveis atividades para a continuidade da campanha e a disposição para continuar com o movimento, mesmo no caso da derrota do candidato, foram alguns assuntos que surgiram nas narrativas dos depoimentos.

Ao final, uma grande roda se formou na Cinelândia com muitos abraços de emoção, inclusive com a participação do candidato e do vice-candidato a prefeito. Um dos jovens apontou a Assembleia como um dos eventos que contribuiu para a formação de uma nova geração política na cidade.

O debate foi incrível e muito educativo, ainda mais para jovens iniciantes na vida de mobilizações, como eu. Ao final, uma grande roda demonstrou apenas o início de muitas trajetórias que se iniciaram neste dia. (Rita)

Lembro muito do final, dos abraços, da sensação de gratidão por ter podido participar de um espaço tão bonito e novo como aquele. Da ciranda que se formou, que de tão grande não dava pra ver todo mundo que participava... (Renata)

Ao final, tivemos uma grande ciranda na Cinelândia com o Freixo e o Yuka participando, e quase não havia policiamento (bons tempos..). Quanto ao resultado eleitoral, na pesquisa anterior à assembleia, o Marcelo perdia no segmento da juventude entre 16 e 24 anos, e nas duas seguintes ele ganhou nesse segmento, até ter mais 50% nesse segmento no final da eleição. (Fabiano)

O sucesso daquele dia pode ter sido um dos elementos que contribuiu para o crescimento de Marcelo Freixo nas pesquisas de intenção de votos de jovens de 16 a 29 anos. O candidato não chegou a vencer no segmento de jovens entre 16 e 24 anos e nem no segmento de 25 a 29 anos, segundo as pesquisas do Instituto Brasileiro de Opinião

Pública e Estatística (IBOPE), no entanto, as pesquisas apontaram que o candidato teve um notável crescimento. Na pesquisa de julho/agosto de 2012, o percentual do candidato entre o segmento de 16 a 24 anos era de 12% e entre o de 25 a 29 anos era de 6%³¹. Em setembro de 2012, o percentual subiu para 17% entre 16 e 24 anos e para 24% entre 25 e 29 anos, chegando a dobrar neste último segmento³².

A partir daquela reunião de jovens, foram pensadas e compartilhadas algumas iniciativas importantes para o desenvolvimento e crescimento da campanha.

A principal iniciativa aprovada pela Assembleia foi a página 50 dias com Freixo que recebia sugestões de atividades para a campanha dos comitês de campanha e da população em geral e lançava um desafio para cada dia (a assembleia de jovens ocorreu a exatos 50 dias da votação do primeiro turno, coincidência que percebemos uma semana depois de ela ser marcada rsrs). Uns dos desafios mais legais foram os bicicletões e o próprio abraço ao Maracanã, além do uso de fitas amarelas. (Fabiano)

A foto abaixo mostra uma das missões cumpridas no desafio *50 dias com Freixo*:



³¹http://eleicoes.ibope.com.br/SiteAssets/RJ%20-%20RIO%20DE%20JANEIRO/RioDeJaneiro_12_12098_1.pdf. Acesso em janeiro de 2015.

³²http://eleicoes.ibope.com.br/SiteAssets/RJ RIO DE JANEIRO/Rodada_4/riodejaneiro_12_1209_11.pdf. Acesso em janeiro de 2015.

Dessa forma, a Assembleia inspirou a organização de outros eventos que também foram destacados pelos jovens, mas com outros enfoques, criando um *repertório de ação coletiva* que, segundo Medeiros (2012: 23), é “*entendido como um conjunto limitado de rotinas que são apreendidas, compartilhadas e postas em ação por meio de um processo deliberado de escolha*”.

Nesse sentido, acabou sendo a primeira grande atividade de rua da Campanha (devido à superlotação da ABI), e seu sucesso serviu de exemplo para a construção do encontro de educadores com Freixo, de mulheres com Freixo, da Saúde com Freixo, ao Grande Comício da Lapa e ao abraço ao Maracanã (Ato final da campanha). (Fabiano)

(...) , como não lembrar das 15.000 pessoas embaixo de chuva na Lapa. (Rafael)

O comício na Lapa, no dia 21 de setembro de 2012, mencionado no trecho do depoimento acima, reuniu cerca de 15 mil pessoas debaixo de forte chuva ao lado dos Arcos da Lapa; além do candidato a prefeito Marcelo Freixo e membros do PSOL, muitos apoiadores do meio artístico estavam presentes. Também nas observações durante o trabalho de campo, muitos jovens se referiam a este como o momento mais emocionante da campanha.



<https://www.facebook.com/groups/298445273652454/permalink/316581511838830/>. Acesso em janeiro de 2015.



<https://www.facebook.com/groups/298445273652454/permalink/316581511838830/>. Acesso em janeiro de 2015.

O *Abrço ao Maracanã*, também citado como um momento marcante, conseguiu reunir o candidato e seus apoiadores no dia 6 de outubro de 2012, véspera da votação, em um abraço ao Maracanã, Estádio Mário Filho. Um jovem colocou no grupo algumas fotos, escreveu sobre o esse dia e o significado daquele abraço:

Esse foi o dia do abraço ao Maracanã. Pra mim como torcedor e integrante da Frente Nacional dos Torcedores (FNT) e amante do velho Maraca (que foi desfigurado e elitizado), teve um significado especial. Nesse dia, pude perceber o quanto a campanha cresceu e se popularizou, tava um mar de gente e cada vez mais as camadas populares aderindo. Foi realmente incrível esse dia, coroou a campanha como vitoriosa independente do que viria a acontecer nas urnas. (Marcos)



<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=790532207664795&set=gm.343953715768276&type=1&permPage=1>. Acesso em janeiro de 2015.



<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=790532380998111&set=pcb.343953715768276&type=1&theater>. Acesso em janeiro de 2015.

No dia seguinte ao *Abraço ao Maracanã*, a apuração foi acompanhada na Lapa, apesar da grande decepção de não ter segundo turno, a avaliação da campanha foi considerada muito positiva pelos presentes: *“O dia do resultado. Quem esteve ali por ideal durante toda a campanha se sentiu vitorioso, e a maior prova disso foi a grande*

recepção a quem teoricamente havia perdido a eleição. Me lembro que puxei um grito que logo ecoou: ‘Oooo você venceu Freixoo’”. (Marcos)



<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=790533837664632&set=pcb.343954039101577&type=1&theater>. Acesso em janeiro de 2015.



<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=790534027664613&set=pcb.343954039101577&type=1&theater>. Acesso em janeiro de 2015.

Com a chegada das eleições para o governo do Estado do Rio de Janeiro em 2014, o grupo da pesquisa no *Facebook* acabou sendo utilizado algumas vezes como

espaço para divulgação de eventos. Um dos jovens colocou em seu depoimento a expectativa de repetir aquele repertório utilizado na eleição anterior para a mobilização da campanha ao governo do Estado do candidato do PSOL, Tarcísio Mota, em 2014.

Nas últimas eleições, com Marcelo Freixo para Prefeito, fizemos a histórica Primavera Carioca que envolveu milhares de pessoas numa campanha militante a partir da organização dos comitês nos bairros, escolas e universidades. Queremos repetir a dose esse ano e fazer da campanha um espaço de mobilização que começa nas eleições, mas continua tocando muita luta durante todo ano, porque só a luta muda a vida! (Bruna)

Engajamento – “A campanha do Freixo encantou pela quantidade de jovens que começaram a se envolver e debater política” (Renata)

A Assembleia *Sou Jovem e Fecho com Freixo* foi apontada nos relatos como muito significativa nas trajetórias dos jovens que compartilharam seus depoimentos. Segundo Melucci (1996), nos dias de hoje ser jovem parece estar relacionado ao oposto do vazio, possibilidades amplas e saturação de presença; nossa cultura coloca um excesso de possibilidades ampliando o imaginário e o horizonte simbólico da experiência. Algumas das narrativas foram neste sentido, valorizando a experiência compartilhada e construída entre aqueles jovens, que disseram estar naquele momento com disposição para se engajar e debater política. Para Medeiros (2012), uma questão importante é “*perceber como as pessoas transformam-se de expectadoras em participantes*” (MEDEIROS, 2012: 19).

Estar em uma praça pública compartilhando a indignação diante de tudo o que acontece em nossa cidade, ao lado de outros jovens entusiasmados, certamente, marcou minha trajetória individual. [...] (Rita)

Sem dúvidas foi um dia muito importante pra quem estava ali. A campanha do Freixo encantou pela quantidade de jovens que começaram a se envolver e debater política. (Renata)

A experiência que tive com o processo da campanha eleitoral a prefeito de Marcelo Freixo (PSOL) sem dúvidas marcou muito minha trajetória política.

Não sei se acreditei nessa eleição, mas participei dela confiante de que era o que se podia fazer, diferentemente de outros companheiros e companheiras que estavam optando pela campanha ao voto nulo, coisa que achava pouco frutuosa. [...]

Era o início da minha militância e tinha a necessidade de engajar-me num processo de luta, não apenas aquela ou outra manifestação. Era o momento em que o ativista começa a se tornar militante e em suma o que buscava era me organizar e construir um projeto político. (Rodrigo)

[...] a descrição é simplesmente emocionante, a campanha de 2012 marcou mesmo. E aposto, essa juventude aí é combativa, vai ser atuante em todas as próximas eleições, até ganharem, ou se desencantarem de novo, resta esperar. (Rafael)

Eu estava começando a militar, estava chegando, era época de greve nas universidades também. Foram meses muito cansativos, mas muito recompensadores (Renata)

Enfim, falei tudo isso de supetão pela emoção de lembrar daquele momento, que pra mim foi um dos marcos (junto com a greve da educação, ato dos 80 mil na Rio+20, o Ocupa Rio, a luta da aldeia Maracanã etc.) do surgimento de uma nova geração política na cidade, que depois protagonizaria junho. (Fabiano)

Os jovens que já tinham uma trajetória de participação política e outros que depois foram mais críticos ao movimento após a campanha também reconhecem a importância daquele dia em sua trajetória individual.

Estive engajado neste evento e em outros da época, como o movimento dos bombeiros militares, saúde, educação, Comperj e tantos outros. Guardo com carinho esses momentos por acreditar que os jovens mais que nunca clamam por mudanças drásticas na conjuntura política de nosso país, mas, infelizmente, toda a esperança depositada na ocasião se demonstrou em uma disputa pelo poder daqueles que demonstravam ser a possibilidade do que buscávamos. Experiências vão e vêm e hj, mais que nunca, perdi minhas esperanças em um projeto dessa natureza vindo de qualquer que seja o partido político. (José)

A Primavera Carioca foi sem dúvida um ótimo nome, mas sejamos francos, foi marketing. Afinal os processos revolucionários e as "primaveras" apenas têm essa consciência ao acontecerem, não existe uma revolução ou "primavera" já ter nome ao iniciar seu processo. Sem falar que esta "primavera carioca" mostrou-me que uma eleição pode ser amplamente mobilizadora, mas fecha-se em si mesma e não é capaz de acumular força social. Sei que fugi da proposta, mas não consigo falar daquela noite de 16 de agosto sem pensar nisso tudo. Não tenho remorsos ou coisa que o valha. Tenho orgulho de ter estado lá. Nossa trajetória política é feita de inúmeros caminhos sem os quais seria impossível refletir sobre o que estamos fazendo, analisar erros e acertos. (Rodrigo)

Alguns demonstraram um desencanto com a militância partidária e buscaram outros caminhos. Outros já estavam acompanhando o PSOL mesmo antes de poder votar e acreditavam que aquela era a única candidatura de uma verdadeira oposição.

Já acompanho o PSOL há muito tempo, desde os 11 anos... pra você ter uma ideia, em 2012 eu não podia nem votar, ainda assim, ia pra rua distribuir fitas amarelas, a campanha do Freixo foi extremamente mobilizadora por alguns motivos especiais, o carisma do Marcelo foi importante, sua historia foi decisiva, e também, sua candidatura era a única que representava uma verdadeira oposição ao modelo de cidade do

Paes, Rodrigo Maia, Aspásia, Otavio Leite³³... nenhum deles representava uma oposição verdadeira, [...]. (Rafael)

As trajetórias são marcadas por diferentes caminhos e escolhas, nas narrativas esses jovens parecem conscientes delas; até mesmo quando tomando outros rumos, ainda reconhecem a importância do engajamento naquela campanha. Nos relatos pode-se observar diversas percepções sobre a *Assembleia de Jovens com Freixo*, o que significou e representou aquela atividade política para aqueles que compartilharam sua visão no grupo da pesquisa no *Facebook*. Além disso, temas relevantes para a juventude urbana também foram debatidos, como o *direito à cidade*. Segundo Maricato, “*com a globalização, o território brasileiro passa por notável transformação. Mudam as dinâmicas demográficas, urbana e ambiental, além de social e econômica*” (MARICATO, 2013: 21); nessa conjuntura, os jovens sublinharam ter grande significado o debate desse tema na Assembleia.

Os relatos ainda revelam que os momentos mais significativos para os jovens se relacionam com aqueles de grande motivação coletiva como *ir andando para a praça*, ver outros jovens *compartilhando sonhos e esperanças*, fazer uma *grande roda*, entre outros, revelando que “*ao contrário do que se propõem os modelos básicos da teoria da escolha racional, hoje dominantes na ciência política, as respostas se dão através de orientações mediadas pela avaliação subjetiva que o ator realiza dessas situações sociais*” (KUSCHNIR, 2007: 20).

Alguns jovens deram continuidade à sua trajetória política se engajando no PSOL, outros buscaram novos caminhos e outros saíram da militância política, deixando algumas perguntas para serem refletidas.

Mas a eleição, como veio foi embora e tudo voltou ao normal. O comitê do meu bairro fechou para nunca mais abrir, as fitas amarelas tornaram-se apenas memória. Ficou a questão: e agora, o que fazer? para onde ir? (Rafael)

Ainda restam muitas questões, o objetivo não é esgotá-las, mas ter mais elementos para a reflexão na temática da juventude e engajamento político. Nos próximos capítulos serão abordadas as diferentes trajetórias de alguns desses jovens que se engajaram na militância política a partir dessa eleição.

³³ Os outros candidatos à prefeitura do Rio de Janeiro em 2012.

Capítulo 2

“Primavera Carioca”

Então, eu tenho uma experiência bem atípica de militância, talvez um pouco diferente dos seus outros entrevistados, porque eu nunca tive experiência de militância. Foi justamente na campanha que “a coisa” me tocou. Não tenho gente envolvida com política na família, nada disso. Eu era alienada no sentido de senso comum. Nunca tinha tido um pensamento crítico com questões sociais. Então, eu começo a militar ali, naquele momento... (Roberta)

A juventude sempre foi associada ao rebelde, ao novo, à possibilidade de mudanças sociais e à vontade de mudar o mundo; esta imagem idealizada teve como referência jovens contestadores dos anos 1960. Nessa década, jovens contestaram os valores da ordem instaurada pela sociedade industrial moderna, criticando os modelos de cultura e família. O movimento protagonizado, principalmente, por estudantes de classe média urbana das grandes cidades da Europa e América Latina teve seu ponto culminante nas manifestações de março de 1968. Eles eram mobilizados tanto pelas ideologias revolucionárias da luta operária, quanto pela ideologia libertária daqueles anos (SOUZA, 2004).

A imagem idealizada da juventude relacionada à geração de 1968 foi substituída nos anos 1990 por uma imagem relacionada à violência, à delinquência, ao consumo, à alienação e à apatia política, especialmente à apatia relacionada às instituições oficiais, como partidos políticos e aos governos (CATANI e GILIOLI, 2008). Na realidade, esses estereótipos não representam o que foi ou o que é a juventude; como já foi problematizado na introdução, as juventudes são múltiplas (CARRANO, 2000) e objeto de disputas na sociedade (BOURDIEU, 1983). Segundo Catani e Gilioli, “*essas representações também não são falsas, mas apenas incompletas. A multiplicidade de comportamentos jovens existentes em cada geração não pode ser reduzida a um traço – ou a poucos traços – que supostamente resumiriam a condição juvenil de todo um período*” (CATANI e GILIOLI, 2008: 71).

Segundo a filósofa Marilena Chauí, “*a política não só é instituição do social, mas é também ação histórica*” (CHAUÍ, 2007: 34) e, neste sentido, a juventude se renova e inova em diferentes contextos históricos e culturais. Assim, nos anos 1990 e nos 2000, jovens também estavam e estão inseridos em movimentos políticos,

especialmente os ligados à luta anticapitalista e contra os efeitos do neoliberalismo e da globalização excludente. Houve também um crescimento dos movimentos ambientalistas, culturais, de luta pela terra e questão agrária, movimento negro, pelos direitos das mulheres e dos Lésbicas, Gays, , Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBTs). Na pesquisa *Agenda Juventude Brasil* (2013), realizada no primeiro semestre de 2013 pela Secretaria Nacional de Juventude, ao apontarem as formas de atuação que podem melhorar as coisas no Brasil, 45% dos jovens entrevistados acreditam que é participando em mobilizações de rua e outras ações diretas e 44% responderam que é atuando em associações e coletivos que se organizem por alguma causa; a atuação na Internet foi apontada por apenas 34% dos entrevistados. Ao mesmo tempo em que existe a negação do passado e a procura por novas formas de atuação, ainda se utilizam de táticas do passado como as mobilizações de rua, apesar das novidades que a Internet está trazendo. Segundo Muxel (2008), os jovens tentam tanto identificar-se com a herança deixada pela geração anterior quanto com a necessidade de inovar; a política é construída através dessa tensão entre herança e experimentação.

O desinteresse pela política institucional e tradicional, especialmente relacionadas a partidos políticos, é a principal referência da visão estereotipada sobre a juventude nos últimos anos. Essa visão não dá conta da complexidade e da diversidade das características das diversas juventudes que vêm buscando renovação na política e nas formas de se fazer política. A pesquisa *Agenda Juventude Brasil* (2013) ainda revelou que mais da metade dos jovens (54% dos entrevistados) disseram que consideram a política muito importante e 29% responderam que é mais ou menos importante. Quase a metade dos entrevistados disseram que têm ou já tiveram alguma experiência de participação política; dos 54% que nunca participaram, 39% disseram que gostariam de ter alguma experiência de participação, evidenciando o interesse pelo tema.

Em junho de 2013, as manifestações que aconteceram em todo o país tiveram como uma das “marcas” certos grupos juvenis buscando um movimento sem rótulos e tentando afastar partidos políticos dos protestos, em alguns casos usando até mesmo da violência³⁴. Janice de Souza aponta que “*movimentos, hoje enraizados no processo institucional do sistema político, principalmente via sistema partidário, não têm mais respostas e nem poder de convocação junto às novas gerações para contestar o próprio sistema*” (SOUZA, 2004:456).

³⁴ Ver Maricato *et al.* (2013).

No entanto, o tema ganha mais meandros quando, olhando novamente os números da pesquisa *Agenda Juventude Brasil* (2013), observa-se que os jovens têm interesse em votar, mesmo antes de serem formalmente obrigados, já que 65% deles já tiraram ou pretendem tirar o título de eleitor antes dos 16 anos. Além disso, os jovens de partidos políticos estão em importantes espaços de representação em diversas áreas, já que atuam organizadamente no movimento estudantil, diversos conselhos, movimento sindical etc.; na 2ª Conferência Nacional de Políticas Públicas para a Juventude, por exemplo, 51% dos delegados integraram ou integram um partido político, dentre 28 diferentes partidos identificados (RIBEIRO e SOUZA, 2014: 148). Apesar de toda negação e desencanto de que tanto se fala sobre a política partidária, a juventude dos partidos vem se renovando e é exatamente esse o ponto principal deste capítulo.

Na chamada *Primavera Carioca*, em 2012, no Rio de Janeiro, jovens se engajaram em uma campanha política para a Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro e essa mobilização chamou a atenção, principalmente, pela grande participação juvenil e na contramão da apatia política tanto falada pelo senso comum. Neste capítulo, será feita uma análise do interesse de alguns desses jovens que se engajaram nessa campanha, sete entrevistados contam suas lembranças, forma de participação, emoções, momentos difíceis e perspectivas nesse período eleitoral. Antes disso, começo contando como iniciou a minha observação participante na *Primavera Carioca*.

Começando a observação participante...

O meu interesse pela campanha teve início na *Assembleia Sou Jovem e Fecho com Freixo*, depois desse momento comecei a acompanhar a *Primavera Carioca* com mais atenção através do *Facebook*, mídias oficiais do partido e pelas notícias de jornais. No final da campanha e no momento pós-campanha, comecei a definir a ideia do projeto de pesquisa e a fazer minhas observações participando das atividades e das mobilizações de rua. Com isso, a observação participante teve início no final das eleições e durou até, aproximadamente, julho de 2014.

No primeiro momento, ao final das eleições de 2012, participei de atividades emblemáticas como o comício na Lapa, o Abraço ao Maracanã e a apuração dos votos das Eleições. Depois da *Assembleia Sou Jovem e Fecho com Freixo*, analisada no primeiro capítulo, esses também foram considerados momentos marcantes durante a campanha.

O comício na Lapa, no dia 21 de setembro de 2012, reuniu cerca de 15 mil pessoas debaixo de forte chuva ao lado dos Arcos da Lapa; além do candidato a prefeito Marcelo Freixo e membros do PSOL, muito apoiadores do meio artístico estavam presentes. Nas observações de campo, muitos jovens se referiam a esse momento como o mais emocionante da campanha. Já nessa primeira atividade que participei, conheci um militante do Núcleo Grande Tijuca do PSOL que posteriormente seria um dos entrevistados da dissertação. Ele havia se filiado recentemente e já integrava uma corrente interna do PSOL.

O Abraço ao Maracanã, também citado como um momento marcante, conseguiu reunir o candidato e seus apoiadores no dia 6 de outubro de 2012, véspera da votação, em um abraço ao Maracanã, Estádio Mário Filho. No dia seguinte, a apuração foi acompanhada na Lapa e, apesar da grande decepção de não ter segundo turno, a avaliação da campanha foi considerada positiva.

Após o período eleitoral, comecei a participar de um núcleo de base do PSOL ligado à área da Grande Tijuca, pela facilidade da localidade e por já conhecer algumas pessoas que militavam nesse espaço. A maioria já sabia, ou ficou sabendo, da minha pesquisa, entretanto nunca houve qualquer constrangimento ou restrição da minha participação nesse espaço. Pelo contrário, como alguns já me conheciam, rapidamente me senti pertencente ao grupo e durante as reuniões algumas tarefas já eram confiadas a mim.

No mês de março 2013, foi realizada a plenária *Nada deve deter a Primavera Carioca*, que fez uma avaliação do movimento *Primavera Carioca* nas eleições de 2012, apontando novas perspectivas, como os movimentos que estavam atuando no Rio de Janeiro pelo debate e construção de um projeto de cidade e a articulação entre esses diversos movimentos. Essa foi a primeira atividade do conjunto do partido que participei enquanto pesquisadora, depois do meu ingresso no mestrado. Na época, alguns comitês ainda funcionavam e anunciaram suas reuniões e atividades; posteriormente, alguns desses comitês se tornaram núcleos de base do partido. Na ocasião, foi divulgado um calendário de atividades, incluindo plenárias de filiação para os jovens que haviam se aproximado do partido e muitos deles já estavam buscando algum núcleo para participar de forma mais cotidiana do PSOL.

Nos meses de março e abril do mesmo ano, o PSOL realizou as plenárias de filiação coletiva ao partido. Participei de uma dessas plenárias e observei que a maioria dos presentes havia participado da campanha ou tinha simpatia pelo movimento

Primavera Carioca que viram durante o período eleitoral. O auditório estava lotado com a presença de muitos jovens que participaram dos comitês de campanha ou que já estavam nos núcleos recém-criados e falaram sobre sua escolha por se filiar. Após as considerações finais, foram lidos os nomes de todos os que se filiaram por grupos, comitês, regiões, setoriais de atuação etc. e depois um representante de cada grupo apresentava o motivo da filiação ao PSOL. Percebi um tom comum na maioria das falas, que apontava para a atuação do partido nas lutas sociais e avaliaram a importância de construir essa ferramenta partidária. Nessa plenária, cerca de 50 militantes foram filiados. Alguns dos novos filiados já eram militantes de movimentos sociais, movimentos estudantis e de direitos humanos.

Esse momento integrou as pessoas que participaram da campanha e estavam procurando se inserir em algum espaço do partido, como aconteceu com uma das entrevistadas desta pesquisa. Em uma das plenárias de filiação, Rita³⁵, 17 anos na época, moradora da Tijuca, bairro da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, caloura de ciências sociais de uma universidade particular bem conceituada, conheceu um militante do núcleo Grande Tijuca e começou a participar das reuniões e atividades. Ela não tinha nenhuma experiência anterior de militância, participou da campanha e se filiou ao PSOL. Isso aconteceu com outros jovens que se engajaram, como o João, outro entrevistado. A observação participante foi fundamental no sentido de acompanhar as diferentes trajetórias iniciadas nesse processo.

Em 2013, o projeto de mestrado ainda estava na fase inicial, no entanto, foi um ano intenso para o grupo em que eu estava me inserindo e pesquisando; apesar de ainda não estar com todo o projeto definido, decidi que era importante frequentar os espaços de atuação em que eles estavam. Assim, nesse ano, os militantes do núcleo estavam engajados na militância pela manutenção da Aldeia Maracanã³⁶, contra a privatização do Maracanã, contra os gastos excessivos da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016, contra as remoções e contra o aumento das passagens. Nas reuniões e mobilizações organizadas pelo Comitê Popular Copa e Olimpíadas contra a privatização do Maracanã conheci Ricardo, 24 anos, morador da Zona Norte da cidade, que estava terminando a graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) na época da

³⁵ O nome dos(as) entrevistados(as) e os nomes por eles citados foram trocados para evitar qualquer possível constrangimento. Na tabela 2 do anexo III da dissertação, encontra-se alguns dados sobre o perfil dos(as) entrevistados(as).

³⁶ Foi uma aldeia indígena urbana localizada no prédio do antigo Museu do Índio, no bairro Maracanã, no Rio de Janeiro, transformou-se num movimento contra a derrubada do prédio do antigo Museu do Índio.

eleição. Ele havia participado do Comitê Tijuca do Freixo em 2012, mas não entrou para o partido e se juntou a outros que também não se filiaram e criaram o Núcleo Socialista da Tijuca, que não tem nenhuma ligação com nenhum partido e se engajam nas causas ligadas ao bairro e à cidade.

A minha atuação no núcleo PSOL da Grande Tijuca acabou indo além da minha observação apenas como pesquisadora e, assim que comecei a frequentar as reuniões, fui convidada a me juntar à secretaria do núcleo com mais uma militante. As principais atividades como secretária eram organizar e convocar as reuniões e durou mais ou menos 6 meses, mas, ainda assim, após esse período, fui escolhida como delegada para os Congressos Municipal e Estadual para representar o núcleo.

O Congresso Estadual foi basicamente só votação. No Congresso Municipal pude observar as mudanças na configuração do partido após as eleições de 2012; nesse espaço aconteceram debates e grupos de discussão e ficaram mais claros os motivos e interesses por trás das diferentes opiniões dos grupos envolvidos. A direção municipal que estava vigorando antes desse congresso não parecia representar os anseios do conjunto do partido, havia uma ansiedade nas falas por um *PSOL Carioca* mais democrático, já que não havia reuniões e plenárias de base para o conjunto dos militantes e filiados. A juventude municipal do PSOL estava em peso naquele Congresso; mais que no estadual, era visível o protagonismo juvenil naquele processo, que ao final elegeu um presidente jovem para o diretório municipal.

Apesar de ser um partido dividido por correntes internas, pode-se observar também no Congresso Municipal o protagonismo de jovens denominados *independentes*, que não pertenciam a nenhuma das correntes e que até mesmo conseguiram fazer parte da nova configuração do diretório municipal. A maioria havia se aproximado nas eleições de 2012 e atuavam nos núcleos da Zona Oeste e da Ilha do Governador. Por esse protagonismo, mesmo após as eleições, procurei entrevistar pelo menos um jovem de algum desses núcleos.

O ano de 2014 foi um novo ano de processo eleitoral, dessa vez para o Governo do Estado do Rio de Janeiro e, justamente quando estava se aproximando a época das campanhas eleitorais, realizei as entrevistas da dissertação. Esse momento ajudou os entrevistados a relembrem melhor as eleições de 2012 e a fazer uma reflexão sobre os meses que se passaram e as escolhas que foram feitas no período. O *tempo da política*, conceito desenvolvido por Moacir Palmeira e Beatriz Heredia (1995), “*os autores chamam a atenção para a política tal como ela é experimentada dentro de um universo*

cultural e histórico específico” (KUSCHNIR, 2007: 33). No “*tempo da política*”, segundo Moacir Palmeira e Beatriz Heredia (1995), “*a política aparece subvertendo o cotidiano*” com as eleições, não somente para os militantes com suas múltiplas tarefas que aparecem nesse período, mas também para as outras pessoas que começam a ver a movimentação política nas ruas, na televisão, nas conversas familiares sobre em quem votar e, a novidade das últimas eleições, na Internet, entre outros momentos de especificidade desse período. Dessa forma, o *tempo da política* de 2014 ajudou no processo de reavivar a memória dos entrevistados.

Nesse momento eu também me inseri no Comitê PSOL Grande Tijuca e era representante do comitê nas reuniões *intercomitês* da cidade do Rio de Janeiro. Além de nessas ocasiões ter conhecido outros jovens que começaram suas trajetórias na *Primavera Carioca*, observei também que, para a organização da eleição de 2014, a eleição de 2012 foi sempre uma referência para as novas atividades como um modelo que deu certo e conseguiu uma mobilização para além da esperada.

Durante toda a observação participante, procurei refletir sobre o meu papel de pesquisadora e militante. Estar filiada ao partido, ser a secretária do núcleo (mesmo que por um breve momento), representante e delegada em alguns eventos, ao mesmo tempo que complexificou meu papel, também abriu a possibilidade de ver aquele grupo por um ângulo diferente que um pesquisador sem essas possibilidades poderia ver. Além disto, é um importante exercício de reflexão sobre o que Gilberto Velho (2013) chama de *observando o familiar*, como foi apontado na introdução desta dissertação. Em outra análise, Velho (2006) acrescenta que quando se escolhe a própria sociedade como objeto de pesquisa, a sua subjetividade deveria estar incorporada ao processo de conhecimento, “*ou seja, deveria tentar não escamotear sua ‘interferência’, mas aprender a lidar com ela. Assim permaneci comprometido com a obtenção de um conhecimento mais objetivo, sem que isso significasse uma estéril tentativa de anulação ou neutralização dos meus sentimentos, emoções, crenças*” (VELHO, 2006:17-18).

Kuschnir afirma que “*em vez de perseguir uma neutralidade impossível, é tarefa do pesquisador refletir sobre as posições e identidades que lhe são conferidas ao longo do trabalho de campo, levando em conta as mudanças de tempo e espaços envolvidas. Esta é justamente uma das chaves centrais para compreender a relação entre os envolvidos*” (KUSCHNIR, 2007: 54). Por isto, procuro, durante a dissertação, esclarecer e refletir sobre o meu processo de investigadora e militante do grupo pesquisado.

Durante os quase dois anos de trabalho de campo pude acompanhar diferentes trajetórias iniciadas nas eleições de 2012: jovens que se tornaram militantes destacados; outros que se desencantaram; jovens que procuraram outras organizações, como outros partidos ou organizações anarquistas; também teve um jovem que se tornou candidato na eleição de 2014; jovens que foram compor a direção municipal; jovens que se tornaram assessores parlamentares etc.

Para a dissertação entrevistei sete jovens³⁷ que, na época da eleição, tinham até 29 anos. “*A amostra, evidentemente, não é de maneira nenhuma ‘aleatória’; não seria possível obter uma amostra aleatória, uma vez que ninguém conhece a natureza do universo do qual ela deveria ser extraída*” (BECKER, 2008:54-55). Busquei nessa escolha tentar representar a diversidade de algumas das diferentes trajetórias que foram se desenrolando nesse tempo; além de alguns casos que exemplifiquei acima, apenas um dos jovens entrevistados já pertencia ao partido e teve um papel central na mobilização da juventude e, por esse motivo, foi também escolhido para a entrevista. Neste capítulo, esses jovens contam suas lembranças sobre a campanha, a participação que tiveram, as emoções e os momentos difíceis vividos naqueles meses de 2012.

Lembranças da campanha

As perguntas das entrevistas foram amplas e não diretivas, sempre começava a partir de uma pergunta geradora: *O que você se lembra da campanha eleitoral de 2012?* As perguntas amplas foram no sentido de deixar que os entrevistados contassem a sua própria história e refletissem sobre suas atitudes e escolhas. Neste tópico da dissertação, através das lembranças, os jovens respondem a essa indagação inicial, que justamente pela amplitude, teve diferentes tipos de respostas e reflexões.

Halbwachs apresenta uma das classificações relacionadas à memória como “*lembranças agrupadas em torno de uma pessoa definida, sob seu próprio ponto de vista*” (HALBWACHS, 2004: 50). Aqui serão apresentados diferentes pontos de vista a partir das lembranças dos jovens entrevistados; é importante observar que é sempre a partir do presente que o passado é relembrado e reconstruído. Martins acrescenta que “*A memória busca ser lembrada dentro de uma coerência com aquilo que o indivíduo é no presente, pois este reorganiza o passado*” (MARTINS, 2014: 225). Os jovens

³⁷ Na tabela 2 do anexo III da dissertação, encontra-se alguns dados sobre o perfil dos(as) entrevistados(as).

entrevistados recontaram suas lembranças também a partir de uma justificativa da trajetória percorrida até o presente.

No caso da pergunta geradora, a maioria dos jovens estranhou uma pergunta tão ampla, parecia que estavam esperando alguma coisa bem específica, alguns já começavam a contar suas lembranças e outros pediam que eu fosse mais específica. Neste caso, pedia para eles falarem o que vinha à memória primeiramente quando se lembravam da eleição. Se ainda assim não se sentissem à vontade para falar, eu me dirigia à pergunta relativa ao próximo tópico, pedia para contar como havia sido a participação deles na *Primavera Carioca*.

Observei que as primeiras lembranças vinham daquilo que diferenciava aquele momento de outros, como uma mobilização que nunca haviam visto ou uma primeira aproximação com uma campanha política. A maior parte dos entrevistados se recordava de coisas relativas ao *tempo da política* como as panfletagens, reuniões de comitês, comícios etc.; alguns estavam pela primeira vez se engajando na eleição e outros se surpreenderam com a proporção que foi tomando. É nesse período que muitos jovens se engajam na política, e foi o que aconteceu com alguns dos entrevistados que iniciaram o engajamento político a partir das eleições de 2012. As primeiras lembranças dizem muito sobre o significado e importância daquele *tempo da política* para esses jovens.

Aline tinha 17 anos na época, estudante secundarista e moradora da Zona Oeste, relembrou como foi a sua primeira panfletagem e como começou a se envolver durante a *Primavera Carioca*. Ela contou sobre os lugares em que panfletava, a importância do local em que se panfleta, relacionando aos problemas vividos na cidade, a recepção das pessoas nesse contexto e as conversas com os trabalhadores. Aline observou que o candidato representava uma alternativa de mudança para muitos naquele momento. Além disto, comentou que conheceu novas pessoas e também tentou integrar suas amigas nas atividades, dando pistas sobre a importância da socialização política nesse processo inicial de aproximação.

Minha primeira panfletagem, eu lembro, foi no dia 12 de agosto, dia do meu aniversário. Não, foi dia 11, de agosto. E aí, eu fiz a panfletagem na Taquara³⁸, com o pessoal do Brazão³⁹ do lado. Foi muito complicado assim. E eu comecei a me envolver. Comecei a me envolver, conheci outras pessoas e fui levando amigas minhas comigo para fazer a panfletagem ali em Jacarepaguá⁴⁰. [...] E a gente fazia panfletagem e eu

³⁸ Taquara é um bairro de classe média da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro.

³⁹ Domingos Inácio Brazão é empresário e político brasileiro. Já esteve envolvido em denúncias de compra de votos, chegando a ter seu mandato cassado pelo TRE-RJ em 2010.

⁴⁰ Jacarepaguá é um bairro de classe média alta e classe média da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro.

conheci o pessoal do comitê que a gente criou. E a gente fez panfletagem na Alvorada⁴¹, dialogava com os trabalhadores que passam ali. Porque na Alvorada tem o BRT⁴², que é o reduto do Paes⁴³ e as pessoas reclamando. Foi muito bonito o meu primeiro contato. E o que eu lembro foi a recepção das pessoas. Muitos vindo no Freixo uma alternativa, de realmente uma mudança. Não só no Freixo, mas no que ele representava com as propostas e nas problematizações que ele dava, assim, enquanto candidato. Muita gente vinha falar comigo, muita gente se envolveu por causa disso.

Fabiano, na época com 21 anos, estudante da graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e morador da Zonal Sul da cidade, também se recordou das panfletagens e das conversas nas ruas, acrescentou ainda as assembleias, os comícios e as atividades dos comitês, que disse terem sido muito criativas. Para ele, essas experiências mudaram completamente sua vida. Além disso, sublinhou esse momento como uma virada para a participação política da juventude, já que posteriormente observou muitos jovens que se engajaram naquela eleição atuando em diferentes movimentos políticos.

[...] o processo mais significativo da campanha foi a tomada das ruas. Isso pra mim é a dimensão mais memorável, assim, né. Tanto no ponto de vista cotidiano, de você estar diariamente em contato com centenas de pessoas, desde entregar um panfleto, até... em toda panfletagem tem um grupo de pessoas que para, conversa e se relaciona de uma forma com você. Isso é uma experiência muito rica, muda sua vida completamente. Você vive em uma outra organização da sua existência quanto a tomada coletiva das ruas, assembleias, comícios, né?... A própria rica atividade dos comitês, entendeu? Profundamente criativa. Acho que ali foi um ponto de virada muito significativo para o rumo da juventude e são as caras que a gente vê em grande parte hoje em diferentes movimentos.

Fabiano relembrou também a sua origem de militância no movimento secundarista e o quanto era mais voltado para o espaço da escola, mesmo tendo a dimensão do ensino público. A campanha é apontada como a primeira vez que percebeu uma grande mobilização que acabou se tornando comum na cidade; ele chama de *ocupação da cidade e tomada das ruas*, e esse foi, para ele, o processo mais significativo da *Primavera Carioca*.

Eu acho que... a campanha foi talvez a primeira vez que eu vi uma série de coisas que, de 2012 para cá ficaram mais comuns, mas que eram absolutamente inéditas. Então, uma sensação, uma memória de mobilização como eu nunca havia visto, né? Espaços de milhares de

⁴¹ É um terminal de ônibus urbanos e rodoviários localizado no bairro da Barra da Tijuca, na cidade do Rio de Janeiro

⁴² Transporte Rápido por Ônibus que trafega em corredor exclusivo.

⁴³ Eduardo da Costa Paes era o candidato à reeleição a prefeito na época, estava à frente das pesquisas eleitorais e foi o vencedor. É advogado, filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e atual prefeito da cidade do Rio de Janeiro, desde 2009.

peças, entendeu? É uma ocupação da cidade, do conjunto da cidade. Vou usar uma referência, eu comecei a militar no movimento secundarista. Então, periodicamente a gente ocupava as ruas, cheguei a participar de atos com algumas milhares de pessoas, com 5 mil pessoas. Mas o espaço de referência básico é a escola, o centro político da sua militância é a escola, né? Embora o fato de estudar na rede pública me desse alguma dimensão mais ampla, eu comecei a acompanhar a rede estadual na Baixada, o processo mais significativo da campanha foi a tomada das ruas.

Outro jovem também faz essa referência da grande mobilização. João, 23 anos em 2012, estudante de graduação da UFRJ e morador da Tijuca, disse que antes disso ele não acreditava na militância, a política era acompanhada de longe e não valia a pena o gasto de energia.

Eu lembro que teve uma mobilização muito grande, que foi como eu iniciei na militância, porque eu, realmente, não acreditava. Eu acompanhava a política de longe, mas nunca achei que valia a pena eu gastar a minha energia militando, porque eu não acreditava mesmo que a gente pudesse fazer algo melhor pelo mundo.

As lembranças de João também são da animação, das pessoas que conheceu, tanto dos que já eram militantes quanto de apoiadores, das reuniões do Comitê Tijuca lotadas e a certeza de um segundo turno, que acabou não ocorrendo. No momento em que se refere aos militantes que conheceu, faz referência a mim; no entanto, só o conheci depois das eleições quando ele começou a participar do Núcleo PSOL da Grande Tijuca.

Eu lembro que era uma animação muito grande do pessoal que estava fazendo e eu conheci muita gente. Entrei em contato não só com pessoas da militância, que nem você e o F.. Foi gente de fora mesmo que veio e comprou. Eu conheci o C. que foi para o Comitê Popular da Copa e da Olimpíada e é isto. Eu me lembro de uma animação muito grande, que a gente lá, fazendo o negócio, nem pensava na possibilidade de o Freixo não ir pro segundo turno. Era uma animação muito grande! É esse clima que eu lembro: as reuniões do comitê, no começo, muito cheias, lotadas, uma vontade muito grande do PSOL participar.

Leandro, outro jovem que também se engajou no Núcleo PSOL da Grande Tijuca, tinha 24 anos, também morava na Tijuca e era estudante de pós-graduação da UFRJ na época, depois de contar como participou da campanha, lembrou que as atividades eram principalmente de panfletagem e participação em debates e comícios.

Então assim, basicamente as atividades eram todas de panfletagem. É... de acompanhar alguns debates e tal. Eu lembro de um debate na Estácio, tivemos eventos na... onde mais? Teve aquele... no final da campanha aquele grande comício na Lapa e tal.

Ricardo e Roberta falaram sobre a mobilização juvenil, o protagonismo dos jovens é a primeira lembrança das eleições. Roberta, com 26 anos na época, que morava na Zona Sul e estava terminando a graduação em uma Universidade particular bem conceituada, aponta que, como em outras falas durante as entrevistas, a eleição apareceu como um momento divisor, um antes e um depois das eleições, como se ali tivesse acontecido um encantamento pela política que antes não havia visto naquela dimensão no segmento juvenil carioca, acredita que nesse momento estava começando uma mudança.

Bom, eu acho que a primeira coisa que me vem à cabeça é o fato de ter tido uma predominância da juventude na militância. Você via muitos jovens e gente muito jovem. Eu, no caso, já estava com 26 anos, mas eu estava me formando ainda, no último período da faculdade. Você via gente de ensino médio, vestibulando, gente entrando na faculdade. Bastante jovens. Então, eu acho que isso era o principal, e uma alegria, uma coisa de uma campanha bem colorida, sabe? Era uma coisa que eu sempre reclamei que a nossa geração não tinha uma ideologia, uma vontade de mudar o mundo. E eu acho que isso mudou muito a partir desse momento com o Freixo. Ele traz isso: um encantamento da política. Eu acho que pra mim isso é o mais simbólico, assim, dessa campanha. (Roberta)

Acho que foi uma campanha bastante bem-sucedida, tanto em relação a percentuais alcançados, maior número de votos e politicamente eu acho que teve muita gente, muita juventude, que não estava mobilizada e foi um primeiro passo. (Ricardo)

Panfletagens, comícios, reuniões de comitês foram algumas das primeiras lembranças relacionadas ao *tempo da política* da *Primavera Carioca* que alguns dos jovens entrevistados recordaram. A surpresa de uma grande mobilização de jovens também foi apontada como marcante, relacionando a um antes e um depois daquelas eleições, como um reconhecimento de certa apatia juvenil pela política, mas a percepção de um reencantamento durante a campanha. Eles também recordaram o início do engajamento na *Primavera Carioca*; no tópico a seguir, eles contam como tudo começou.

Engajamento na *Primavera Carioca*

Diferentes foram as trajetórias e os motivos que levaram os jovens entrevistados a se engajarem na campanha eleitoral de 2012, alguns sequer tinham alguma experiência anterior de militância política. O que aconteceu em suas vidas naquele momento que os fizeram participar da campanha? O que os motivou? Como

começaram? Por que começaram? Essas perguntas se referem a como se deu o engajamento político desses jovens na *Primavera Carioca*.

Segundo Reis, o engajamento se relaciona à disposição de se tomar posição sobre diferentes temas e problemas a partir de domínios diversos. A autora ainda acrescenta que, independentemente da atividade exercida, há no processo de engajamento um sentido de intervenção e de inserção na realidade e é isso que define suas ações e relações (REIS, 2007). No caso dos jovens entrevistados, houve primeiramente uma disposição para a tomada de posição sobre as questões relativas ao processo eleitoral de 2012; a partir de diferentes motivações⁴⁴ eles resolveram se inserir e intervir naquela realidade, isso definiu as ações e relações no decorrer da campanha, como contaram durante as entrevistas. Além disso, segundo Brenner, o indivíduo agirá para realizar um interesse se o perceber como necessário, dessa forma, “*a pessoa engajada deve ter consciência de que foi ela que fez a aposta, que sua ação é gerada por um interesse*” (BRENNER, 2014: 36).

O tema do engajamento político há muito tempo vem instigando estudiosos. Carvalho (2013) aponta que pelo menos desde o século XIII, por ocasião das Revoluções Industrial e Francesa; há o questionamento sobre o que leva as pessoas a tomarem as ruas em busca de direitos, muitas vezes arriscando sua integridade física. Ao longo do tempo muitas teorias foram se desenvolvendo a fim de esclarecer esse questionamento. Carvalho (2013) divide essas teorias em dois pontos de vista principais: um, que se foca sobre as estruturas sociais e organizacionais, macrossociológico, e, o outro, focado nas trajetórias, carreiras e disposições individuais, microssociológico. No entanto, dada a complexidade das motivações, influências e trajetórias analisadas durante o trabalho de campo e nas entrevistas, a análise que melhor dá conta dessas constatações é a de que a motivação que levou os jovens a se engajarem se refere a uma conjugação de fatores individuais e estruturais.

Assim, percebemos que o estudo do engajamento tem tomado diversos enfoques por diferentes pesquisadores. O objetivo desta dissertação não é fazer uma revisão exaustiva sobre a temática, mas fazer apontamentos relacionados ao que os jovens entrevistados da *Primavera Carioca* falaram sobre as suas primeiras aproximações e

⁴⁴ É importante destacar que “a ‘motivação’ é o conteúdo, o interesse ou objeto do indivíduo que se engaja em uma interação; a ‘forma’ é o modo, um formato por meio do qual aquele conteúdo passa a existir” (REZENDE e COELHO, 2010: 45).

motivações de inserção e engajamento na campanha de 2012, levando em conta os fatores relacionais que foram percebidos nos contextos individuais e estruturais.

Na época da eleição, Rita tinha 17 anos e estava terminando o terceiro ano do ensino médio em uma escola particular que não tinha espaço para militância política; além disso, não havia nenhuma referência anterior de amigos ou familiares militantes. Nessa época, começou a se interessar por política através de um amigo com quem compartilhou em conversas o interesse pelo movimento da campanha do candidato Marcelo Freixo e a convidou para participar de algumas atividades. A partir disso ela começou a se informar da campanha.

Em 2012 eu estava no terceiro ano do ensino médio e estava começando a me interessar por política, mas também não tinha muita alternativa porque não conhecia ninguém dos partidos ainda, não conhecia ninguém de colégios mais ativos como o Pedro II [...]. Mas eu conhecia um amigo que estava lendo as coisas do Freixo, lendo sobre o PSOL e ele começou a falar comigo sobre essas coisas, mesmo eu não estando inserida em nenhum meio, aí ele levava os panfletos pra mim, levava todo o material da campanha que tava no início pra mim, e eu comecei a ler e comecei a gostar. Aí, ele foi e começou a me chamar para esses eventos maiores, nada de reunião de comitê, mas para os comícios, pros eventos na ABI, na ACM (ACM, né?), pros eventos na ACM, aí eu comecei a ir com ele. Na verdade, a ir com ele não, porque ele organizava mais, eu comecei a ir sozinha mesmo, aí eu sentava nos lugares sozinha mesmo, e ficava assistindo só.

Participando das atividades da campanha, Rita se identificou com as propostas do candidato, com o ambiente de militância política da campanha e viu que ali também havia jovens da sua idade na organização do processo. Percebeu e confrontou que, o que estava sendo discutido nesse espaço, era bem diferente do que estava acostumada a ouvir e a ler, relacionando aos problemas e questões vividos na cidade. Para ela, as pessoas que estavam naqueles eventos tinham propostas alternativas e compartilhavam sonhos como o seu, de algum tipo de mudança social.

Aí eu comecei a captar as propostas do Freixo e comecei até a prestar atenção nos termos que ele usava e associar mais ou menos esses termos a todos os problemas que a gente vinha acompanhando na cidade. Eu fui começando a fazer as conexões e começando a entender que as propostas eram bem alternativas de tudo que tava posto e era uma coisa que eu não estava acostumada, meu acompanhamento da política estava se dando a partir do *O Globo*. Eu só tinha essa alternativa. Eu lia o *O Globo* e tentava entender sobre política. Aí, com a campanha do Freixo e com as outras pessoas do PSOL, principalmente, com os jovens do PSOL que eram mais ativos que ficavam me dando material, ficavam me dando adesivo e vendendo camisa e tudo... Eu fui percebendo que tinham pessoas da minha idade lá e inseridas mais até que as pessoas mais velhas, porque os eventos

que eu ia eram sempre eles que estavam na frente, eram sempre eles que estavam vendendo as coisas e dando os materiais. Aí, eu fui começando a me interessar e começando a gostar do ambiente mesmo, sabe? Começando a me sentir bem, confortável no ambiente e vendo que ali era o único lugar que as pessoas compartilhavam sonhos como os meus, sabe? Como de algum tipo de mudança.

A participação nas atividades revelou à Rita uma juventude empolgada na qual ela se identificou e começou a se familiarizar com os novos ambientes em que estava se inserindo. A partir disso, pediu que seu amigo a informasse mais dos eventos da campanha. Apesar de a jovem descrever que antes não tivera a oportunidade de estar nesses espaços, ela logo se sentiu confortável e se identificou com os jovens que estavam ali e compartilhavam muitos dos seus sonhos por mudanças sociais.

Aline também tinha 17 anos naquela época, mas diferente de Rita, havia militantes em sua família. Ela contou que sua mãe pertencia ao Partido dos Trabalhadores (PT), o que acabou a influenciando. Mesmo nunca tendo participado de uma campanha, ela se lembra das panfletagens que sua mãe fazia. Em 2012, Aline entrou em contato com uma professora do colégio em que estudava que participava da *Primavera Carioca*. Ela disse que tinha vontade de participar ativamente na campanha e, por isso, o contato.

Eu nunca tinha participado de uma campanha. Eu sou filha de militante. Minha mãe era petista e eu sempre tive essa influência muito grande. Sempre via panfletagens, enfim. Mas eu nunca tinha, eu mesma, participado, assim, sabe. E em junho, aliás, julho – eu lembro como se fosse hoje, tinha a M., ela não era minha professora. Ela dava aula no Miguel Couto, onde eu estudava. E eu já tinha ouvido falar do Freixo, e tudo mais, e eu queria participar mais ativamente. Aí, eu mandei um e-mail pra ela, super formal, perguntando, né? Porque ela falou que tipo panfletava, que estava participando de um comitê de campanha e aí, eu mandei o e-mail pra ela. Ela me respondeu passando o contato do M., que é uma outra pessoa, lá de Jacarepaguá. Aí, eu comecei.

Além da influência familiar, Aline se lembra das questões estruturais por que a cidade passava naquele período, o contexto de um governo que trouxe diversos problemas e um candidato que aparece com propostas de um projeto de cidade oposto àquele; segundo ela, havia uma conjuntura favorável.

Mas eu acho que o Freixo, primeiro que foi uma conjuntura muito favorável, assim. [...] Então, a gente já via vários problemas no governo do Paes, sabe, e eu não sei, eu acho que a gente estava vivendo aquelas contradições e aparece aquela pessoa que tinha um projeto por trás muito legal. Um projeto que ia contra isso tudo que a gente vê, e que são problemas que a gente enfrenta todos os dias, sabe.

Assim como Rita, Aline falou sobre a vontade de mudança social como uma das motivações da campanha. Ela ainda vai além e diz que: “*As pessoas falam muito de Junho. Junho foi extremamente importante, mas eu acho que já tinham coisas acontecendo antes*”. Ela relembra as manifestações ocorridas em junho de 2013 em todo o país e diz que já havia coisas acontecendo antes como a *vontade de mudar* disseminada durante a *Primavera Carioca* e os questionamentos sobre democracia e representação política. Segundo ela, naquela campanha o candidato conseguiu instigar que era possível mudar e que isso não deveria acontecer de forma unilateral, mas com a participação de todos. Acrescenta ainda que ele soube lidar com a insatisfação que as pessoas estavam sentindo de uma maneira pedagógica.

É que a gente tem vontade de mudar, mas não sabe como. Por que a gente acha que é super natural, enfim. Foi o lema da campanha sabe, “Nada deve parecer impossível de mudar”. A gente acha que é impossível de mudar, mas não é. E eu acho que o Freixo conseguiu instigar esse tipo de pensamento. “Isso não é natural, a gente consegue mudar isso”. “A gente só precisa fazer isso juntos, eu não vou conseguir fazer isso sozinho”. E aqui entra a questão: ele até falava ah “como você vai governar sem a câmara a seu favor?”. E ele dizia: “eu vou governar com o povo”, sabe. Eu acho que criar assembleias de bairro, a democracia é isso. E eu acho que o questionamento em junho também, as pessoas fizeram sobre a democracia que a gente vive, que de democracia não tem nada. Eu acho que isso dialoga muito com o que o Freixo trazia, assim. As pessoas querem representação política. Elas não se sentem representadas por quase ninguém que está aí. E eu acho que o Freixo conseguia representar muita gente, se não quase todo mundo. Talvez não as elites, que são os beneficiados. Muitas pessoas, muito jovens. [...]. Eu acho que ele soube aproveitar essa revolta das pessoas muito bem e de uma maneira muito pedagógica. Isso foi muito importante.

Aline também lembrou das propostas que foram defendidas pelo candidato e disse que são as propostas que eles debatem e que o Estado não se interessa.

Ele vinha também com pautas que a gente dialoga, que a gente fala, né? Legalização das drogas, a questão do aborto, o direito das mulheres, são coisas que a gente pensa que a gente quer ter direito, mas que a gente não tem porque o Estado não está interessado nisso. E ele trouxe isso. Ele pautou essas questões, então, é muito importante.

No caso de Leandro, ele já procurava um espaço para se organizar politicamente para além das eleições e um amigo estava apresentando a possibilidade de militância no PSOL. Através desse amigo e das informações recebidas pelas redes sociais, começou a participar das atividades do Comitê do Freixo da Tijuca. Ele havia passado pela experiência de militância durante a graduação no Centro Acadêmico e sentiu a necessidade de se organizar em um grupo político.

Assim, na verdade, eu já tinha uma ansiedade já há algum tempo, assim, desde o início da minha graduação já militava, mas de uma maneira muito, muito desorganizada e muito próxima de uma galera anarquista, né? Compus um Centro Acadêmico autogestionado e depois passei por um momento muito, muito perdido na militância, assim, de não ter orientação de não saber o que fazer. E... A avaliação que se construía naquele momento era, em especial, porque uma das pessoas com quem eu tinha diálogo, e que passava também lá por afinidade pessoal, que era o A., me fazia essa proposta do PSOL de que é um projeto ainda em aberto.

Leandro disse que tinha certa desconfiança no projeto do PSOL; uma das influências lembradas, além do amigo que o aproximou do partido, foi o vereador Renato Cinco que na época era candidato e tinha como principal pauta a legalização da maconha, dentre outras pautas que o entrevistado julgou importante, como um projeto de educação. Apesar de Marcelo Freixo não ser sua maior referência de um projeto político a ser construído, ele acreditava que naquele momento era importante estar apoiando aquela candidatura e o que ela representava. Ele classifica como esse o *espírito que começou a compor a campanha*.

Eu tinha muitas desconfianças nesse projeto e tal, mas ele, ele [amigo A.] sempre falou que era um projeto em aberto e que valia a pena ainda disputar e foi nesse processo que eu comecei a me aproximar do PSOL e muito por conta do... essa coisa do apelo do Cinco, muito por conta da relação acho não só com a pauta da legalização da maconha, mas também com uma série... com um projeto de educação que parecia que o Cinco apostava, né? A relação com todas as pautas, acho esse termo muito ruim, mas supostamente específicas e tal e uma visão um pouco mais crítica desse processo. E aí, acho que o Freixo em especial, na verdade, embora nunca tenha... acho que ele é a expressão ideal de um projeto político a ser construído. Nesse momento, ele é, não sei nem se ele é, mas pelo menos ele aparecia como uma figura que canalizava isso tudo em um bloco unitário, né? E acho que foi um pouco nessa que eu... nesse espírito que eu comecei a compor a campanha

A mobilização juvenil foi o motivo apontado por João para iniciar a sua participação na campanha, ele nunca tinha visto nada parecido. O fato de o partido não receber apoio financeiro de empresas⁴⁵ e de não se coligar aos partidos tradicionais foram outros motivos para a aproximação com a *Primavera Carioca*.

Comecei a participar da campanha porque eu vi essa mobilização. Eu nunca tinha visto em torno de um candidato que nem o Freixo. Na verdade, em torno de ninguém, porque não tem mobilização e o Freixo fez essa chamada. Foi uma proposta diferente das que os partidos tradicionais têm e que foi a primeira vez que eu uma mobilização em torno disso.

⁴⁵ Segundo a prestação de contas da campanha do candidato Marcelo Freixo, disponibilizada no site do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), a única doação que não foi feita por pessoas físicas é de um escritório de advocacia.

Uma campanha que se propunha em não receber apoio financeiro de empresa, não se coligava com partidos tradicionais e conseguiu essa mobilização, essa divulgação toda, só com os recursos do pessoal que se propôs a participar e da militância do partido. Porque conseguiu uma expressão desse tamanho sem se corromper.

Logo que a campanha foi lançada, João começou a ter informações através da Internet e depois através das pessoas que foi conhecendo. Em um dos debates se informou sobre o comitê de campanha e começou a fazer panfletagens na região da Tijuca.

Eu fiquei sabendo quando a campanha foi lançada mesmo. Não esperava que fosse ser tão grande. Do Comitê, eu fiquei sabendo quando fui num debate entre os candidatos e o P. me chamou para participar. Foi assim.

Roberta soube da campanha por uma amiga, uma reunião com o candidato Marcelo Freixo havia sido marcada pelo *Facebook* e ela resolveu ir. A partir desse dia começou a se envolver na *Primavera Carioca*, participar das atividades, panfletagens e a pesquisar sobre o partido e os candidatos, escolheu também um candidato a vereador do PSOL para fazer campanha. Como foi colocado no primeiro capítulo desta dissertação, a campanha e a divulgação nas redes sociais, como o *Facebook*, foram importantes para a mobilização entre os jovens.

É, eu fiquei sabendo através de uma amiga, por uma reunião que estava marcada no Facebook, de uma fala que o Freixo ia fazer num espaço em Laranjeiras. Era uma espécie de quadro, enfim, organizado pelo PSOL. Fui e foi a primeira vez que eu ouvi falar publicamente e, a partir daí, eu comecei a receber panfletos, a me envolver, a ler mais a respeito do partido e das figuras públicas. E aí, eu continuei indo, como está tudo através do *Facebook*, era muito acessível você saber as atividades e passei a ir. E fui pra muitas panfletagens e aí escolhi o Renato Cinco pra fazer a campanha da proporcional, no caso, pra vereador e foi isso. Foi mais por *Facebook* mesmo.

Os motivos para o engajamento apontados por Roberta são relacionados a um momento pessoal, de uma reflexão ao estar terminando a faculdade de um curso relacionado às ciências sociais, que, segundo ela, possibilitou a pensar de uma maneira mais crítica e a ter outro olhar sobre as coisas. Além disso, a conjuntura, já apontada por outros entrevistados, foi outra motivação de Roberta. A campanha foi o canal para colocar em prática o seu momento de pensar o mundo de outra forma e a vontade de fazer política.

Bom, além de ter sido um momento pessoal na minha vida, de ter terminado a faculdade, e nesse sentido a universidade teve um efeito real, assim, a coisa funcionou que é de te ensinar a pensar, né. Eu acho que se você sai de uma universidade sem refletir, sem essa capacidade de criar

dúvidas, não funcionou muito bem. Eu passei a ter isso. Como eu estudei uma ciência social – não deixa de ser, foi um momento em que eu passei a ser mais crítica e olhar as coisas de outra forma. Isso já no final, quando eu estava escrevendo minha monografia. E isso coincidiu com o início da campanha. Então, foi a união de duas coisas, uma conjuntura muito favorável que era: um governo do PMDB, Eduardo Paes, que já se via lá, naquele momento de 2012, que estava caminhando para um colapso (eu acho que se pode dizer principalmente que o fim do Governo do Cabral é um colapso), isso tudo já tava muito visível na conjuntura e, por outro lado, a minha vida pessoal de tá num momento mais de passar a pensar o mundo de outra forma. E aí, como isso grita em mim e eu tenho muita vontade de colocar em prática, a campanha foi o canal para eu começar a fazer política, enfim, e pensar as coisas.

Como Roberta, Ricardo também estava terminando a faculdade e sentia a necessidade de se engajar politicamente; na faculdade não teve experiência de militância no movimento estudantil, mas naquele momento começou a acreditar que não deveria apenas tentar entender as coisas, mas ter algum tipo de atuação.

Eu estava terminando a faculdade, já percebendo que não dava mais só pra estudar, que tinha que militar mesmo, não tenho muita experiência e nunca atuei no movimento estudantil. A campanha foi só o primeiro momento. Eu acho que é isso. O que me motivou a ir é porque não dava pra ficar só estudando, tentando entender, mas sem atuar.

Ricardo contou que foi em atividades e debates da campanha, mas que na última semana que pode participar mais de reuniões de comitês e panfletagens, ele esperava um segundo turno para se dedicar mais.

Eu participei do comitê, mas na última semana. Eu não participei durante toda a campanha porque eu estava estudando. Minha atuação mesmo, de militância, foi na última semana e fui todos os dias pra rua, fiz panfletagem. Já tinha ido a debates. Na época, fui à Cinelândia com a juventude. Mas estava muito restrita a minha atuação na campanha e foi na última semana que eu comecei a sair. Esperando um segundo um turno para atuar mais, mas não deu.

As principais motivações reveladas pelos jovens entrevistados se referem à grande mobilização em torno da juventude na campanha, ao projeto político que o candidato apresentava, à conjuntura política vivida na cidade do Rio de Janeiro, à motivação pessoal do momento em que estavam na vida, à identificação com o ambiente em torno da campanha e às pessoas que os aproximaram e foram conhecendo ao longo dos meses. A citação abaixo, do pesquisador Ernesto Seidl, nos ajuda a compreender que as motivações estão vinculadas a uma complexa articulação:

Contudo, os investimentos na participação e expectativas apresentadas estão longe de ser homogêneos e parecem se vincular a uma complexa articulação entre origens sociais (história própria do indivíduo), configuração dos espaços de participação disponíveis e a própria estrutura

de valores concepções dominantes sobre o engajamento num dado momento (história local ou nacional) (SEIDL, 2009: 161).

Assim, pode-se relacionar os motivos apresentados nas narrativas dos jovens tanto às questões macrosociológicas (focada sobre as estruturas sociais e organizacionais), quanto as microsociológicas (focada nas trajetórias, carreiras e disposições individuais) (CARVALHO, 2013), citadas no começo deste tópico. As motivações que levaram os jovens a se engajarem se refere a uma conjugação de fatores individuais, como a motivação pessoal do momento em que estavam passando na vida, identificação com o ambiente e com as pessoas, e aos fatores estruturais, como a grande mobilização de jovens, a conjuntura política e o projeto político do candidato.

Emoções e momentos difíceis

A experiência é uma maneira de construir o real, de verificá-lo e experimentá-lo, construindo os fenômenos a partir de categorias do entendimento e da razão, são categorias sociais, formas de construções da realidade (DUBET, 1994). A experiência da participação na campanha trouxe uma série de lembranças de emoções e momentos difíceis que influenciaram no processo de engajamento dos jovens. As emoções, para além da sua relação com o corpo, subjetiva e psíquica, são permeadas por significados culturalmente e historicamente construídos e relacionadas a um contexto, emergindo da relação entre os interlocutores (REZENDE e COELHO, 2010). Dessa forma, as relações e experiências vividas naquele contexto da campanha suscitaram uma série de emoções e alguns momentos difíceis. Os jovens entrevistados relembrou alguns desses momentos durante as entrevistas.

A *Assembleia Sou Jovem e Fecho com Freixo*, atividade específica para a juventude e analisada no primeiro capítulo desta dissertação, foi considerada o momento mais emocionante da *Primavera Carioca* pela maioria dos entrevistados. A pergunta não necessariamente se referiu a uma atividade, mas a um momento, e esse foi o momento mais lembrado pela maioria. Aline, por exemplo, disse durante a entrevista que foi nesse dia que ela percebeu o quanto tudo podia mudar, falou que sentiu o coração pulsar pelas ideias colocadas durante o evento e que antes não tinha muito conhecimento. Ela ressaltou ainda a quantidade de jovens presentes.

Na reta final, a gente teve o “Sou Jovem e Fecho com Freixo”, que era pra ser na ABI, e aí, teve tanta gente, que a gente foi pra Cinelândia e foi ali que eu percebi o quanto aquilo podia mudar. Eu senti meu sangue ferver muito. Eu senti meu coração, meu... pulsar. Não por ele, mas pelas

ideias que estavam ali colocadas e que eu há dois anos eu não tinha muita noção do que era, assim. E muitos jovens. Muita gente, assim diferente, sabe? E foi o dia que marcou. Foi o dia em que eu realmente me envolvi na campanha.

A Assembleia de jovens com Freixo também foi o momento mais emocionante para Rita, que descreveu como o mais empolgante durante o seu processo de aproximação com a campanha. Caminhar juntos até uma praça e todos se sentarem no chão, fez Rita perceber jovens empolgados e interessados em política.

Então, aí nesse dia que a gente saiu da ABI e foi em massa pra Cinelândia e conseguiu todo mundo sentar no chão e tomar a Cinelândia, foi o momento que eu mais me empolguei, porque assim, eu vi que ninguém teve pudor nenhum em ficar em pé ou não sentar no chão, todo mundo sentou no chão mesmo e não tava nem aí. Aí, fui percebendo, nossa que juventude empolgada e tal.

Ricardo também fez referência ao fato de todos se sentarem na Cinelândia, ele recordou de movimentos históricos que passaram pela praça e fizeram as pessoas se sentarem ali, como em 1968, e disse: *o Freixo também conseguiu. Foi legal isso.* Leandro enfatizou, além da empolgação, o sentimento de renovação e da presença de um *afeto coletivo*.

[...] acho que ali foi em especial, né? Ali como tinha só a juventude, tava um pessoal mais empolgado e tinha um sentimento muito grande de renovação no ar, mesmo que depois ele tenha acabado tomando outros caminhos ou não se confirmando, acho que aquele momento ali foi... da presença de um afeto coletivo muito intenso.

Além de também considerar esse o momento mais emocionante da campanha, Fabiano apontou para outros três elementos, sendo dois deles geracionais, como o fato de o vice-candidato à Prefeitura ser uma referência de músico daquela geração de jovens e ter passado por uma superação pessoal que todos estavam acompanhando. Outro fato geracional foi que na época não havia policiamento ostensivo no local; depois das manifestações de junho de 2013, isso seria inimaginável, já que depois disso se tornou comum, por exemplo, tropa de choque em manifestações políticas. O outro elemento foi mais lúdico, uma ciranda que ocorreu ao final da Assembleia.

Pra além disso, foi uma assembleia muito emocionante porque tivemos a participação do Yuka no meio da multidão, foi uma coisa muito poderosa, porque o Yuka é alguém que representava ali um esforço de superação muito grande. Era uma referência para aquela juventude que cresceu cantando as músicas dele, a trajetória de vida dele e é um cara que topou fazer uma campanha. A gente terminou numa grande ciranda também. Então tinham vários elementos ali que pra a gente simbolizava tanto no conteúdo quanto na forma, né? Um elemento engraçado que eu brinco é que, se a gente fizesse essa assembleia hoje, ia ter uns cinco batalhões da

tropa de choque do lado. O interessante que foi uma assembleia que não tinha um policial.

Outros momentos também foram citados pelos entrevistados como o comício da Lapa. Para a jovem Aline, o comício da Lapa foi muito importante, nesse dia chegou a pensar que haveria o segundo turno das eleições. Para ela, foi inesquecível, percebeu que ali havia uma alternativa ao que ela não concordava na sociedade.

E comecei a participar das reuniões e depois teve o comício na Lapa. Foi um dos momentos mais importantes que eu percebi. Ali eu cheguei achar que ia ter segundo turno. Eu estava muito esperançosa. Estava muito cheio e estava chovendo. Nossa, foi um dia muito inesquecível. E a cada palavra que cada um falava... Eu percebi que ali havia uma alternativa vigente ao que estava proposto e que eu não concordava.

Roberta, Ricardo, Leandro e João também consideraram esse um dos momentos mais emocionantes. Leandro disse que *mexe com o coração* ver tanta gente reunida por uma política de esquerda: “*Acho que ver tanta gente reunida assim, especialmente, quando é gente reunida em prol de uma política de que se diz de esquerda é... mexe, mexe com o coração assim...*”.

Ao falar desse dia, Roberta lembrou que apesar de toda a chuva ainda foram mais ou menos 15 mil pessoas para os Arcos da Lapa. A emoção e as lágrimas nos olhos também foram lembrados. Ela colocou ainda uma questão geracional, comícios como esse eram comuns quando ela era criança, a oportunidade de estar em um comício como antes, aos 20 e poucos anos, foi uma emoção para Roberta.

Tem um momento emblemático, que é quando ele fez o comício na Lapa, que foi um comício que estava sendo esperado pra ser um sucesso, mas a chuva atrapalhou um pouco. Choveu bastante e mesmo assim, colocaram 15 mil pessoas na praça. Então, pra mim, participar de um comício em praça pública, com juventude, na Lapa, no Rio de Janeiro, é uma coisa que eu acompanhei. Eu acho que isso aconteceu lá quando o Lula foi eleito em 2002, isso ainda acontecia, mas eu era criança, tinha meus 13, 14 anos. Não tava ainda envolvida. Então, ter visto isso, nos meus 20 e poucos, e ver aquela... Eu lembro até de ter me emocionado, de ter lágrimas nos olhos, de ver tanta gente junta aglomerada, com um sonho, com um ideal, acreditando numa mudança e tendo também um horizonte, que é esse cara, que é muito ético. Que tem uma história de colocar o dele na reta como nenhum outro, que é a coisa da CPI das Milícias. Ele, realmente, podem falar o que for, mas ninguém enfrentou ainda como ele enfrentou, colocou a vida em risco. Aquele momento eu acho que é emblemático nessa campanha.

Ricardo e Aline lembraram também de momentos relacionados às regiões em que vivem. No caso do Ricardo, a atividade do Abraço ao Maracanã, em que conseguiram fazer um abraço ao Estádio Jornalista Mário Filho um dia antes da eleição,

ele disse que chegou a pegar um carro para ver se realmente conseguiram fechar o abraço: “*Eu lembro que peguei um carro de um amigo meu que a gente deu a volta e conseguiu fechar!*” Para Aline, foi o último dia de panfletagem na sua região, terminando com uma carreata e uma comemoração, lembrando também daquelas pessoas que começaram a fazer parte da sua vida.

Na Lapa. E no último dia de campanha na Zona Oeste a gente fez na sexta-feira, a eleição era no domingo, a gente fez uma panfletagem na Alvorada e depois a gente fez uma carreata até o “Rosas”, que a gente foi comemorar, enfim... É o que eu estou aqui te falando. Foi um crescimento muito pessoal também porque conheci muitas pessoas e eu percebi que não estava sozinha, e são pessoas que eu sei que vou carregar por muito tempo comigo, independente de estar ou não na militância. São pessoas que crescem comigo e que me fizeram crescer, e que são muito importantes. A gente criou um vínculo afetivo muito grande no nosso comitê. E nessa sexta-feira foi muito importante. Além de ter sido o último dia, a gente via que as pessoas estavam recebendo muito bem, que eu acreditava no segundo turno porque as pessoas falavam que iam votar nele. E a gente foi buzinando até o “Rosas”, cantando, toda adesivada, carregando a bandeira. Talvez pra mim tenha sido mais emocionante que na Lapa, porque foi no meu lugar. Não, eu não moro ali, mas foi na minha região. E todas as pessoas que pegam o BRT⁴⁶ todos os dias, amassadas, falando que realmente vão pensar... Foi muito emocionante.

Rita foi a única que falou sobre os debates da televisão, disse ainda que assistia a todos. O embate entre os adversários e os comentários de jovens no *Twitter* a fizeram pensar sobre a campanha e descreve a experiência como enriquecedora.

[...] mas também os debates na televisão também foram muito importantes, sabe? Nas Assembleias e tal ele discursava, mas os adversários não estavam ali, mas quando eu via, sei lá, acho que tiveram uns três ou quatro debates, até mais, e eu assistia todos e eu lembro que ficava todos os jovens no *Twitter* postando comentário e aí eu comecei a seguir as pessoas e comecei a postar comentários também pelo *Twitter*. Nem tanto pelo *Facebook* porque, naquela época, eu estava mais no *Twitter* e o *Twitter* tava bem no auge. Aí a gente assistia o debate o ficava postando coisas sobre o Freixo e sobre os adversários. Tentando desqualificar os adversários no *Twitter*. Aí, eu acho que esses momentos dos debates, em que as propostas estavam indo de encontro e que todos os jovens estavam postando no *Twitter* seus comentários, foi um momento que eu enriqueci muito do que pensar sobre a campanha.

Os jovens também falaram sobre os momentos difíceis durante o engajamento na *Primavera Carioca*. A maioria falou sobre questões ligadas diretamente ao candidato, como Rita, que recordou um suposto escândalo que surgiu envolvendo a filiação de um miliciano ao partido. Ela teve uma preocupação desse episódio ser um resquício da velha política que ia contra o que esperava do candidato.

⁴⁶ Transporte Rápido por Ônibus.

[...] teve uma vez que surgiu aquele suposto escândalo de ter filiado um cara miliciano, lembra disso? Aí, eu lembro que eu tava muito encantada com toda essa nova política que o Freixo estava trazendo... Aí do nada veio esse suposto escândalo de ter filiado um miliciano. Aí, eu acho que eu fiquei meio: “ai meu Deus, não acredito que isso pode ser um resquício de toda a política velha”. Mas não sei, depois eu compreendi que é um partido e que certas coisas acontecem. Aí, eu tive que amadurecer mais a minha visão de partido e como é um partido como um todo e como o partido funciona e que muitas coisas acontecem e que não necessariamente o Freixo sabia disso e filiou ele, sabe? Mas eu acho que a oposição usou muito esse... essa história dessa filiação, é... dessa filiação infeliz pra bater no Freixo e eu fiquei meio... Não vou dizer que eu fiquei meio desanimada, mas eu fiquei um pouco talvez com o pé atrás. Mas depois que eu fui amadurecendo na minha cabeça a ideia sobre partidos, tudo ficou bem, tudo voltou ao normal, é... a empolgação voltou.

Leandro relacionou os momentos ruins ao foco muitas vezes excessivo na figura do candidato como um *salvador*.

Quando eu sentia que havia um movimento de personalização da figura do Freixo e eu achava, acho isso perigoso. Então, quando a própria juventude apresentava o Freixo como uma espécie de salvador da cidade e tal. [...] Isso sempre me incomodou, né, porque essa centralização da figura do grande líder é o esvaziamento da capacidade de ingestão da própria vida das pessoas e isso era uma parada que me incomodava muito na campanha dele.

Outra preocupação relacionada ao candidato foi colocada por Ricardo, que acredita que o candidato tem um bom discurso, mas que deveria ficar mais clara a sua posição em favor da classe trabalhadora.

Eu acho que o Freixo tem uma fala muito boa, muito simples. Ele consegue falar com as pessoas, consegue ser entendido. Mas o problema que eu vejo é... [...] acho que foi legal ele ter colocado os debates, mas acho que tem que um pouco mais um viés da classe trabalhadora, falta isso, acho que tem que se integrar no discurso mais, por que, se não, uma tendência mais conciliatória, assim classe média, a gente sabe daqui a pouco pra onde vai. Pode ser melhor um discurso, não é mais radical, mas mais explícito do que uma coisa mais amena, que pode levar para onde a gente não quer. De experiência ruim e frustrante para a classe trabalhadora, eu acho que já deu.

Roberta relacionou os momentos ruins mais às questões pessoais de ela estar começando o engajamento político e as dificuldades que foi encontrando nas relações que estavam se iniciando.

Como eu estava começando a fazer a campanha, como eu estava começando a militar na minha vida, tem um encantamento, tem uma euforia nesse romantismo que é até um pouco cego até. É uma coisa de que a “juventude, vamos mudar o mundo” e aí, você não vê muito. Eu acho que tive momentos tristes talvez de situações pessoais, ali na construção das relações e das divisões de ideologia de cada um, você vai

tendo alguns atritos, mas todos no plano pessoal. A minha relação com o partido nesse momento foi excelente.

A rejeição das pessoas ao candidato ou à campanha foram os piores momentos relatados por Aline. Quando diziam que ele não ia ganhar ou jogavam o papel no chão, também a dificuldade de crescimento do Marcelo Freixo nas pesquisas.

Muita gente vinha falar, né? “Esse cara não vai ganhar.” Cada pessoa que falava que ele não ia ganhar, a gente se destruía um pouquinho. Também, acho que na última semana que ele não crescia de jeito nenhum e o Paes começou a crescer, eu também fiquei muito desesperada. Eu lembro que era 21% e não saía disso. Eu começava a ficar desesperada. E nas panfletagens também, quando as pessoas jogavam as coisas no chão, rasgavam na nossa cara. Aquilo matava a gente aos poucos, sabe? Mas ainda assim, a gente acreditava no projeto. Não é fácil, e nunca vai ser fácil. E esses momentos foram muito difíceis, das pessoas rejeitando e tal.

A subjetividade das emoções vividas nesse processo de engajamento durante a campanha é importante para a formação das trajetórias políticas que começaram a partir daqueles meses. Além disso, a própria entrevista cria uma relação carregada de subjetividade; ao falar de suas vidas naquele período, dos momentos emocionantes e dos difíceis, envolve uma série de emoções e sentimentos importantes para entender o contexto e a experiência que os jovens tiveram na campanha (ARAÚJO, 2012).

O que os jovens esperavam daquela campanha?

Os jovens que se engajaram na *Primavera Carioca* apresentaram diversas expectativas em torno daquele pleito eleitoral e da possibilidade ou não do candidato ser eleito a prefeito da cidade do Rio de Janeiro. A maioria dos entrevistados não acreditava na vitória, mas tinha esperanças que Marcelo Freixo fosse ao menos para o segundo turno.

Os motivos citados para que não se acreditasse na vitória do candidato se relacionavam à diferença do tempo de televisão, às coligações feitas pelo outro candidato e a um atual sistema político injusto. Ricardo, por exemplo, afirmou que queria muito que o candidato fosse para o segundo turno para que o debate iniciado com a campanha pudesse ser ampliado, já que o tempo de televisão seria maior. A possibilidade de Marcelo Freixo ser eleito foi apontada como uma boa ilusão dos militantes que estavam nas ruas, mas o objetivo de iniciar o debate foi realizado.

[...] eu queria muito que ele fosse pro segundo turno. Tinha que ter o debate porque é muito injusto o sistema político. A campanha dele contra o Paes, acho que foi a maior coligação da história. Dois minutinhos, não sei, contra quinze. Ter o tempo igual ia ser muito bom. Esperar ganhar,

acho que naquele momento era uma ilusão boa para a militância que estava rua, mas não sei se era possível. [...] Eu acho que conseguimos colocar o debate. Atingiu o objetivo.

João e Rita também não acreditavam na vitória, mas disseram ficar empolgados com a possibilidade do segundo turno. Rita reafirmou o obstáculo das coligações feitas pelo candidato Eduardo Paes, mas acreditava que o segundo turno já traria uma grande mudança e compara com a disputa de outro candidato na eleição anterior ao governo do Estado, mas que aquela se diferenciou pelas propostas.

Eu não acreditava que ele ia ganhar porque eu percebia como é que estava a situação. O Eduardo Paes com milhões de coligações, aquilo tudo que a gente já sabe, mas, ainda assim, eu fiquei empolgada com a possibilidade de chegar a um segundo turno, que eu acho que já seria uma grande mudança, uma grande transformação, como se fosse a do Gabeira⁴⁷ da outra vez, mas um pouco diferentes por causa das propostas.

Os momentos em que Rita mais acreditou na possibilidade de segundo turno foram durante os debates em que, segundo ela, o candidato Marcelo Freixo estava ganhando a discussão. No final da campanha, chegou até pensar na vitória, quando via toda a mobilização de apoio.

Ah, sim, claro, com certeza, principalmente quando estavam tendo vários debates na Globo, que ele tava arrasando, que ele recebeu aplausos, que ele tava disparado “ganhando” os debates, né? Porque dá pra dizer mais ou menos quem se deu melhor. Aí, nesse momento, eu falei, nossa, dá para ir para o segundo turno. Sim, acho que eu cheguei a cogitar a hipótese dele ganhar, no segundo turno, porque quando a gente pensa na possibilidade de segundo turno a gente pensa mais alto, né? Então sim, eu cheguei a esse ponto de pensar, mais do meio pro final da campanha, quando eu vi que tava tudo a mil, toda a juventude a mil, todo o PSOL e todos os movimentos sociais apoiando, eu cheguei a cogitar essa possibilidade... e fiquei mais empolgada ainda.

Aline também acreditava no segundo turno, enfatizou especialmente o fato de as pessoas relatarem durante as panfletagens que também estavam cansadas. Além disso, apontou que havia uma máquina eleitoral muito grande para enfrentar e, apesar do resultado da urna, na verdade, as manifestações de junho de 2013 mostraram que o prefeito não ganhou nada, já que havia uma grande oposição a ele nesses protestos.

Acreditava, ganhar não, mas o segundo turno, acreditava. Assim, a gente sabia que o Paes tem currais eleitorais enormes, mas sei lá, a gente via muita gente falando das classes populares falando também que estavam cansados. A gente tinha uma máquina muito grande pra destruir e eu acreditei que fosse, pelo menos, pro segundo turno. Já acho que ainda, sim, foi um resultado... Não foi eleitoral, mas foi um resultado de tudo

⁴⁷ Fernando Gabeira é jornalista, escritor e político brasileiro do Partido Verde (PV). Nas eleições de 2010, foi candidato a governador do Rio de Janeiro, tendo ficado em segundo lugar.

muito importante, muito mais positivo que o dele. Ele só ganhou a eleição. Junho mostrou pra ele que ele não ganhou nada.

Além de não esperar que o candidato Marcelo Freixo fosse ganhar, mas talvez fosse para o segundo turno, Leandro disse que sentia até uma preocupação em relação à possibilidade da vitória, pois acha que o projeto estava muito mais centrado numa figura do que em uma organização militante mais horizontal.

Não, eu achei que talvez ele pudesse ir para o segundo turno, mas ganhar, eu nunca achei que ele ia ganhar. É... E... Eu, na verdade, sempre expressei isso para alguns companheiros. Eu achava que poderia ser perigoso inclusive, se ele ganhasse, né? É... por ser um projeto muito personalista centrado na figura dele, desligado de uma organização militante e tal. Essa coisa de... ser um mandato dele, né? E isso me incomodava bastante assim, especialmente, pelo fato do partido não ter... instâncias de base capazes de pressionar esse possível mandato de prefeitura, né?

Apesar das críticas, Leandro disse que poderia ser uma das melhores Prefeituras que a cidade já teve, caso se ganhasse a eleição.

Mas também não nego que, no caso de uma vitória dele suposta e imaginária, não nego que seria provavelmente uma das melhores prefeituras do Rio de Janeiro em termos de avanços e consolidações sociais em muito tempo, não vou dizer sempre porque... mas assim, muito tempo, né? Talvez o primeiro projeto de uma prefeitura relativamente vinculada com as causas populares.

Roberta acreditava que ele poderia ter sido eleito no segundo turno. Ela chamou a atenção para o grande número de votos para uma campanha feita sem financiamento privado e apenas por militantes, especialmente, por jovens. Nas campanhas, existe sempre essa valorização da esquerda em torno das pessoas que participam sem receber remuneração, em oposição às campanhas com muito dinheiro que contratam profissionais para panfletarem pela cidade. O PSOL tem inclusive um slogan *Não recebo um real, estou na rua por um ideal*, valorizando o fato de não pagar pelas pessoas que panfletam na rua.

Eu cheguei a achar que o Marcelo poderia ser eleito num segundo turno. Ele fez uma excelente votação. E se a gente pensar são 28% dos votos sem financiamento privado. Uma campanha realmente toda feita na doação de pessoa física, na militância por um ideal, na juventude. Isso é uma coisa realmente sensacional. Eu acho que isso é raríssimo. Não sei se é possível ver em outros lugares, mas aqui no Rio, foi muito lindo isso.

Três motivos fizeram Fabiano acreditar na vitória da eleição do candidato Marcelo Freixo. O primeiro relacionou ao crescimento durante o período eleitoral da

intenção de votos da juventude e à própria mobilização que foi crescendo com as atividades de rua.

Eu achei, por três motivos. Primeiro é que num objetivo imediato com a juventude a gente virou. A gente ia de reunião a reunião de comitê pegando a pesquisa e mostrando o crescimento do Marcelo. Quando engatou essa política de rua, depois da assembleia dos jovens, teve a de mulheres, a de professores, a de educação, depois foi por bairro, bairro a bairro. Ele teve um crescimento, ele teve uma aceleração de crescimento, né, na juventude, em particular, muito grande.

O segundo motivo apontado por Fabiano era da imprevisibilidade do segundo turno, pelo tempo de propaganda política na televisão que seria igual para os dois que estariam na disputa e da possibilidade de que o sentimento de que as coisas poderiam ser realmente diferentes crescesse. Essa possibilidade acabou atraindo até mesmo os amigos anarquistas do entrevistado que não votavam e se interessaram na eleição.

O segundo elemento era que pra gente o segundo turno era imprevisível, porque no segundo turno você tem tempo de televisão igual, então, o principal trunfo que era do PMDB, diminuía um pouco a influência do poder econômico na campanha. Mas também porque abre um sentimento da população em geral essa coisa do "Nada parece ser impossível de mudar", quando você tá no segundo turno todo mundo por mais comprometido com a ordem pensa: "E se esses caras ganharem? E se a vida pudesse ser diferente?"... É qualitativamente diferente o potencial que tem, né? Os meus amigos que eram anarquistas naquele período e uma hora eles começaram a me perguntar: "E aí, você acha que dá pra ganhar? Eu não voto, mas vou ver se eu posso votar. Não sei como o meu título de eleitor como é que tá". Um potencial de atração muito grande.

A esperança foi o terceiro motivo apresentado por Fabiano. Tudo que estava vivenciando naquele período era inédito e ao mesmo tempo tudo ficou parecendo possível, ele relatou.

E o terceiro motivo era a esperança mesmo, né? A gente assim, pra além de todos os dados objetivos de campanha, pra além dessa memória das pessoas falarem que o segundo turno é diferente... Como era um tempo muito inédito a gente tava vivenciando relações políticas, relações sociais inéditas, tudo pareceu ao mesmo tempo possível. Depois que você vê a assembleia de milhares de pessoas, depois que você vê comitês na cidade inteira frente ao marasmo que era antes, é isso, você cria uma empolgação com a mobilização popular.

Segundo Fabiano, *havia também uma preocupação sobre o que ganhar*. E se o candidato Marcelo Freixo ganhasse, como os jovens acham que teria sido? Fabiano acredita que as perguntas geradas em torno desse possível governo só seriam respondidas pela mobilização popular e pela capacidade dela em disputar os rumos da prefeitura.

Mas a gente só ganharia essa prefeitura com potencial de mobilização popular muito grande. Se fosse uma campanha, como foi, baseada em assembleias. A pergunta que estava dada ali era: "A base social que conseguiu disputar os rumos da campanha, disputará também os rumos do governo? E esse governo vai ser um governo em que grau radical? Em que grau ele vai negar a privatização, garantir direitos e enfrentar o capital?". Essa pergunta não é o Marcelo Freixo que responde, não é o PSOL e nem cada um de nós. A resposta disso era servir o processo de mobilização de base. Como é que ele continuava, o quanto ele se esgotava, o quanto ele ia conseguir formular a política. [...] É um desafio.

Aline acredita que é difícil mudar tudo do dia para a noite e que não saberia dizer se estaria muito diferente, pois leva tempo fazer as mudanças necessárias, mas, segundo ela, estaria muito melhor, falou especialmente do transporte público e da relação da Prefeitura com os movimentos sociais.

Eu me pergunto isso. Eu acho que... Eu não sei se eu posso dizer que as coisas estariam muito diferentes porque a gente não consegue mudar do dia pra noite. Uma cidade que é largada e que é partida, a gente não consegue unir da noite para o dia. Unir no sentido de igualdade mesmo de regiões que são totalmente diferentes e com problemas diversos. Mas eu acho que a gente estaria muito melhor. O transporte público acho que talvez, a questão do metrô estaria rolando, sabe? Eu não consigo fazer essas previsões. A gente não trabalha com o "se", mas estaria bem diferente, o nível de politização, talvez, de diálogo com os movimentos sociais, a greve dos professores foi a prova de que a gente vive num governo extremamente arbitrário, que demite pessoas deliberadamente. Eu acho que isso não teria acontecido. Um exemplo que eu acho que se o Freixo tivesse levado, não teria demitido professores. Eu não consigo prever.

A possibilidade da melhora no transporte público também foi apontada por Rita como um possível ganho caso o candidato Marcelo Freixo fosse eleito. Ela acreditava que pelo histórico do candidato, ele podia fazer diferente de seus antecessores e havia propostas concretas por ele colocadas, segundo Rita.

[...] sempre vinham as pessoas falando, as pessoas mais desencantadas com a política falando que "não, o poder corrompe, é a mesma coisa, blá, blá... Todo mundo que chegar ao poder vai fazer a mesma coisa". Mas a proposta dele sobre acabar, acabar não, mas investir em transporte por trilhos, eu botei uma fé nessa proposta, sabe? E eu achava que ela era concreta mesmo. Achava que ela ia fazer realmente isso quando ele chegasse lá, que era uma coisa viável, sabe? Dava pra ele viabilizar. Então, eu fui começando a perceber assim... Levando em contas essas, essa história de poder corrompe, sabe? E levando em conta as propostas do Freixo, eu meio que pesei na balança e vi que as propostas eram bem concretas, principalmente, pela trajetória dele na comissão de direito humanos, né? Porque ele já tinha feito uma coisa revolucionária lá, com toda essa questão da milícia. Então, eu tava de certa maneira enxergando bastante concretude nas propostas e achava que se ele ganhasse realmente muitas, não todas, mas muitas iam ser viáveis.

Ricardo e Roberta acreditam que seria um governo muito conflituoso, já que haveria muita resistência dos outros partidos que são maioria na Câmara Municipal. Ricardo acrescentou ainda que o PSOL não tem experiência e nem proposta o bastante para uma Prefeitura e isso poderia ser ruim para o próprio partido.

Não sei se... Teria dado “merda”, com certeza. Acho que não está... Eu acho que o PSOL quer bastante, mas não está preparado o bastante de propostas, de acúmulo, mas não está preparado como partido para aguentar uma pressão dessa. Podia ser não ruim para Rio, mas ruim para o PSOL.

Roberta acredita que apesar de todo o apoio da militância seria muito difícil governar com a oposição da maioria da Câmara Municipal e com as grandes empresas que apoiam essa oposição. Assim, para ela, também acreditava na possibilidade de haver um conflito muito grande.

Bom, eu acho que, por um lado, ele tinha uma base, um apoio da militância toda que colocou ele, que ganhou tantos votos, que estava ali muito forte para dar essa base, mas por outro lado, você tem uma questão que ter só o Executivo não basta. Você ter o Executivo e ter uma câmara toda de oposição (no caso, do PMDB e PSDB) e você ter todas as grandes empresas que financiam esses partidos e essas figuras públicas – Fetranspor, a máfia que é a situação das empresas de ônibus do Rio de Janeiro e tantas outras, eu acho que teria sido bastante problemático. Eu não sei como isso teria desencadeado. Mas eu tenho certeza que para um conflito muito grande. Ou entre a sociedade civil apoiando o prefeito e a oposição ou, simplesmente, entre as instituições do Estado democrático de direito que iam entrar num conflito de interesses porque, certamente, os interesses que o Freixo, como executivo e prefeito, teriam, seriam completamente contrários aos interesses de todas essas outras instituições. Então, eu acho que teria sido bem conflituoso.

Ao falarem sobre as perspectivas em relação à campanha e a uma possível vitória, os jovens demonstraram suas perspectivas também em torno do seu caráter de engajamento político, fazendo críticas ao sistema eleitoral, aos limites do que se estava disputando durante a campanha e até mesmo ao foco excessivo muitas vezes existente em relação ao candidato – que eles acreditam que deveria ser no que eles chamam de *militância de base*. Os elementos positivos se relacionaram ao debate que a campanha acabou trazendo para a cidade e que, no caso de uma vitória à Prefeitura, poderia ter trazido um diálogo importante da Prefeitura com os movimentos sociais, entre outros pontos colocados, como a melhora do sistema de transporte.

A juventude como aposta da campanha

A juventude é constantemente mencionada em campanhas políticas, nos apelos dos candidatos, nas propagandas eleitorais e há sempre uma busca a cada nova eleição de se incorporar mais jovens para o processo político eleitoral (GONÇALVES, 2012). Nas campanhas políticas, ter o candidato da juventude é sempre um ponto positivo no sentido de trazer uma expectativa de possibilidade de renovação e de uma “nova política”, a referência ao “jovem”, “juvenil” e ao “novo” pode trazer um ar de novidade para as campanhas. No entanto, nem sempre isso ocorre para além de propagandas pagas, de jovens remunerados para as panfletagens e também para além dos que já estão engajados nos partidos, movimentos estudantis e sociais; atrair novos jovens para o engajamento nas campanhas políticas tem sido uma tarefa difícil.

No caso da *Primavera Carioca*, a grande mobilização de jovens foi apontada pela maioria dos entrevistados como uma das principais motivações para o engajamento na campanha, mas em que momento a juventude se tornou uma aposta para o crescimento da candidatura do Marcelo Freixo e como isso se desenvolveu? Foi um processo que teve seus conflitos, muitas vezes geracionais, com diferentes apostas e objetivos. Fabiano, um dos jovens entrevistados, já era filiado ao PSOL, participava do núcleo de juventude do PSOL SACI e acompanhou desde o início as discussões sobre o caráter que a campanha teria. Durante a entrevista, ele contou como esse processo foi se desenvolvendo dentro do partido.

Fabiano filiou-se ao PSOL em 2009 e em 2010 participou da campanha presidencial do candidato Plínio Arruda de Sampaio. Nessa época, Fabiano acredita que já havia a compreensão de uma parte do PSOL sobre a existência de uma *nova geração política*, esta tinha como diferencial relevante uma memória política apenas do governo do PT já no âmbito federal e a desmobilização que os movimentos sociais vinham passando nos últimos anos. Segundo Fabiano, esses jovens estavam abertos a repensarem o mundo e isso já se refletiu na campanha do candidato Plínio, que ele caracteriza como uma *campanha militante*, com a predominância de jovens, mas em escala diferente de 2012.

Eu me filiei em 2009. Na campanha do Plínio já havia uma compreensão por parte de uma parcela da juventude do PSOL de que ela tinha apontado pra existência uma nova geração política, depois de um período marcado pelos governos Lula de grande desmobilização popular, de que a maioria das ferramentas havia sido construída por uma geração anterior, pelos nossos pais e pelos militantes mais maduros, por estarem muito

cooptadas e os que não estavam cooptados tinham maior dificuldade pra conseguir mobilizar as pessoas. E ali, com o Plínio havia uma clareza de que uma nova juventude que não tinha memória social, não tinha referência nestas ferramentas de luta antigas, que só tinham conhecido o PT como governo, né? Tava mais aberta em repensar o mundo. A gente construiu e já tinha começado a participar da campanha, a campanha do Plínio já foi uma campanha militante, numa outra escala, onde a juventude foi muito predominante.

Após a campanha presidencial do Plínio de Arruda Sampaio, os jovens organizaram o núcleo de juventude SACI que chegou a reunir cerca de 100 pessoas e que, até 2012, participava ativamente das questões internas do PSOL, além de ter sido um espaço de formação e debate. Nas eleições de 2012, os jovens do SACI tiveram como desafio a disputa dentro do próprio partido de como seria a primeira campanha em que um candidato teria um potencial grande de votos para disputar o Poder Executivo municipal de uma das principais cidades do país.

Então em 2010/2011 a gente organizou logo após a campanha um núcleo do PSOL de juventude, chamado SACI (Socialismo Ação Cultura e Informação) e tinha toda essa brincadeira de pegar uma figura tipicamente brasileira, né? Enfim, é um desafio à autoridade, uma relação com a cultura afrodescendente etc. Era um núcleo que chegou a reunir 100 pessoas e que interveio até 2012, interveio muito na vida interna do partido era um espaço mais de formação, debate político, formulou contribuições pros encontros e congressos do PSOL, mas em 2012 a gente tinha desafio que era uma disputa interna sobre como deveria ser a campanha do Marcelo Freixo para prefeitura do Rio de Janeiro. Seria a primeira campanha que teria potencial de disputa, não só potencial real de sucesso, mas principalmente um potencial de disputa da sociedade carioca como a gente ainda não tinha tido.

A visão do SACI era de que havia uma parte do PSOL que apostava em uma campanha centrada na figura do candidato como um homem honesto, ético, entre outros adjetivos, e em alianças políticas para aumentar o tempo de televisão. O núcleo de juventude SACI relacionou essa tática com a “velha política” que já se fazia em outros partidos e acreditava que isso não estava em conformidade com a nova geração política da cidade.

[...] o debate interno do SACI compreendia que havia uma aposta para uma parcela do partido que não dialogaria com essa nova geração política, além de ferir uma série de princípios socialistas, que era uma parcela inclusive da direção partidária que apostava que a campanha do Marcelo deveria ser uma campanha focada em tempo de televisão, com uma narrativa construída em torno dele enquanto figura pública pessoalmente, em torno do homem pródigo, honesto, ético, né? Se aproveitando da referência da população nele a partir do processo da CPI das milícias, e que pra isso era necessário construir alianças, em particular com um grupo que na eleição anterior a prefeitura tinha obtido um razoável sucesso frente ao PMDB, que era o PV. Então era uma

lógica de ampliar as alianças políticas para um setor não comprometido com o socialismo e muito ligado à ordem vigente, um setor da velha política, pra ser mais prático, pra garantir tempo de televisão e imprensa que isso é que ganha eleição, né?

A avaliação feita na época pelos jovens do SACI era de que essa velha tática não tinha chance de disputar o voto e a participação da juventude naquelas eleições. Eles entendiam que os jovens tinham vontade política de construir novas formas de participação e que tinham um descontentamento e uma rebeldia com as condições de vida e com a *crise de representatividade*, nas palavras do jovem entrevistado. Isso tudo era muito difícil de afirmar naquela época devido à grande aprovação dos governos do estado, da cidade e do apoio da mídia ao projeto político deles.

A gente tinha muita clareza de que isso não tinha nenhuma chance de disputa real da juventude, porque era uma juventude que já entendia que tinha vontade política de construir novas formas de participação e que tinha um descontentamento, uma rebeldia muito grande, não só com as condições de vida como as lutas por transporte, saúde, educação, mas com o que a gente chama hoje em dia de crise de representatividade, mas que naquele momento era muito difícil afirmar isso porque o governo do Sérgio Cabral tinha 70-80% de aprovação. A prefeitura do Eduardo Paes, baseada numa aliança midiática muito grande, tinha muito apoio popular, entendeu? Naquele momento... e nós afirmávamos, apesar disso tudo, desse esforço profundo, desse consenso que tentou se construir em torno do projeto de desenvolvimento que o PMDB representa pra cidade e pro estado, existe uma juventude que discorda disso tudo e que não vai se organizar e não vai se mobilizar para essa velha política.

Segundo Fabiano, o núcleo teve o desafio de pensar numa campanha feita por militantes e que pudesse aproximar outros jovens que não tinham experiência de militância política, nas palavras dele *a imensa maioria da juventude*. A tática inicial dos jovens do SACI foi estruturar comitês de campanha por bairros, universidades e escolas.

Então a gente teve um desafio desde o início de pensar em uma campanha militante que tivesse capacidade de disputar, organizar e convidar jovens que não tinham nenhuma experiência militante. A imensa maioria da juventude em função de um momento anterior de desmobilização das lutas e tal. [...] bom meu núcleo debateu isso politicamente, a gente começou a estruturar os comitês de campanha e foi a primeira vez que a gente tentou fazer comitês por bairro e comitês por universidades e escolas, né?

Fabiano chegou a participar de dois comitês um da UFRJ, onde estudava e tinha um papel mais organizativo, e o outro do Largo do Machado, bairro da cidade do Rio de Janeiro onde morava na época. Como tinha experiência com a militância nos grêmios, ajudou também a criar o *Comitê Freixo nas Escolas*. Ele contou que havia um debate

aberto nos comitês sobre as diferenças entre a direção partidária sobre o caráter da campanha.

[...] participei da organização do comitê da UFRJ, a gente fez um debate público com os candidatos. Cheguei a participar do comitê do Largo do Machado que é área em que eu morava, né? Mas eu tinha papel mais organizativo no comitê da UFRJ. A gente fazia esse debate com as pessoas no comitê de forma muito franca tendendo sempre a disputar, se a base do partido, mas principalmente se a base popular que tinha esperança nessa campanha a gente iria conseguir reverter essa outra aposta política mais conservadora de parte dessa direção partidária. A gente tinha na juventude e nos comitês universitários e nos comitês das escolas, eu também ajudei a criar o comitê Freixo nas Escolas, apesar de eu ser universitário eu tinha uma relação histórica com o movimento, conhecia a imensa maioria das lideranças dos grêmios. As pessoas ainda tinham a memória lá, pois você fica 6 anos da sua vida rodando escola e era mesmo rodando sala e aquilo ali fica, né?

O SACI acompanhava as pesquisas eleitorais para pensar as estratégias para a campanha, nas primeiras pesquisas o candidato Marcelo Freixo tinha uma votação muito baixa no segmento da juventude. O voto para ele em geral estava concentrado na chamada *Zona Sul Sociológica*⁴⁸, região que compreende bairros da Zona Sul geográfica e os bairros Recreio dos Bandeirantes, Barra da Tijuca, Centro, Tijuca, Vila Isabel e adjacências. Esse termo é muito utilizado pelos jovens do partido durante as reuniões, como pude observar durante o trabalho de campo. O entrevistado frisou ainda os bairros da Tijuca e Copacabana que já tinham uma tradicional votação de esquerda desde o PT. A avaliação feita pelo SACI com base nessas primeiras pesquisas era que a necessidade de reverter a votação que ele tinha da juventude, somente assim a campanha poderia crescer.

Bom, e a gente tinha um desafio profundo na juventude que era o seguinte, a gente acompanhava as pesquisas eleitorais atentamente para poder pensar estrategicamente a eleição. Nas primeiras pesquisas o Marcelo perdia na juventude, o voto dele era muito localizado do ponto de vista geográfico: Copacabana, Tijuca, que são bases históricas de votação da esquerda, o PT enquanto era um partido de luta tinha ligação histórica com esses bairros. E na juventude particularmente ele tava em segundo, com menos de sei lá, na casa dos 20%. E a gente tinha claro que se a gente não conseguisse reverter isso, disputar a juventude carioca para fazer campanha a gente ia ter pouquíssima capacidade de fazer a campanha ganhar volume.

⁴⁸ Segundo Fortes e Laignier (2010: 2): “A área concentra boa parte das residências de classe média e alta da cidade, bem como a maioria dos equipamentos culturais, atrações turísticas e prédios históricos. A infraestrutura de instituições e serviços públicos também é, proporcionalmente, muito superior (qualitativa e quantitativamente) àquela presente na Zona Oeste e nos demais bairros da Zona Norte – os quais, somados, compreendem a ampla maioria do território e da população do município”.

Fabiano teve a oportunidade de falar em uma plenária, para o candidato e para o conjunto da campanha, o que vinha sendo discutido com os jovens no núcleo e nos comitês. Na oportunidade, ele destacou que a juventude podia ser a grande aposta da campanha, a partir dela poderia haver um fortalecimento dos comitês e da disputa para outras áreas da cidade, aquelas áreas em que a campanha ainda não havia chegado. Ele afirmou que para isso a juventude deveria se sentir *sujeito* do processo e só assim se alcançaria o objetivo que, segundo Fabiano, era disputar o *modelo de cidade*.

[...] mas teve uma primeira plenária de mobilização da campanha do Marcelo que foi na ACM, no auditório da ACM, que contou com a galera dos comitês de bairro e da juventude e tal. Era uma plenária, então, teve uma oportunidade das pessoas falarem e eu me inscrevi e fui falar isso tudo que eu apresentando que era o acúmulo do meu núcleo partidário e tal, dos comitês que eu participava, que era: a juventude pode ser a coluna vertebral dessa campanha e através dela a gente tem capacidade de fortalecer os comitês de bairro e planificar a disputa da cidade, a gente precisa ter uma política de juventude muito forte e que ela se sinta sujeito. Não é uma campanha em que a gente vai construir um modelo de política de cima para baixo em que uma grande figura carismática vai disputar o coração e o voto dela, se a gente não fizer uma campanha em que a juventude se perceba com capacidade mobilização, se tornar sujeito da campanha, a gente não vai conseguir o nosso objetivo, que é disputar o modelo de cidade.

A resposta do candidato foi um desafio aos jovens que estavam na plenária: o desafio de construir uma assembleia de jovens da campanha. O núcleo SACI compreendeu que essa era a oportunidade de *mudar a cara da campanha* e construiu atividade de campanha chamada *Sou Jovem e Fecho com Freixo*, a assembleia de jovens com Freixo que foi analisada no primeiro capítulo desta dissertação e que foi considerada pela maioria dos entrevistados como um dos momentos mais marcantes da campanha.

E aí, quando retoma para a mesa o Marcelo no meio da fala dele fala: “É, acho que tá correta essa avaliação da juventude etc. e tal e eu quero propor um desafio para a juventude, F.. Vou propor que você faça uma assembleia de jovens para a minha campanha e é isso aí, faz aí.”, entendeu? Ele lança isso. Eu vou ser honesto, eu pessoalmente não tinha ideia dessa política. Eu falei que precisava reunir os jovens, mas essa ideia concreta de uma assembleia de jovens apareceu ali como um desafio. A gente compreendeu que era a nossa principal oportunidade de mudar a cara da campanha, consolidar a nossa aposta de ser uma campanha de rua, de ser campanha de militância, de ser organizada em comitês, frente aos setores mais conservadores. Então a gente reuniu o SACI e tiramos uma política que se chamava “Sou Jovem e Fecho com o Freixo”, era demarcar isso a nova geração política entrando na campanha e tocamos a política. Fomos aos nossos comitês de universidades e comitês bairros, fizemos uma rodagem de material.

Inicialmente, a atividade foi marcada na ABI, mas ao longo da divulgação os jovens do SACI perceberam que esse espaço não seria suficiente e começaram a pensar na possibilidade de fazer a atividade na Cinelândia, o que realmente acabou acontecendo. No entanto, o candidato e uma parcela do partido tinham dúvidas até mesmo se a ABI ficaria lotada. Fabiano disse que existia uma descrença de alguns setores do partido nessa aposta da juventude, mostrando que a atuação política dos jovens do SACI criou alguns conflitos dentro da disputa partidária pelo caráter da campanha.

As pessoas perguntavam, ia ser a primeira atividade grande coletiva e a gente solicitou o auditório da ABI, né? É um auditório que sei lá cabem 1.000/700 pessoas, alguma coisa assim. E é muito engraçado, as pessoas contam essa história que a gente teve uma reunião com o Marcelo, o Marcelo falou “e, aí? Esse auditório da ABI, como que vocês acham? Acham que tá tranquilo em relação ao número?” E eu como estava vendo as panfletagens diárias, tava vendo o material sair, tava empolgado com a ideia, falei: “Não, Marcelo, relaxa se não couber na ABI a gente faz na Cinelândia, no meio da praça”. A galera falou depois e o Marcelo Freixo ficou assustado porque a pergunta dele era no outro sentido era “E aí? Você acha que vai lotar, vai ficar bonito?”. Que ia ter imprensa e tal, ia ser a primeira grande atividade pública da campanha. E, aí, que minha resposta pra ele foi um negócio completamente inusitado, entendeu? E tinha uma descrença partidária de alguns setores.

Segundo Fabiano, foi a primeira tentativa do núcleo de utilizar uma tática chamada de *redes e ruas*, inspirada nas mobilizações de jovens que já ocorria pelo mundo desde 2008⁴⁹, eles perceberam a ligação entre a ocupação das ruas e praças com a dinâmica das *redes sociais*. Com isso, os jovens do SACI refletiram sobre como criar formas criativas de fazer a campanha para tentar reverter a vantagem do tempo de televisão que o outro candidato tinha, utilizaram fotos, arte e poesia. A avaliação era de que esta era uma juventude voltada para a ação e não bastaria o discurso político para construir uma campanha com jovens, era necessário inovar e eles buscaram a criatividade para isso.

[...] foi a nossa primeira tentativa prática, que era uma lógica da gente trabalhar em uma campanha de redes e ruas. O assunto surgiu do nada, a gente tinha um aprendizado, uma leitura do que tinham sido as mobilizações no conjunto do mundo desde 2008 a partir da crise econômica mundial. Havia grandes mobilizações onde o sujeito, a principal protagonista era a juventude e a gente conseguia perceber que essa dinâmica entre redes sociais e ocupação da rua e das praças era algo dado, então foi uma campanha em que a gente: 1- Tentou enquanto jovens pensar em formas criativas de fazer política, a gente tinha que garantir diariamente a panfletagem, tinha clareza de que a gente tinha que

⁴⁹ Ver Carneiro (2012), Alves (2012), Harvey (2012) e Sader (2012).

reverte um fato que era um, o PMDB tinha muita mais capacidade de comunicação do que nós, a televisão chega a milhões de pessoas, eles tinham mais tempo na televisão do que o RJTV tem pra todos os candidatos, então a gente tinha que panfletar. Mas, 2- a gente tinha que conseguir pensar em novas iniciativas, então a gente brincava muito, por exemplo, a gente teve uma dinâmica pra divulgação da Assembleia de que cada reunião de comitê a gente fazia uma foto com um grande 50 de humanos, essa foto ia pra rede e divulgávamos a nossa próxima agenda, entendeu? A galera secundarista fazia arte e fazia cartazes, entendeu? Brincar mais com arte, brincar mais com poesia e entendendo que era uma juventude também muito voltada para ação. Só o discurso, só o debate político não era capaz de organizar energia dessa juventude.

Buscou-se também ampliar os temas para uma série de identidades que faziam parte da diversidade da juventude. Fabiano afirma que são muitas as juventudes e muitas as lutas que elas enfrentam, por isso, o núcleo decidiu apostar em uma *política transversal* relacionando as diversas temáticas com a campanha.

O segundo elemento era transversalizar as pautas, então, não era só “Sou Jovem e Fecho com o Freixo”, mas “Sou Feminista e Fecho com o Freixo”, “Sou Negro e Fecho com o Freixo”. A juventude tem uma série de identidades, opressões e contradições da realidade pela qual ela também se organiza. Não existe uma luta de juventude e não existe só uma juventude, existem diversas juventudes e a gente tem que trabalhar uma política transversal, então, essa divulgação para a assembleia trabalhou muito isso, né. Tanto por território, então, tinha o “Sou da UERJ fecho com o Freixo”, “Sou da UFRJ e Fecho com o Freixo”, “Sou da Tijuca e Fecho com o Freixo”, “Sou do Méier e não bobeio Fecho com o Freixo” e trabalhando a espontaneidade da galera. A gente não pensou “vamos lá, vamos fazer uma arte para cada território da cidade, uma arte para cada unidade de ensino, uma arte para cada identidade política que possa existir” as pessoas começaram a trazer isso por si só nas reuniões. Sou feminista, Sou do Méier, Sou da UFRJ... tem um milhão de pautas, meio ambiente... Com isso a gente criou uma página “Sou Jovem e Fecho com Freixo” e ela tinha esses elementos de transversalidade em relação a rede e rua.

A assembleia fez mais sucesso que o esperado e consolidou a política *redes e ruas*, além de trazer outras políticas para a campanha como *50 dias com Freixo*, 50 é o número do PSOL e exatamente naquele dia faltavam 50 dias para a eleição.

E levamos a Assembleia que foi um tremendo sucesso na Assembleia, ultrapassou o que a gente podia imaginar o que ia ser ela. Só que tinha uma pergunta: se a gente entende a assembleia como forma de disputar a agenda do que seria a campanha do Marcelo, feita a assembleia, tínhamos que propor uma política na Assembleia que fosse para além da juventude, que fosse uma política para o conjunto da campanha que acabou virando uma coisa muito interessante de citar que foi o “50 Dias com o Freixo” [...], foi a consolidação dessa política rede/rua.

Fabiano contou que eles encaram essa oportunidade como uma chance de fazer a aposta política que vinham debatendo no núcleo SACI. Com a oportunidade, os jovens

também sentiram uma grande responsabilidade, além de todo o tempo com a campanha que já havia sido tomado, a assembleia trouxe mais tarefas.

Então, eles nos deram a chance de fazer a nossa aposta política, entendeu? E a gente sentia uma pressão enorme, essas semanas entre essa plenária e a assembleia foram muito estressantes, porque você tinha a agenda diária de panfletagem, você ficava 3/4 horas na rua panfletando e a noite você tinha que pensar como é que ia ser isso, o material, a divulgação, organizar a militância, pensar como é que ia ser uma assembleia.

Além das tarefas, eles precisavam pensar em como seria a assembleia, eles entendiam que seria uma *assembleia de milhares de pessoas* como nunca haviam participado, mas a ideia não era pegar o modelo de assembleias do passado, eles também queriam inovar.

Porque a gente entendeu que seria uma assembleia de milhares de jovens e como vai ser uma assembleia de milhares de jovens? Eu nunca tinha participado de uma assembleia de milhares de jovens na minha vida, entendeu? E ela tinha que ser nova, não era só a gente aprender como é que eram as assembleias de milhares de pessoas no passado, era renovar, um desafio profundo, né? Uma sensação muito grande de laço no pescoço porque a gente tinha que provar a posse naquele dia, então, a gente não podia testar a política e ela dar errado. O que normalmente você pode, você aprende errando, né? Só que no nosso caso não era possível.

Durante a assembleia, Fabiano foi um dos jovens que falaram e ele recordou que fez um chamado para a construção dos comitês, a política que o SACI já vinha debatendo e construindo, mas ele foi além e chamou para uma construção após a campanha, mesmo que o candidato perdesse, os jovens presentes concordaram em forma de ovação. Na avaliação do jovem Fabiano, eles não queriam apenas votar no candidato, os jovens queriam se organizar para intervir e transformar a cidade.

[...] quando eu falo: "Olha galera, a gente vai organizar comitê bairro a bairro, a gente vai organizar comitê universidade por universidade, escola por escola, né? Porque a gente tem capacidade real de disputar essa cidade, a gente tem capacidade real de eleger o Marcelo. Mas se o Marcelo perder, aí esses comitês vão ser mais necessários ainda, ai essa organização vai ser mais necessária ainda porque nós não vamos parar...". Isso era um salto no escuro. As pessoas podiam estar ali porque o Marcelo é foda, porque é um cara bonzinho, legal pra caramba, bonito, etc., né? E não, aí tem um momento de uma ovação muito grande e eu olhei pra cara do Marcelo e pensei "Ele vai me matar", mas teve esse sentimento muito claro. As pessoas não queriam ganhar uma eleição, não queriam votar em alguém ético... Elas queriam algo para organizar a capacidade delas de intervir na realidade e transformar a cidade, né?

Depois que as eleições acabaram muitos jovens se filiaram ao PSOL nas planárias de filiação que ocorreram no início de 2013, outros não chegaram a se filiar,

mas se engajaram em algum movimento social, entre outros caminhos seguidos. Nas entrevistas observamos que “*de certa forma, toda participação social se relaciona com um ‘diagnóstico da realidade’*” (NOVAES, 2011: 356), a conjuntura política teve uma influência muito grande, além dos pontos mencionados pelos jovens entrevistados; acredito que as greves nas universidades federais e estaduais que ocorreram numa parte daquele período também tiveram influência na mobilização juvenil. Muitos jovens não estavam em aula e estavam participando das atividades de greve que pode ter ajudado tanto no interesse da mobilização da campanha, como também na possibilidade deles terem mais tempo para se dedicar, pelo menos no caso dos jovens universitários. Segundo Gonçalves, pessoas com disponibilidade de tempo são importantes para movimentar uma campanha política, os jovens muitas vezes apenas estudam e podem se dedicar mais:

A campanha política mobiliza, além de sentimentos e opiniões, pessoas dispostas a utilizar seu tempo para divulgar uma candidatura, movimentada por diversas motivações, quais sejam: ideológicas, financeira e emotivas etc. Ou seja, a política necessita de um número de pessoas que se dedicam a fazer do momento eleitoral esse momento de embates, de competições e por que não dizer, de paixões (GOLÇALVES, 2012: 48).

A socialização também teve um papel importante, os jovens sempre se referiam aos amigos que os levaram ou aos amigos que conheceram. Beatriz Heredia e Moacir Palmeira revelam no livro *Os comícios e as políticas de facções* (1995) que “*a política está imbricada de relações sociais e por estas ao mesmo tempo produzida, atualizada e transformada*” (KUSCHNIR, 2007: 34). Nos dois anos de trabalho de campo que realizei, observei que foram muitas as transformações que ocorreram nas trajetórias de alguns dos jovens da *Primavera Carioca*. No próximo capítulo, os jovens entrevistados contam como foram os caminhos que seguiram após as eleições e as decisões e escolhas feitas nesse novo tempo, agora como militantes, seja no PSOL, seja em algum movimento social.

Capítulo 3

“Nada deve deter a Primavera Carioca”

A militância me fez crescer enquanto pessoa, enquanto Aline. Problemas meus que, com a militância, mudaram. Hoje, eu vivo muito melhor. Em questão de ver o mundo de uma maneira diferente, sabe? [...] Eu acho que a militância é isso, é você dialogar com as pessoas que veem pela ótica que está posta.
(Aline)

Após as eleições, já em março de 2013, foi realizada a plenária *Nada Deve Deter a Primavera Carioca*, que fez uma avaliação do movimento *Primavera Carioca* nas eleições de 2012. Na ocasião foi divulgado um calendário de atividades, incluindo plenárias de filiação para os jovens que haviam se aproximado do partido e muitos deles já estavam buscando algum núcleo para se engajar no PSOL. A participação na campanha foi, para alguns jovens, a primeira aproximação com um partido político, as atividades pós-campanha serviram para conhecer melhor esse espaço de atuação e ajudaram na decisão sobre se engajar ou não no PSOL.

Segundo Brenner (2013), o engajamento e o militantismo, embora tenham definições diferentes, têm como sentindo comum a aproximação entre indivíduos e grupos de interesse; no entanto, o militantismo amplia a definição de engajamento “*ganhando a dimensão sistemática a uma causa ou ação*” (BRENNER, 2013: 1). Os jovens que continuaram engajados após as eleições começaram a se inserir em espaços de militância tanto no PSOL como em alguns movimentos sociais a fim de dar contornos sistemáticos à escolha pela militância política.

Pudal (2011) aponta que os estudos sobre a militância avançaram na França na última metade do século passado. Analisando esses estudos, o autor os divide cronologicamente em quatro configurações: 1) a configuração *heroica*, centrada na figura do militante operário, em especial, o militante comunista, que cobre, mais ou menos, o período de 1945 a meados dos anos 1970; 2) o período do militante *retribuído* que começa, mais ou menos, a partir de 1975, surgido em torno do questionamento em relação a diferentes paradigmas teóricos, e que o autor chama também de *desinteresse do militante*; 3) o militante *distanciado*, que é inaugurado na França em 1995 e também poderia se chamar *novos militantes*, e analisa o conjunto das *novas lutas* sociais; e 4) a

última configuração, ele caracteriza como a ampliação das militâncias estudadas e um confronto entre a figura do *militante operário* com o *militante distanciado*, que assume novos desafios na atualidade. Assim, mais que debater o desinteresse, faz-se análises *processuais* da militância, em que se alternam momentos de desinteresse com outros de *ação militante*.

Nos dois anos de trabalho de campo, pude observar tanto a alternância dos interesses, relacionados também a maior e menor possibilidade de atuação dos novos militantes, tanto por motivos pessoais quanto profissionais, quanto algumas desistências, chamadas de *rompimentos* com a militância no PSOL. Além do engajamento no partido e a atuação como militantes, alguns jovens nesse período deixaram a militância partidária e buscaram outros espaços para se engajar. No caso dos entrevistados, foi interessante observar que, apesar de algumas mudanças e novas escolhas, nenhum deles deixou completamente a militância, mesmo com intervalos de menor intensidade. Nesse sentido, Carvalho (2013) enfatiza a importância de uma abordagem do militantismo como processo, como se pode depreender da citação abaixo:

Admitindo que a atividade militante é, ao mesmo tempo, individual e dinâmica, somente uma abordagem que leve em conta o militantismo como processo, ou seja, que trabalhe em conjunto questões como a das predisposições ao militantismo, a da passagem à ação, a da multiplicidade de engajamentos ao longo da vida, a dos desengajamentos etc. (Fillieule, 2001, 2009), será capaz de dar um esclarecimento mais fiel à questão do engajamento.

Neste capítulo serão analisadas as trajetórias dos entrevistados que foram se delineando após as eleições: a escolha pela militância, a percepção de ser jovem num partido político e as mudanças nesse processo. A *Primavera Carioca* foi um primeiro espaço de engajamento para alguns desses jovens, mas a escolha sobre a filiação vai além das motivações iniciais e leva em conta também as experiências de socialização na família, na escola, na universidade e no próprio partido. Para Pudal, o militantismo é um processo extremamente complexo que passa pela “*história das origens sociais e das socializações específicas daqueles que militam; do sistema escolar e de seu lugar na sociedade; dos próprios recursos físicos, intelectuais e psicológicos desses sujeitos; também dos contextos de investimentos militantes*” (PUDAL, 2009: 133). No próximo tópico, os jovens entrevistados contam sobre a influência ou não da família, escola e universidade no processo de engajamento e militantismo.

Família, escola e universidade

A família é um primeiro espaço de socialização política⁵⁰e, de acordo com Muxel (2008), pode proporcionar as primeiras referências ou as primeiras carências sobre o tema, podendo configurar um papel decisivo sobre a construção das opções políticas. “*O entorno familiar estabelece, portanto, uma série de predisposições políticas cujo impacto se verifica nos comportamento que serão adotados*” (MUXEL, 2008: 33). A escola e a universidade também são importantes nessa primeira aproximação da socialização política, muitos jovens se engajam nos movimentos políticos a partir de espaços como o movimento estudantil. Schmidt acrescenta ainda que a “*ausência de mecanismos de participação na família, na escola, no local de trabalho, prejudica sensivelmente a predisposição para a participação política*” (SCHMIDT, 2001:120). No capítulo 2 foram analisadas as motivações iniciais para o engajamento na campanha; neste tópico do capítulo 3 será enfatizada a análise das influências relacionadas à família, à escola e à universidade no processo de engajamento político dos entrevistados, segundo as suas próprias percepções.

Leandro, Ricardo, Fabiano e Aline têm lembranças de familiares próximos que foram, em algum momento, envolvidos com a militância política. Eram recordações distantes da família e que não refletia o presente, mas que faziam parte da socialização política na infância e nas conversas familiares. Leandro chega a afirmar que a família de sua mãe tem uma *ligação histórica com os movimentos de esquerda*, mas que não chegou a ser vivenciado diretamente por ele.

A família da minha mãe tem uma ligação histórica com os movimentos de esquerda, mas que já... já foi rompida há algum tempo e eu não tive... quer dizer, embora tenha passado por uma certa... por um certo ato familiar e tal, eu não cheguei a viver isso na minha família.

Esse histórico familiar ajudou no apoio da família materna pela escolha de militância política do Leandro, havendo até um incentivo. No entanto, a escolha não foi recebida da mesma forma pelo pai, que é caracterizado por Leandro como uma *figura meio conservadora*.

A minha mãe apoiou muito... o meu pai, que não é exatamente, né... é minha família sanguínea, mas tem uma relação relativamente distante, não se dá bem e tal. Ele não ficou muito feliz, até por ser uma figura meio conservadora. O meu avô ficou meio surpreso quando descobriu que eu andava com marxistas, mas, em geral, especialmente da parte da minha mãe e da minha irmã, foi uma... aceitaram muito bem, incentivaram e tal.

⁵⁰ Segundo Brenner (2013), “a socialização política poderia ser traduzida como a transmissão de atitudes, escolhas, preferências, símbolos, comportamentos políticos e representações do mundo”.

Então, assim, desse ponto de vista, certamente, não tive... poderia ter tido mais problemas, problemas não, mas assim... mais recusa familiar, certamente, isso era possível.

No caso de Ricardo, seu pai foi fundador do PDT e atualmente se considera *simpatizante* do PT, mas não é militante. Ainda assim, Ricardo afirma que não houve influência paterna no seu engajamento e disse que existem momentos em que sua família não o apoia: *dizem que é demais*. Em algumas ocasiões, Ricardo evita discutir certos assuntos pelas opiniões divergentes no ambiente familiar: *“Bom, eu fico bem mais chateado quando está aquela família grande repetindo o que a mídia e O Globo falam. Eu fico bastante chateado. Eu não quero discutir, porque não vai dar certo”*.

Fabiano acredita que sua família teve influência na sua iniciativa de engajamento político. Inicialmente, ele identifica os diferentes *mundos* de seus pais como importantes para sua formação. O acesso ao rural e ao urbano através da socialização familiar é sublinhado como uma oportunidade de vivências e *ferramentas* que muitos jovens não têm acesso.

Teve, em mão dupla. Eu sou filho de um agricultor com uma funcionária pública economista. Eu acho que eu tive o melhor de dois mundos. Eu tive acesso a um universo literário, a uma formação que me colocou as questões do mundo e que me permitiu ferramentas que a maioria da juventude não tem.

A vida entre o campo e a cidade no Brasil é muito contrastante, mesmo a duas horas do Rio de Janeiro, ter pego o trem para visitar o meu pai me deu uma dimensão de leitura da realidade concreta, imediata, muito grande. Ver em torno das relações dele, ver ele vivendo de uma aposentadoria rural, do que ele planta, do que ele vende, me dá uma outra noção.

O pai de Fabiano chegou a ter uma trajetória de militância política durante a juventude e, juntamente com a questão do campo, deu outra perspectiva ao jovem: *“Então, essa coisa de morar no campo, ter tido essa trajetória de esquerda, ter uma tradição mais crítica, mas estar inserido no campo me dá uma outra dimensão”*. Além do pai, a irmã foi militante do grêmio na escola onde Fabiano também estudou. Ela foi apontada como uma das influências para o início da militância no grêmio.

Mesmo com essa socialização política na família, o engajamento não veio sem conflitos, já que, naquela época, os pais estavam desiludidos com a política e depositavam outras expectativas em Fabiano.

Isso ajudou, mas a minha família era muito desiludida politicamente quando eu comecei a militar. Meu pai tem uma visão péssima da política. Até hoje, ele é comunista, mas ele fala que todos os amigos dele, tirando

os que morreram, viraram conservadores. Meu pai é um ateu radical, mas está lá no campo dele muito descrente com as organizações coletivas.

A minha mãe estudou Economia na Fundação Getúlio Vargas e na USP e tem uma outra formação social, é uma pessoa muito conservadora e muito desiludida com o PT. Quando eu comecei a militar, havia muita resistência dentro de casa. Quando eu tinha 16 anos, eu militava, só que eles tinham outras expectativas para mim, achavam que deveria estar em um curso de Inglês, fazendo pré-vestibular e eu não fiz nada disso. Minha adolescência foi muito conflituosa, eles falavam que isso não ia dar em nada e tal.

A eleição de 2012 mudou o panorama de socialização política conflituosa na família de Fabiano. Os pais se tornaram eleitores do PSOL, sua mãe e sua irmã chegaram a se inserir durante a campanha em algumas atividades. Fabiano acredita que esse momento mudou a relação entre a família e atualmente sua mãe está engajada num sindicato. Assim, o engajamento de Leandro na *Primavera Carioca* incentivou também a sua família a se interessar pelas eleições de 2012, havendo reencantamento pela política no âmbito familiar.

Em 2012 isso mudou, primeiro os meus pais viraram eleitores do PSOL, a minha mãe começou a participar, ir a algumas atividades, começou a tomar referência. Em casa de militante tem muito material, ela acaba lendo os panfletos que eu levo pra casa. Pela primeira vez na campanha de 2012, ela e a minha irmã deram uma panfletada. Nessa eleição fizeram campanha, isso foi mudando a relação na família. A minha irmã também é militante no movimento social da agroecologia e tem muitas interfaces da galera hippie. Hoje em dia a minha mãe é do sindicato. Então eu acho que influenciou sim, em um primeiro momento com muito conflito interno e em um segundo momento eles mudaram. Foi muito bom isso.

No caso de Aline, seus pais eram militantes e ela considerava sua mãe como uma inspiração. A mãe era do PT e seus pais se conheceram nos espaços de militância política. Mesmo assim, no começo do engajamento político, Aline sentiu resistência da família com a justificativa de que deveria se dedicar aos estudos: “*A minha mãe já é militante... Os meus pais se conheceram na militância. A minha mãe é mais de esquerda que meu pai, mas eles... Assim, minha mãe sempre falava: ‘não quero que você se espelhe em mim; queria que você se dedicasse aos estudos’.* Ela reclama: ‘*está estudando?’*”.

Depois da resistência inicial, Aline disse que teve muito apoio. As críticas da família são debatidas em casa e ela acredita que não seria diferente o apoio e o diálogo se tivesse optado por se engajar em outro partido.

Mas foi muito tranquilo. Graças a Deus, eu tive muito apoio, inclusive, porque eles falam que eu estou no caminho certo. Não é legal a gente ver

as coisas e ficar parado. Eles criticam o PSOL. Minha mãe critica o PSOL e a gente debate em casa. É um debate político que a gente faz, mas acho que, se eu tivesse em outro partido, o PCB ou PSTU, acho que não seria muito diferente. A gente teria um diálogo.

As lembranças de Roberta de socialização política em sua família a remetem às campanhas de Lula antes de chegar ao governo. Considera que sua família não tem ligação com a política, mas que são muito conscientes e apoiaram sua escolha de engajamento.

A minha mãe chegou a fazer campanha pro Lula, na época em que o Lula ainda era de esquerda. Então, eu lembro de andar no carro carregando bandeira. Muito criança. Mas eu não tinha... Muito pelo contrário. O meu avô tinha uma visão bastante de direita. Ninguém da família é ligado à política. E eles super me apoiaram. Minha família tem muita consciência, é gente bacana e sempre acharam maravilhosa a minha escolha.

O engajamento influenciou as mudanças de percepção de mundo de Roberta, a fez refletir sobre as suas escolhas profissionais e, inicialmente, tornaram-se um ponto momentâneo de conflito com a família.

Houve um momento de conflito porque eu saí da faculdade, comecei a militar e fiquei desempregada. Então, houve uma coisa de “em que momento você vai tocar a vida?” e eu caí na realidade do mundo dos adultos, enfim. [...] Eu fiquei um ano desempregada e teve esse conflito mais de “como é que vai ser essa sua mudança de percepção do mundo na minha vida pessoal, na construção da minha carreira, como profissional?”.

João e Rita foram os únicos que afirmaram que não tiveram nenhuma influência na família para o engajamento político. A mãe de João acha que ele está perdendo tempo, mas não chegou a ser um conflito entre eles. *“Eu tenho um diálogo mesmo é com a minha mãe. Ela acha que estou perdendo meu tempo, que eu dedico meu tempo à militância, enquanto deveria estar dedicando a mim mesmo. Só isso mesmo. A gente não briga nem discute por causa disso, não”*.

Em relação à família de Rita, ela disse que na verdade teve uma influência negativa, principalmente da sua mãe que, primeiramente, refletia um desencantamento com a política, de que não ia adiantar nada, e, segundo, por uma concepção diferente do que era ser jovem, para a sua mãe, Rita deveria estar em *shopping*, em *boate* com as amigas e não engajada politicamente.

Ah, bom, influência negativa, né? Porque, o meu pai nem tanto, mas a minha mãe sempre me estimulou a não entrar no partido e... no discurso dela de não entrar, eu via muito dois pontos: o primeiro o desencantamento com a política, do tipo, isso vai ser completamente desnecessário pra sua vida, não vai mudar nada, e o outro ponto é você é jovem, tem que estar no shopping, tem que estar na boate, tem que estar

com as suas amigas, essa é a principal coisa, a principal parte do discurso dela, você é jovem e tem que estar com as suas amigas e não fazendo política.

A experiência do engajamento político fez Rita perceber que existiam outras formas de ser jovem. Para seus pais, ser jovem era estar no *shopping ou na balada*. Ela se identificou com outra forma de ser jovem, engajada nas lutas sociais.

Só que aí, quando eu comecei a entrar nas lutas do PSOL, eu fui vendo que não tem como ser jovem só no shopping e com as amigas, sabe? E eu me identifiquei muito mais com esse modo de ser jovem, sabe? Com esse modo de ser jovem estando na luta e tentando até trazer frutos até pra juventude, então, eu meio que descobri um outro modo de ser jovem, um outro jeito de exercer a idade que eu estou, de exercer a minha juventude, coisa que eu não conhecia antes porque era o que eu escutava aqui em casa dos meus pais, que ser jovem é estar com as amigas no shopping ou na balada, mas aí, eu descobri mesmo um outro jeito de ser jovem que eu gostei muito e que eu me identifiquei muito mais.

Atualmente, o pai de Rita apoia a militância política da filha. Contando o que acontecia nas atividades do PSOL, ela acha que conseguiu fazê-lo entender essa outra maneira de ser jovem. A mãe agora também aceita a escolha da filha, mas não incentiva, Rita considera que essa também é uma forma de apoiar.

Ah, não, agora tá bem mais tranquilo, meu pai inclusive passou a me apoiar, ele começou a achar isso meio *outsider*, mas também muito interessante por ser *outsider*, então eu fui conseguindo conquistar o meu pai, sabe? Sempre que eu volto de eventos da juventude, sempre que volto dos eventos do PSOL, eu conto pra ele tudo que aconteceu, então, acho que de certo modo, eu acho que tô conseguindo abrir um pouco os horizontes do meu pai pra esse novo modo de ser jovem, sabe? Eu acho que ele tem achado muito interessante e ele tem me apoiado muito. É... mas a minha mãe nem tanto, hoje em dia ele aceita, ela entendeu que é a maneira como eu me identifiquei e é como eu me achei no mundo, mas ela ainda é um pouco relutante, ela é ainda um pouco resistente, mas ela também não me dá mais conselhos do tipo “sai dessa”, ela... de certa forma é um modo de apoiar, né? Mas ela também não me estimula.

A escola e a universidade apareceram durante as entrevistas como espaços importantes de socialização política. Antes mesmo de eu fazer alguma pergunta nesse sentido, os jovens já falavam sobre a escola, sobre a universidade, sobre algum professor, sobre as relações que se estabeleceram nesses lugares. Até mesmo os que não tiveram engajamento nesses espaços, tinham ali referências iniciais para suas trajetórias políticas ou um ponto de partida para contar suas histórias de engajamento.

João, Rita, Leandro, Ricardo e Roberta não tiveram experiência de engajamento na escola. Leandro disse que: *na escola eu era só rebelde sem causa*. Na graduação,

João e Leandro tiveram experiência de militância no Centro Acadêmico da universidade em que estudavam. Leandro caracteriza a militância dessa época como *desorganizada*.

Assim, na verdade, eu já tinha uma ansiedade já há algum tempo, assim, desde o início da minha graduação já militava, mas de uma maneira muito, muito desorganizada e muito próxima de uma galera anarquista, né. Compus um Centro Acadêmico autogestionado e depois passei por um momento muito, muito perdido na militância, assim, de não ter orientação de não saber o que fazer.

Os estudos teóricos realizados durante a graduação também são apontados por Leandro como importantes para o engajamento político: *“Acho que se tornou claramente uma questão pra mim através dos estudos na universidade, as leituras de Spinoza, de Marx, vão colocando essas questões e colocando elas de uma maneira muito, muito vital. Acho que foi um pouco por isso que eu fui me aproximando da militância, né?”*.

Roberta também ressaltou a influência da universidade nesse horizonte apresentado acima por Leandro. Para Roberta, o papel da universidade é ensinar a pensar, ter uma visão mais crítica, criar dúvidas etc., ela acredita que funcionou no seu caso: *“Eu acho que se você sai de uma universidade sem refletir, sem essa capacidade de criar dúvidas, não funcionou muito bem. Eu passei a ter isso. Como eu estudei uma ciência social – não deixa de ser, foi um momento em que eu passei a ser mais crítica e olhar as coisas de outra forma”*.

Uma disciplina cursada durante a graduação foi enfatizada como muito importante para Ricardo, ele disse que foi *uma pena* ter sido apenas ao final do curso. Além da disciplina, disse que era amigo de militantes do movimento estudantil de sua universidade, mas que não tinha uma atuação sistemática, ele acredita que esses colegas também influenciaram: *“Eu sou amigo do pessoal do Movimento Estudantil da UFRJ, mais o pessoal de Economia. Minha atuação era muito esparsa. Eu ia de vez em quando, por isso que eu nem falo que era da militância, porque eu nem era... Mas com certeza essas pessoas influenciaram”*.

Aline, assim como Rita, na época da eleição estava terminando o ensino médio, ela tinha interesse em participar da campanha *Primavera Carioca* e entrou em contato com uma professora do colégio em que estudava com o objetivo de participar das panfletagens. Aline disse que essa professora a fez perceber como era necessário aquele engajamento e acabou se tornando uma inspiração. Durante a eleição, fez panfletagens na escola e depois tentou criar um grêmio: *“Eu lembro que eu panfletava na escola,*

colava adesivo etc. E no terceiro ano, eu tentei criar um grêmio na escola. Eu e mais cinco pessoas. É muito difícil. E foi no meu ano de vestibular, isso pesou um pouco, porque eu não tinha muito tempo”.

Fabiano foi o único dos entrevistados que militou em um grêmio estudantil. Ele estudou no Colégio Pedro II e disse acreditar numa identidade política de *resistência estudantil* construída nessa escola.

Existe uma tradição política. Existe uma identidade entre ser estudante do Pedro II e compreender que ir à rua, se manifestar pelos seus direitos, faz parte de ser isso. O Pedro II é um colégio profundamente corporativo e parte desta identidade corporativa é uma memória de resistência estudantil. Por um fato óbvio, ele só existe até hoje e se conserva como uma instituição de excelência, minimamente, graças a uma resistência política e ao protagonismo que ele teve na política dos anos 90 em particular.

A referência familiar de sua irmã que participava do grêmio, a tradição de militância estudantil da escola e os colegas que participavam do grêmio foram grandes influências para o engajamento de Fabiano naquela época.

Então, participar do grêmio tinha uma referência familiar e, em algum grau, fazia sentido no meu colégio, frente da maioria das escolas onde não existe mais essa tradição, infelizmente. No meu colégio, a galera do grêmio mais velha foi a primeira referência, foi a galera que teve as primeiras conversas. A primeira greve que eu acompanhei eu tinha 14 anos e eu convivi quase diariamente com as organizações políticas e suas disputas.

A escola, a universidade e a família se revelaram durante a entrevista importantes espaços iniciais de socialização política para os jovens entrevistados. Os que tiveram militantes na família ou algum tipo de participação política recuperaram essas lembranças familiares, reconheceram essas influências, algumas vezes distantes no tempo, mas como importantes na análise de suas próprias trajetórias e escolhas políticas. João e Rita foram os únicos que afirmaram que não tinham qualquer ligação na família com a militância política.

No caso da escola, somente Fabiano e Aline tiveram alguma experiência de militância nesse espaço, mas, de alguma forma, a escola e a universidade sempre se apresentavam como um referencial ao começarem a falar sobre suas trajetórias durante as entrevistas. João e Leandro não se engajaram durante o ensino médio, mas atuaram nos centros acadêmicos dos seus respectivos cursos na universidade. Fabiano também estava engajado no movimento estudantil universitário na época das eleições. Rita e Aline se engajaram na militância na universidade quando terminaram o ensino médio e

começaram os estudos na faculdade. Roberta e Ricardo não foram militantes na escola, nem na universidade, mas reconheceram a influência desses espaços na posterior escolha pelo engajamento político.

A articulação entre as influências e experiências construídas na socialização com a família, nos espaços da escola e da universidade se relacionam com as motivações iniciais e com a experiência de engajamento nas eleições de 2012, analisadas no capítulo 2, apresentando-se de modo diverso para cada pessoa. Segundo Saidl,

As chances de se interessar e se sentir inclinado a tomar parte em movimentos coletivos – como associações, sindicatos, partidos, ONGs e cooperativas, por exemplo – distribuem-se de modo desigual na sociedade. Entre o interesse e a inclinação e o envolvimento efetivo em alguma “causa” coloca-se uma série complexa de razões que combinam condições sociais e culturais (origem social, tipo de socialização familiar, política e religiosa, recursos culturais e escolares) e conjunturas pessoais e históricas (“acazos” e “oportunidades”, momento ou evento político) (SAIDL, 2009: 166).

Essa complexa combinação de interações, influências, condições e conjunturas foram expostas durante as entrevistas com os jovens da *Primavera Carioca* que refletiram sobre as suas motivações na decisão pelo militância. Nesse sentido, continuando esse processo de análise da escolha pela militância política, no próximo tópico serão analisadas as trajetórias de militância política que foram se configurando após as eleições de 2012.

Os caminhos após as eleições

Os jovens que se engajaram na *Primavera Carioca* seguiram caminhos diferentes após as eleições, alguns se filiaram ao PSOL, outros iniciaram uma trajetória de militância em movimentos sociais, alguns deixaram a militância política, entre outros caminhos. Carrano afirma que existe uma *rua de mão dupla* entre as heranças deixadas aos jovens e a possibilidade que cada um desses jovens tem de construir seus próprios caminhos e repertórios. Uma significativa contribuição das instituições seria no sentido de dar um aporte para que os jovens possam fazer suas próprias escolhas “*conscientes sobre suas trajetórias pessoais e constituir os seus próprios acervos de valores e conhecimentos que já não mais são impostos como heranças familiares ou institucionais*” (CARRANO, 2012: 86). Como vimos, as socializações familiares e escolares são importantes, no entanto os jovens não têm mais o peso da tradição nas suas escolhas; para Carrano, esse peso encontra-se diluído “*e os caminhos a seguir são*

mais incertos” (CARRANO, 2012: 86). Assim, como afirma Muxel (2008), é através da tensão entre herança e experimentação que os jovens constroem a sua relação com a política.

A observação participante no núcleo de base do PSOL da região da Grande Tijuca foi fundamental para acompanhar as trajetórias dos jovens entrevistados após o período eleitoral. Durante o trabalho de campo, conheci João, Rita e Leandro, que começaram a atuar no núcleo após a eleição de 2012. Em outras atividades do PSOL e de movimentos sociais, conheci os outros entrevistados.

Leandro já tinha uma experiência de militância política no movimento estudantil durante a graduação, através de um amigo começou a considerar o PSOL uma opção para o seu engajamento. A possibilidade de uma militância organizada em um partido relativamente novo, na época com oito anos de existência, e com um projeto ainda em construção, despertou o interesse de Leandro para a campanha e para a posterior filiação. Além disso, a campanha trouxe a experiência da militância organizada em um grupo, antes a sua experiência era de um *ativista individual*, depois da campanha sentiu a necessidade de se engajar numa organização política.

[A campanha] me fez ver a necessidade de militar de maneira organizada, de militar em grupo e sair um pouco da... imagem do ativista individual. Que é isso de que você pode e que você deve militar de maneira dispersa. Isso era, quando eu era bem mais novo, eu levava isso a sério e isso foi uma coisa que a campanha do Freixo contribuiu muito pra desfazer em mim.

Um dos motivos apontados para a decisão de se filiar foi a possibilidade de participar de mudanças dentro do partido a partir da militância cotidiana e da participação nas instâncias de decisão.

Eu achei que, se era aquilo mesmo, tinha chegado a hora de eu ter a capacidade de intervir dentro dessa ferramenta organizativa e me filiar. Foi esse gesto assim de ter a capacidade de tentar modificar essa ferramenta organizativa pra tentar fazer ela pender mais a esquerda, pra conseguir usar ela pra catalisar a minha militância local e tal...

Além de ter se tornando um militante muito participativo no núcleo, Leandro se engajou também em uma *tendência interna* do PSOL. Neste partido existe a possibilidade de que os militantes também se organizem internamente através de grupos com diferentes tipos de teorias e práticas políticas⁵¹.

⁵¹ Segundo o Estatuto do PSOL: Art. 116 – A prerrogativa de constituição das tendências partidárias é fruto da concepção de Partido e sociedade acumulados na formação deste Partido, estando, assim,

Rita deu continuidade ao seu interesse pelo engajamento político participando dos eventos pós-campanha, começando a conhecer outros jovens com quem se identificava e viu que poderia continuar atuando conjuntamente nesse espaço político.

[...] eu comecei a adicionar as páginas do *Facebook* e acompanhar os eventos. E, logo depois, veio a história do Feliciano e aí o Freixo estava presente na maioria dos eventos pós-campanha pra não deixar morrer a primavera carioca, então, antes eu não tinha nada, essa foi a oportunidade que eu tive, porque eu achava realmente difícil, como eu, com 18 anos, vou me inserir de algum modo na política? Aí, foi a campanha mesmo que abriu essas portas, com certeza. Abriu essas portas de evento da juventude e de lugares que a juventude se sente confortável pra fazer política, sabe? Porque eu entendia política só como congresso ou lugares formais de terno até, essas coisas... e eu fui vendo como é que a juventude reinventou a política mesmo se mantendo nessa tradicionalidade de fazer política a partir de partidos políticos e reinventou a política e os ambientes, sabe? Então, eu fui começando a me sentir confortável nos lugares e isso foi o principal ponto pra eu seguir a vida de militância depois da campanha e foi a partir daí que eu conheci o PSOL e acabei me filiando.

Um jovem do PSOL esclareceu as dúvidas de Rita sobre a filiação e serviu também como inspiração. A experiência das eleições de 2012 a fez perceber que ela também poderia se engajar na política. A filiação foi vista como uma forma de atuar mais efetivamente, pois, fora do partido, ela disse que se sentiria mais *inerte*.

[...] quem me deu a força assim pra se filiar foi um jovem, né? [...] eu tinha várias dúvidas sobre a ideologia assim... sobre o nosso horizonte socialista e ele que me esclareceu várias dúvidas e ele que me mostrou que ele é jovem também e tá na universidade e sabe esclarecer essas dúvidas. Aí, eu fiquei impressionada assim... com a capacidade de esclarecer outros jovens que ele tinha e aí... eu achei interessante me filiar porque, não sei, acho que ia me sentir um pouco inerte fora do partido, sabe? Acho que as oportunidades que um partido e que principalmente o PSOL, mais especificamente, oferece pra gente atuar são enormes, sabe? Enormes e... todo dia, sabe? São frequentes, então, acho que eu ia me sentir um pouco inerte... sei lá, talvez me... talvez eu pudesse me inserir em outros movimentos sociais não

garantido aos militantes que coletivamente decidam organizar-se para defender posições e teses nos Congressos e fóruns partidários contribuir na elaboração teórica do Partido SOCIALISMO E LIBERDADE, atuar a partir de posições comuns no cotidiano da militância, organizarem-se em tendências.

§ 1º As tendências poderão constituir-se a qualquer tempo em âmbito municipal, estadual ou nacional, devendo ser comunicado ao respectivo organismo dirigente e ao Diretório Nacional.

§ 2º Está garantida às tendências a expressão de suas posições nos órgãos de imprensa internos do Partido;

§ 3º As tendências organizam-se livremente, sem nenhum controle ou ingerência das direções do Partido, com a condição de não se contraporem aos fóruns e reuniões dos organismos do Partido.

§ 4º A constituição e definições políticas das tendências estão submetidas aos princípios programáticos do Partido SOCIALISMO E LIBERDADE. Disponível em <http://www.psol50.org.br/site/paginas/39/estatuto>. Acesso em abril de 2015.

institucionalizados como um partido, mas não sei, eu achei que as portas que um partido e que mais especificamente o PSOL abriram pra a militância e pra a atuação de fato, sabe? Pra a atuação efetivas eram muito maiores e aí eu resolvi me filiar...pra atuar mais.

A socialização teve um papel protagonista na sua escolha pelo engajamento político e posteriormente na filiação ao PSOL. Nas atividades de que participou houve uma identificação com os outros jovens militantes, que também compartilhavam muitos dos seus sonhos por mudanças sociais. Dessa forma, suas escolhas se deram também a partir de uma avaliação subjetiva da sua interação com os espaços que estava atuando durante a campanha e depois no partido. A trajetória de engajamento de Rita foi se delineando para a atuação em um núcleo de base e nesse processo pode-se observar a importância que a militância tomou em sua vida. As escolhas e os sentidos sobre como atuar politicamente foram transformados e constituídos nesse processo de engajamento.

Após a campanha, João continuou indo às reuniões e se filiou ao PSOL em uma plenária de filiação e apresentação do partido na universidade em que estudava. A vivência na campanha o fez acreditar que valia a pena se filiar.

Depois que terminou a campanha, eu continuei no comitê. Eu fui em algumas reuniões. Aí, eu me filiei quando estava tendo a filiação aqui no IFCS. Eu já estava pensando em fazer, muito pela empolgação. E eu achei que valesse a pena militar dentro do PSOL. O que me convenceu mesmo foi o que eu vivi durante a campanha.

Para João, a filiação significava a concordância completa com o PSOL, por mais que haja discordância com a *direção do partido*: “*Se filiar a um partido é você concordar com o partido. É quando você não tem uma vírgula que você discorda. É quando você concorda e pregar em torno daquilo que o partido defende, por mais que haja discordância com a direção. É você achar que vale a pena*”.

Da mesma forma que Rita e Leandro, João também se engajou no núcleo de base da Grande Tijuca. Ele disse que não teve a influência de uma pessoa na escolha por continuar na militância, a campanha foi a maior influência: “*Acho que depois que teve a campanha, quem conversou comigo nesse sentido foi o F., mas foi bem... Ele não insistiu, só comentou a possibilidade de eu continuar militando. Mas influência de uma pessoa, não. Foi mais a influência durante a campanha mesmo, da campanha*”. Após a escolha pela militância política, deixar a militância não parece ser mais uma opção para João: “*A partir daí, não pensei mais na possibilidade de largar a militância, seja qual fosse o caminho que eu fosse escolher*”.

Aline é militante de um coletivo na Zona Oeste do Rio de Janeiro, chamado de Coletivo Zona Oeste II, após as eleições acabaram criando também o núcleo de base do PSOL Zona Oeste II. O coletivo é mais amplo que o núcleo, pois não agrega militantes para além do PSOL: *“A gente decidiu criar um núcleo porque a gente tinha um coletivo, a gente tinha pessoas que tinham vontade de estar dentro do partido, mas a gente acha que o coletivo não deve ser junto com o partido”*.

A maioria das pessoas do núcleo estava na campanha de 2012 e a constituição desse espaço veio do processo pós-eleitoral, quando muitos comitês se transformaram em núcleos de base. Houve também uma preocupação em separar os debates entre as pessoas que estavam iniciando a sua militância no PSOL e as pessoas que estavam apenas interessadas em participar do coletivo.

A maioria das pessoas que fizeram campanha para o Freixo [no Comitê Zona Oeste II] são as pessoas que estão no núcleo [Núcleo PSOL Zona Oeste II] hoje. Têm pessoas novas no núcleo que não são do coletivo, bem como têm pessoas que são do coletivo e não estão no núcleo. A gente tentou dividir isso para não “engolirmos”... Tem pessoas que não querem estar no partido, que são ótimas pessoas, mas que não querem, elas não se sentem representadas. É isso, é democrático. Temos que aceitar as diferenças, desde que a gente esteja no mesmo barco, o pessoal de direita não entra. É a questão só... de melhor estratégia de mudança. A gente acredita no partido e têm pessoas que não acreditam. A gente ainda faz o debate com as pessoas e se ainda assim não se sentem contempladas, vamos continuar caminhando juntos e, por isso, para a gente não “engolir” e as pessoas racharem, a gente resolveu criar o núcleo, para debater.

A decisão pela filiação foi assinalada por Aline como uma postura coletiva entre o seu grupo de militância na Zona Oeste. Inicialmente, ela não queria o compromisso partidário, preocupada com a conjuntura política que poderia vir. Depois, Aline percebeu que seria importante a formalidade para participar das decisões dentro do partido, escolhendo seus representantes.

Eu não queria no início. “Ah, eu vou me filiar? Vou me prender a um partido? Vou votar na Dilma em 2014, porque o Aécio vai ganhar?”. Não queria fazer isso, mas eu pensei que a questão da formalidade é mais de formalidade mesmo. É só para as pessoas terem noção de quem está dialogando com o PSOL. Eu acho muito importante, até para você votar em delegados, as pessoas que te representam em disputas no partido. Você precisa ser representado por pessoas que estão no seu projeto de disputa. Se filiar, então, é fundamental, porque você só pode votar em delegados se você for filiado. Eu lembro que quem me entregou a ficha, foi a M.. Estávamos todos nos filiando juntos. Foi um debate que a gente fez e o que isso poderia acarretar nas nossas vidas. A gente achou aquilo importante. Foi uma decisão mais coletiva do que individual. Foi mais uma vontade de estar ao lado dos meus companheiros que estão comigo há dois anos e crescer com eles do que uma vontade da Aline.

Ela também refletiu sobre o partido como um espaço em que ainda se podia *disputar* os rumos; além disso, percebeu suas afinidades com o programa e os parlamentares, optando ao final pela filiação.

Mas acabei entrando no PSOL também, porque eu vi que era um espaço importante pra gente atuar. Está bem complicado. O pessoal já dizia “qualquer lugar é um lugar de disputa”, então, enquanto espaço político também é um espaço de disputa. Eu estava me sentindo meio assim: “eu gosto do PSOL, eu voto em todos os parlamentares do PSOL, eu tenho afinidade com o partido e com a linha de pensamento, então, por que eu não vou entrar?”. Eu entrei.

Além da participação no Coletivo e no Núcleo da Zona Oeste II, Aline também faz parte do Coletivo Mulheres em Movimento, participa das atividades do centro acadêmico do seu curso da UERJ e das atividades do movimento RUA-Juventude Anticapitalista⁵², um movimento de juventude ligado ao PSOL.

Roberta se lembrou durante a entrevista que votou pela primeira vez aos 16 anos e que sempre teve uma *inquietação*. Primeiramente, ela começou a fazer trabalhos voluntários, mas percebeu que esse não era o canal certo para a sua inquietude. Na eleição de 2012, ela disse ter encontrado esse canal no PSOL.

Eu tirei o título aos 16 anos. Foi uma coisa que eu já tinha alguma inquietação com essas questões. [...] Eu acho que tive isso desde muito jovem. Eu fiz trabalho voluntário, eu fui ajudar em centros comunitários na favela e escolas públicas, eu já tinha essa coisa. Mas nunca achei um canal disso. Tanto é que fui tentando o trabalho voluntário. Hoje em dia, a minha percepção é outra. Trabalho voluntário é muito legal, sim, mas para você tirar a sua culpa. No sentido de mudar a estrutura das coisas, não funciona. Então, eu já tinha essa inquietação, mas nunca tinha achado o canal certo. Em 2012 é o momento que eu acho o canal certo. Pra mim, é o PSOL. Mas com 16 anos, eu já votei. Votei no Lula, inclusive. Primeiro presidente que eu votei aos 16 anos. Então, já estava lá um interesse... alguma coisa assim. Mas foi só isso. Foi só no sentido de votar. Eu nunca tinha aprofundado mais.

Na época da campanha, Roberta estava com disponibilidade para se dedicar a campanha e fez parte do Comitê Freixo Ipanema. Nas atividades, conheceu novas pessoas e, inicialmente, achou diferente até mesmo a comunicação entre os militantes, um vocabulário que ela não estava acostumada. Nesse período, conheceu pessoas que a fizeram acreditar no PSOL.

Participando das panfletagens. Eu ia na rua, pegava o material e ia levando. Então, eu fui um pouco na cara de pau, sozinha mesmo. Eu

⁵² “O RUA - Juventude Anticapitalista é formado por diversos militantes e coletivos locais a partir do Acampamento Nacional das Juventudes Anticapitalistas” Disponível em <http://www.movimentorua.org/>. Acesso em junho de 2015.

decidi fazer. Eu estava com tempo livre pra fazer e decidi me dedicar. Então, fui conhecendo as pessoas. No começo, era uma coisa um pouco diferente, que eu não sabia me comunicar. Tem todo um vocabulário específico de militância, mas conheci pessoas fantásticas que me fizeram acreditar no partido.

Roberta define sua experiência de engajamento como *bem atípica* por não ter experiência anterior de militância e nem membros de sua família envolvidos com política. Foi a campanha que trouxe uma mudança nesse percurso e ela considera que na *Primavera Carioca* tem início a sua trajetória de militante.

Então, eu tenho uma experiência bem atípica de militância, talvez, um pouco diferente dos seus outros entrevistados, porque eu nunca tive experiência de militância. Foi justamente na campanha que “a coisa” me tocou. Não tenho gente envolvida com política na família, nada disso. Eu era alienada no sentido de senso comum. Nunca tinha tido um pensamento crítico com questões sociais. Então, eu começo a militar ali naquele momento...

A experiência de Roberta durante a campanha é relacionada por ela a certo *romantismo* pela euforia inicial, por ver jovens querendo mudar o mundo, pela figura carismática do candidato e pelas pessoas que foi conhecendo. Depois desse momento inicial, ela começou a se interessar por cursos de formação e debates.

Foi muito interessante porque, em primeiro lugar, vem o romantismo, uma coisa de muitos jovens juntos querendo mudar o mundo, com uma figura pública muito carismática e que aglomera muita gente, que é o Marcelo Freixo. Então, eu passei a conhecer pessoas interessantíssimas que já vinham com um histórico de militância mais denso, do movimento estudantil, vindos de outros partidos políticos de esquerda também. Então, conheci pessoas interessantíssimas e que me acrescentaram muito. O contato concreto com essas pessoas, com os debates, ouvindo tudo, é, realmente, é muito enriquecedor para uma formação política. E aí, passei também a frequentar cursos de formação, enfim.

Depois dessa primeira impressão de *romantismo*, terminada a campanha, Roberta disse que se deparou com *outra realidade*, a realidade do cotidiano da militância fora do período eleitoral. Ela disse que teve um *desencantamento* ao perceber muitas contradições nesse cotidiano.

E aí, vem esse romantismo que eu disse, de ser uma coisa que, no início, é uma euforia, mas aí terminada a campanha, você se dá com outra realidade, que é a realidade do dia a dia do militante, que não é a mesma coisa do tempo da campanha. Quer dizer, na campanha tem todo esse pragmatismo de você ter ali um objetivo de ganhar votos, enfim, encantar pessoas, mas no dia a dia, no processo de construir mesmo as políticas, a coisa é muito mais complicada. A esquerda, a gente sabe que tem muitos rachas internos e as relações políticas são muito misturadas, eu acho, com as relações pessoais. Você vê que todo mundo já vem desse meio. A grande maioria, eu percebo, que são filhos de militantes, ou netos, ou que

já têm um envolvimento. Eu acho que a esquerda ainda não alcança as massas como o PT foi capaz de fazer nos anos 80. Então, eu acho isso. Que aí tem um desencantamento depois desse período de campanha que você descobre que o dia a dia tem muitas contradições ali, que não conseguem se resolver ainda.

Em 2013, passou por um período de conflito ao ficar desempregada e começou a pensar como ficaria a sua carreira após a *sua mudança de percepção de mundo* depois do engajamento político. Roberta se tornou assessora parlamentar do candidato a vereador que fez campanha em 2012.

Eu fiquei um ano desempregada e teve esse conflito mais de “como é que vai ser essa sua mudança de percepção do mundo na minha vida pessoal, na construção da minha carreira, como profissional?”. Teve esse conflito, foi o ano de 2013 e foi bem difícil. E acabou que eu, enfim, vim trabalhar para uma figura do partido que eu apoiei. Eu dei bastante sorte, na verdade.

Roberta atualmente milita no Fórum de Combate a Violência (FEM) e no Setorial de Mulheres do PSOL, apesar de ainda não ser filiada. Ela acredita que ainda precisa de um maior amadurecer político para se engajar mais: “*Eu não acho que eu tenha maturidade política suficiente para me engajar mais. Sou muito próxima ao setorial de mulheres do PSOL, que é uma instância dentro do partido, mas ainda em construção. São dois anos, apenas. Então, são muito recentes*”.

Ela chegou a assinar a ficha de filiação, mas, por um erro, não foi oficializada a filiação junto ao TRE e não refez o processo de filiação. Na relação com o partido ela se definiu como uma *simpatizante bastante próxima*. Como o PSOL se organiza em correntes internas, ela acredita que a sua atuação é parecida com os filiados que não estão inseridos em nenhuma dessas correntes: “*Mas a relação sempre foi essa: de uma simpatizante bastante próxima, ou o que seria equivalente a uma filiada independente. Esse “gap” entre o simpatizante e a filiada independente não é muito distante*”.

Inicialmente, Roberta pensou que havia uma falha dos militantes do PSOL em trazer os simpatizantes para dentro do partido, já que em seu caso partiu muito de iniciativas pessoais. No entanto, durante a entrevista concluiu que esse processo foi positivo. Considera que houve a oportunidade de tomar todas as suas decisões de forma consciente, de acordo com seu próprio amadurecimento.

Houve uma falha nessa disputa do militante do partido. Todos os meus processos de envolvimento foram muito porque eu quis. Isso é legal também. Talvez seja até um acerto que isso seja pensado internamente no partido porque eu tomei as minhas decisões consciente. Eu fui amadurecendo, pensando, refletindo e, a partir daí, eu quis me envolver e me envolvi.

Entretanto, Roberta relatou que alguns dos integrantes do comitê que participou acabaram deixando a militância política após as eleições: *“Muitos outros também, que fizeram parte do comitê, foram perdidos e voltaram a ter suas vidas nas universidades e não estão ligados a militância”*.

Assim como Roberta, Ricardo também não se filiou, apesar de na época da campanha estar bem próximo ao PSOL e ter faltado pouco para formalizar a militância partidária: *“Foram momentos que quase assim tipo... Nem faltou oportunidade. Teve uma vez que fizeram um debate na Praia Vermelha. Um monte de gente se filiou depois. Eu tinha que voltar pra casa e não fui. Eu falei pro A., uma vez: ‘É só pegar a ficha de inscrição e me inscreve, tá tranquilo’, não fez isso e hoje olha aí”*.

A campanha é definida como um momento curto, mas muito importante para Ricardo, que estava tentando achar um espaço para se engajar e teve a oportunidade de conhecer muita gente nesse período. No decorrer da entrevista, ele pensou na possibilidade de ter desistido do engajamento se não fosse aquela experiência na campanha: *“Acho que tem uma geração que começou a partir dali”*.

Ricardo disse que não está tão próximo ao PSOL como naquela época. Nas chamadas *Jornadas de Junho*, em 2013, quando manifestantes não queriam partidos nos atos contra o aumento da passagem (alguns chegaram até mesmo reagir com violência contra os militantes partidários), ele pensou novamente em se filiar. Agora, disse que vai esperar até 2016 para tomar a decisão. Ele milita no Comitê Popular Copa e Olimpíadas e considera que o melhor no seu atual momento é se concentrar e dedicar nessa militância para depois ter a experiência partidária: *“Hoje, eu quero adiar até 2016 a minha definição, pois estou no Comitê da Copa e eu preciso pensar nisso até 2016. Depois disso, eu tenho a minha experiência partidária”*.

Ricardo avalia que deveria ter muita diferença entre um simpatizante e um filiado ao PSOL, mas disse que sabe que existem muitos filiados que não são militantes.

Eu acho que deveria ter bastante diferença. Não pela carteirinha, ou pela contribuição que tem que pagar, mas pela disposição de ser militante mesmo. Ser filiado deveria ser militante. Estar orgânico no partido. Mas eu sei que tem gente que... Deve ter gente que é filiado e não é militante mesmo. Não sei se faz sentido fazer isso. Mas é importante, sim. Pessoas que possam entrar... é importante.

Além do Comitê Popular Copa e Olimpíadas, Ricardo é militante do Núcleo Socialista da Tijuca que se formou no início de 2013, alguns dos participantes estavam também engajados na *Primavera Carioca*. Eles procuram nesse grupo fazer uma

discussão teórica e política, mas também atuar em alguns espaços como em uma comunidade ameaçada de remoção no bairro da Tijuca.

Fabiano foi o único dos entrevistados que já era filiado ao PSOL antes das eleições de 2012. Ele já conhecia o partido da época que militava no grêmio estudantil e decidiu pela filiação em 2010. Atualmente, compõe o Diretório Municipal do PSOL, o Núcleo Largo do Machado e faz parte de uma corrente interna do partido, participa também do Centro Acadêmico do seu curso na universidade. Ele contou durante a entrevista sobre as dificuldades que tem para conciliar os estudos, trabalho, militância e família, muitas vezes recaindo em problemas de saúde pela falta de tempo de se cuidar mais: “*Isso dá um grau de desorganização grande na sua vida. É um dos dilemas de ser militante*”.

Os jovens entrevistados contaram como foi a trajetória entre o engajamento na *Primavera Carioca* e a decisão pela continuidade na militância política após as eleições de 2012, alguns nos movimentos sociais e outros optando também por se filiar ao PSOL. No próximo tópico, aqueles que optaram por se filiar, contam as suas percepções sobre se jovem num partido político.

Percepções sobre ser jovem num partido político

Abramo observa a constante preocupação de diferentes atores políticos apenas com a renovação no interior de suas organizações, muito mais do que tratar e incorporar os temas levantados pelos próprios jovens (ABRAMO, 1997). A *Primavera Carioca* acarretou mudanças ao PSOL que foram possíveis de perceber já durante a campanha de 2012 e nos anos seguintes. Essas mudanças vieram com alguns conflitos, que foram relatados por uma parte dos entrevistados no capítulo 2, especialmente, por Fabiano, quando contou as *disputas* ao redor do caráter da campanha e do Congresso Municipal do PSOL em 2013. Além das divergências entre os grupos internos do partido, jovens que estavam na campanha se filiaram e começaram a participar das instâncias partidárias, uma nova geração de militantes começava a se engajar e isso não veio sem *disputas* por espaços e políticas.

O debate sobre o tema *geração* foi colocado por diversos autores clássicos⁵³. Durante as entrevistas e o trabalho de campo, esta palavra apareceu em diferentes denominações como, por exemplo, para identificar jovens que possuíam idades

⁵³ Ver Bourdieu (1983), Foracchi (1972) e Mannheim (1993).

próximas, que representavam uma nova militância política nos movimentos sociais, para identificar o novo grupo de militantes que entrava no partido ou um grupo de jovens que já estava no partido e tinha trajetória diferente comparando aos jovens recém-filiados.

Mannheim faz uma diferenciação teórica importante sobre o tema ao comparar a visão positivista sobre geração e a visão da corrente histórico-romântica alemã. A visão positivista de geração é analisada prioritariamente pela perspectiva quantitativa, principalmente, pelo determinante biológico, idade e etapas da vida. Na corrente histórico-romântica a prioridade era uma abordagem qualitativa; nesta perspectiva, ele afirma que “*el problema generacional se transforma en el problema de la existência de un tiempo interior no mensurable y que solo se puede comprender como algo puramente cualitativo*” (MANNHEIM, 1993: 199).

O problema sociológico das gerações é desenvolvido por Mannheim através de uma perspectiva histórica (CASTRO *et al.*, 2009: 162), utilizando os conceitos de posição geracional, conexão geracional e unidade geracional. A posição geracional se refere a um conjunto de potencialidades que podem ou não serem despertadas por forças sociais. As características da conexão geracional são mais determinantes, segundo Weller (2010), “*pressupõe um vínculo concreto, algo que vai além da simples presença circunscrita a uma determinada unidade temporal e histórico-social*”; nesse caso, é necessária a constituição de vínculos de participação em uma prática coletiva. A unidade geracional é uma adesão mais tangível comparada à conexão geracional, caracteriza-se na diversidade que pode surgir num mesmo contexto social e histórico. Com isso,

Uma unidade de geração se caracteriza pelas intenções primárias documentadas nas ações e expressões desses grupos. Essas intenções primárias ou tendências formativas só poderão ser analisadas a partir de um grupo concreto porque foram constituídas nesse contexto. Contudo, as intenções primárias não se reduzem ao grupo e aos atores, que, por sua vez, não se reduzem ao *status* de membros de um grupo concreto mas ao de atores coletivos envolvidos em um processo de constituição de gerações (WELLER, 2010).

Estas considerações sobre os conceitos desenvolvidos por Mannheim são importantes como um ponto de partida sobre o tema. Os entrevistados apresentaram suas próprias percepções sobre ser um jovem num partido político e jovem no partido, como essa experiência foi amadurecendo em relação ao engajamento iniciado na eleição de 2012.

A jovem entrevistada Rita disse que depois que se filiou ao PSOL algumas coisas sobre a organização e o cotidiano de um partido foram sendo *desconstruídas* do que inicialmente imaginou, principalmente em relação a um partido com uma *base*. Quando ela diz isto, refere-se a um partido com militantes atuando em movimentos sociais e se organizando em núcleos. Neste ponto, ela acreditava que um partido se restringia à atuação nos poderes legislativos e executivos nacional, estaduais e municipais.

Então, depois que eu entrei, algumas coisas, obviamente foram desconstruídas, do que eu imaginava o que seria um partido, do que seria o PSOL, mas muitas coisas que eu pensava se mantiveram, como a questão da base, né? A questão de militância de base porque antes eu não imaginava que um partido teria uma base, pra mim um partido era a galera que tava lá no Congresso e é isso, sabe? Mas aí, umas das coisas que me surpreenderam muito foi a base mesmo e eu me empolguei com essa base e, por isso, eu me inseri num desses núcleos de base...

Além da questão da importância da *base*, Rita enfatizou também a relevância que o PSOL dá ao tema das opressões específicas que mulheres, negros e negras, homossexuais, travestis, transgêneros e lésbicas sofrem na sociedade. Ela disse que muitas vezes não observa em outros espaços e em outros partidos esse debate, o investimento e a preocupação que o PSOL tem em relação a esses temas sociais. Rita disse acreditar que não basta uma mudança estrutural sem que os preconceitos e as opressões contra as minorias sociais sejam superados.

[...] uma das coisas que eu vim reparando foi que o PSOL investia pra além de todos os horizontes socialistas que a gente já sabe, é... são as opressões, né? As opressões específicas e várias pessoas chamam de um jeito, mas a questão de lutar contra a homofobia, lutar contra o machismo e o racismo e dentre outras opressões, acho que é uma das coisas que poucos partidos olham e que o PSOL e outros partidos de esquerda investem muito e acho que mais o PSOL que outros partidos de esquerda, sabe? O PSOL tem muito essa marca de lutar contra as opressões e eu acho que as outras pessoas pensam que as opressões são coisas menores, que a gente não tem que se preocupar tanto, são coisas secundárias, a gente tem que pensar, os partidos de esquerda principalmente, acham que a gente tem que pensar em algo revolucionário estrutural, mas acho que se a gente não olhar pra essas mínimas opressões que estão arraigadas na mentalidade das pessoas nada vai acontecer, sabe? Eu acho que o PSOL tem esse entendimento muito claro e estampa isso como política na linha de frente, sabe? Lutar contra as opressões e lutar contra as coisas mais inseridas nas mentalidades das pessoas e são as coisas mais difíceis de mudar, então, acho até que esse slogan do “Nada deve parecer natural, Nada deve parecer impossível de mudar”, tem muito a ver com essa questão da luta contra as opressões e isso é uma das coisas que me fazem ficar no PSOL, porque eu acho que é o partido que mais investe nessas lutas contra as opressões.

Quando se engajou no PSOL, Rita imaginava que o papel da juventude era desvalorizado. Agora, identifica um papel destacado dos jovens e não tem observado conflitos pelas diferenças geracionais, mas uma visão da juventude como *ferramenta*.

Quando eu entrei, fiquei pensando “Meu Deus, será que eles olham a gente como uma parte sem valor, sabe, no partido...” Mas, aí, quando entrei vi que não, que pelo contrário, aliás, eu acho que eles superestimam a gente, talvez, acima deles até e... eu não sei, eu posso estar pouco inserida nos debates do partido, mas acho que não tem atritos não, entre as partes do partido mais velhas e a juventude. Eu acho que pelo contrário, eles acham que a gente é A ferramenta do partido, que a gente é talvez a parte mais importante do partido e eu consigo perceber como que, não só os candidatos, mas a galera mais adulta do partido utiliza mesmo a gente como ferramenta, isso não é uma crítica não, tipo “ah, eles estão se aproveitando da gente”. Não, eles têm consciência de que a gente é ferramenta e de que a gente é A ferramenta e eles utilizam mesmo, eles sabem trabalhar com a gente, eles sabem utilizar e agir junto com a gente, mas acho que a gente é bem autônomo, sabe? Não precisa tanto do auxílio deles pra tocar as coisas. Acho que as vezes os mais velhos até se surpreendem com a nossa autonomia e com a nossa capacidade de mobilizar e de criar os eventos e de chamar as pessoas e de construir as coisas, então, eu acho que a atuação da juventude me surpreendeu...

Diferente de Rita, Aline disse que não é fácil ser jovem num partido político, onde muitas pessoas já estão habituadas a falar em público e já vêm com uma formação teórica de longa data. Aline disse que tem dificuldade de falar nesses espaços, sente-se algumas vezes oprimida por não ter uma formação teórica ainda consolidada, por medo de falar coisas erradas. Ela supõe que isso acontece principalmente com as mulheres. Ao final dessa colocação na entrevista, fez uma reflexão de que talvez não seja uma questão só do partido, mas de ser jovem na sociedade: “*não é, talvez, pelo partido em si, mas ser jovem na sociedade não é fácil*”.

É difícil. Eu tenho muita dificuldade em falar em público, nesses espaços. A gente se sente muito oprimida, porque a gente não tem uma carga teórica. Alguns têm. Eu tenho uma amiga, ela tem 16 anos. A garota sabe mais que não sei o que. A A. é um mito. Eu tenho 19, sou uma pessoa normal e tenho muita vergonha de falar besteira. Por mais que a gente saiba que as pessoas são abertas, a gente sabe que tem essa tendência a ficar se boicotando. A gente é criado pra isso. Principalmente, as mulheres. As mulheres são criadas para ficar em casa. Falar em espaço público, político? “Faça o favor, volta pra casa”. Principalmente, quando você é jovem. O que você pensou, é o que o cara vai responder depois. Existe uma questão de idade, de “adultismo”. Acho que a gente tem que ouvir as suas experiências. Eu adoro ouvir experiências de pessoas mais velhas, mas não acho que as minhas experiências sejam secundarizadas. Ser jovem dentro de partido não é fácil, não. É o que eu estava te dizendo: não é, talvez, pelo partido em si, mas ser jovem na sociedade não é fácil. A gente é criado para não falar tanto.

Sobre a atuação do PSOL, ela pontuou como positivo o diálogo com os movimentos sociais. Um dos problemas que ela observava antes era a falta de diálogo, a campanha de 2012 trouxe, segundo Aline, um debate pedagógico no sentido de ouvir as experiências das pessoas, ampliando o diálogo e o debate para problematizar as questões da sociedade.

Além de ouvir os movimentos sociais, as demandas e transversalizar as lutas que a gente faz todos os dias, é uma alternativa a tudo que é colocado. A esquerda tem um problema muito grande em ouvir as pessoas, em ser aberta a qualquer tipo de pessoa, em saber dialogar. Foi o papel que o Freixo trouxe em 2012, um papel de debate pedagógico que a esquerda não tem muito, sabe. A esquerda fica naquele ranço de socialismo real, de “ah, a gente impõe”. É tudo de cima pra baixo, as coisas são autoritárias, impostas. E o PSOL eu já vejo o contrário. A gente é socialista, a gente é marxista, mas a gente quer dialogar com as bases, sabe. Eu não acho que eu sou iluminada. Eu quero ouvir suas experiências, quero mostrar as minhas experiências e a gente pode construir um mundo novo nesse sentido, mas sempre pautando o que a gente acha certo e que a gente acha que é verdade. [...] O PSOL e a esquerda libertária, nesse sentido, têm esse papel de problematizar essas questões.

Nesses dois anos, Aline tem observado que a atuação do partido tem sido muito importante, pois soma uma série de debates e lutas da sociedade, como o feminismo, a luta dos negros e negras e a luta dos LGBTs. Um partido, segundo a entrevistada, deve unificar diferentes pautas dos movimentos sociais e conduzir para a institucionalidade.

Ele aglutina. Na verdade, ele não aglutina, mas faz com que as lutas se encontrem. É o que eu falei antes, o feminismo não existe sem o socialismo, que não existe sem a luta dos negros e negras, que não existe sem a luta dos LGBTs, então, eu acho que o partido é o lugar pra gente unificar essas pautas. É muito importante porque nos dá respaldo para fora. Enquanto movimento social, a gente tem as nossas demandas. A gente tem as coisas pelas quais a gente luta, mas é importante a gente levar isso pra institucionalidade também, porque a gente precisa dessas pessoas. E eu acho que o partido ajuda muito nesses movimentos sociais nesse sentido, quando este está alinhado aos movimentos sociais. E esse foi o motivo por eu ter escolhido o PSOL que, pra mim, é o partido de esquerda que mais está disposto a isso.

A militância de Roberta é muito próxima ao PSOL, indo inclusive a algumas atividades partidárias, como as reuniões do Setorial de Mulheres, e trabalhando no mandato de um dos parlamentares, entretanto, ainda não é filiada. Na entrevista, fez algumas críticas, como o fato de ter muitas correntes e ser difícil identificar o que cada uma defende. Ela denomina o PSOL como uma *frente de correntes*, pois a organização partidária muitas vezes se baseia num debate interno em que muitos filiados, que não se identificam com nenhuma das correntes, acabam ficando de fora, os chamados de

independentes. Apesar das críticas, Roberta acredita num dos *slogans* do PSOL, *um partido necessário*.

O PSOL tem esse slogan de um partido necessário e eu acho perfeito isso. É um partido necessário. Apesar de haver muitas críticas quanto ao partido ser apenas uma frente de corrente. Os militantes falam muito isso: é uma frente de corrente. O que existe como organização partidária se dá dentro dessas correntes. Então, o que você tem como partido, por exemplo, os independentes, o que não se filiam as correntes, ficam soltos. Não tem muito um partido como um todo. Tem essa organização de várias correntes e que divergem muito, que racham o tempo todo. Então, é muito complicado entender o partido por dentro. Compreender, por exemplo, o que é cada corrente dessas, qual a diferença entre elas, o que elas reivindicam, enfim. [...] O PSOL é, no mínimo, necessário.

Fabiano já estava filiado ao PSOL antes da campanha de 2012. Começou a compreender a importância de um partido político quando se engajou no grêmio estudantil. A compreensão que teve naquele momento com aquela experiência inicial era de que não adiantava mudar apenas o grêmio, apenas a escola e apenas o sistema educacional brasileiro, a *conjuntura política* de toda sociedade é que deveria ser a mudança fundamental. Com essa reflexão inicial, ele começou a pensar no papel dos partidos políticos.

Eu comecei a participar do grêmio estudantil na minha escola e eu rapidamente compreendi que não adiantava transformar a minha escola porque ela estava inserida no sistema de educação brasileiro. Não adiantava transformar o sistema de educação brasileiro porque ele era determinado pela conjuntura política da sociedade que era determinada pela correlação de força. Em um primeiro momento na minha cabeça era dividido entre os que lutam e os que não lutam ou os que lutam do outro lado. Depois uma relação de dominados e dominantes, de explorados. O problema era "Qual era o papel que os partidos cumprem nisso?".

A percepção inicial que Fabiano teve dos partidos políticos foi ligada à *burocratização, centralização do poder e falta de transparência*. Participando dos espaços políticos do grêmio, observou que, apesar das reuniões que eram realizadas, as grandes decisões eram tomadas em conversas entre as lideranças das organizações políticas.

Porque eu convivia num movimento com o papel nas organizações políticas que a minha percepção inicial era muito negativa. Que eram papéis de burocratização, centralização do poder, completa falta de transparência frente à base, as famosas reuniões de forças políticas. Eu não era idiota, eu ia para a assembleia do meu grêmio, a gente deliberava uma pauta em conjunto com os colegas, íamos para uma plenária com outras escolas com nossa pauta bonitinha escrita em folha de caderno e enquanto a gente estava na plenária falando a nossa pauta tinha uma reunião do lado com os representantes das organizações partidárias e o poder concreto de decisão estava lá, não estava com a gente. Desde muito

cedo, eu estudei no Pedro II e nas minhas primeiras chapas para disputar o grêmio minha chapa era apoiada pelo PSOL, PCR e pelo PSTU contra outra chapa que era do MR8. Siglas absolutamente desconhecidas para a imensa maioria das pessoas do meu colégio. Então essa compreensão de que existia um universo hermético onde se davam as relações de poder, de fato, enquanto eu me identificava com uma base social gerada dali era muito conflituosa.

Nesse período, Fabiano começou a participar de um coletivo estudantil junto com militantes do PSOL. Ele se identificou com a concepção que esse grupo tinha de que os movimentos sociais têm autonomia em relação às organizações partidárias. Ele acredita que esses dois espaços têm papéis diferentes, mas devem manter uma relação de diálogo entre si. Como o coletivo tinha muitas atividades e uma atuação muito intensa, Fabiano teve dúvidas se realmente deveria entrar para um partido político.

Nesse contexto, eu comecei a participar de um coletivo que tinha militantes do PSOL abertamente, que era uma iniciativa de militantes que estavam saindo do PT e indo para o PSOL, alguns ainda estavam em crise, outros já eram do PSOL. [...] Mas esse coletivo tinha um elemento que era fundamental, que era a defesa da autonomia do movimento frente as organizações partidárias, entender que o partido é uma ferramenta necessária e que o movimento é outra, que necessariamente cumprem papéis diferente, mas que tem uma relação pedagógica entre si, não só o partido dirige o movimento. Existem atualizações programáticas de formas juntas que se dão no movimento primeiro e o partido é essa memória histórica disso. Do que o movimento testou e deu errado ou deu certo etc. Eu fiquei muito tempo participando desse coletivo e aí era muito engraçado, porque esse coletivo tinha uma existência muito mais orgânica do que o próprio PSOL. A galera que era do PSOL e que era desse coletivo participava de mais reuniões do coletivo do que do PSOL, participava de mais espaço de formação desse coletivo do que do PSOL. Publicamente agitava muito mais os materiais desse coletivo do que do PSOL, e eu achava isso estranho. Durante muito tempo eu pensei: "Eu sou de um coletivo socialista, por que eu vou ser de um partido?".

Fabiano demorou a se filiar porque no seu cotidiano ainda via o PSOL como uma ideia. A vivência de construção política que tinha era o grêmio e o coletivo estudantil. O seu amadurecimento político acompanhou a criação do partido e a consolidação do PSOL. Ele decidiu se filiar, quando entendeu *“que era necessário construir e disputar os rumos do que o PSOL iria ser...”*

Quando eu comecei a militar eu praticamente vi o PSOL nascer, a minha participação política, meu entendimento quanto alguém que intervém na realidade a partir da ação coletiva meio que começa em paralelo com o nascimento do PSOL. Quando eu comecei a militar eu demorei muito a entrar no PSOL porque o PSOL, primeiro representava uma ideia, não existia enquanto partido organizado e ele apresentava um discurso que pra mim era muito complicado.

Mesmo depois da filiação, ainda faltava ao Fabiano vivência no partido. Nessa época, a militância nos movimentos sociais era sua prioridade, mas acreditava no PSOL e no projeto alternativo de sociedade que se apresentava. As eleições de 2010 mudaram a configuração do PSOL, trazendo também mais espaços de organização e debate para os militantes, especialmente, para os jovens com a criação do núcleo de juventude SACI.

Em 2010 eu já tinha entrado pro PSOL, mas eu tinha muito mais organicidade nos movimentos sociais do que no partido. Só em um projeto, no PSOL, era a possibilidade de afirmar que havia alternativa ao PT, que era possível ainda ter projeto de sociedade ainda socialista e democrática. Era um projeto, era uma tomada de posição perante a sociedade. Mas a sua militância diária, os espaços que você se organizava eram nos movimentos sociais.

Depois da *Primavera Carioca*, Fabiano percebe uma mudança significativa no partido, notadamente em relação à organização, com a criação de espaços organizativos, de debates e de formação ligados e inseridos com as *lutas sociais* que os militantes se engajavam na cidade.

A partir de 2012 o PSOL passa a existir na cidade, o PSOL tem núcleos, comitês, toca a luta política, se insere nessas lutas políticas. Ainda é claro com seus desenvolvimentos, o PSOL não constrói ações de autopromoção. Dificilmente você vai ver no Rio de Janeiro um ato com 1 milhão de bandeiras do PSOL por qualquer agenda do seu programa. Ele vai estar sempre construindo o ato que os movimentos constroem, organizando o militante do PSOL pra isso. A partir de 2012/2013 o PSOL não só tem núcleos, mas recentemente cursos de formação, fez um círculo de formação que foi auto-organizado... cada um podia propor seu curso, que teve centenas de pessoas. O PSOL faz assembleias, plenárias de militantes, coisa que não tinha até 2012, tem um espaço quase que mensal de internúcleos que reúne os núcleos do partido... então, no PSOL hoje existe uma ferramenta organizativa, não só uma tomada de posição, a propaganda de projeto pra sociedade, mas hoje em dia ele é uma ferramenta organizativa.

Essas mudanças fizeram com que Fabiano tivesse outra percepção sobre a relevância de estar participando não apenas dos movimentos sociais, mas também de estar construindo e se organizando dentro do partido. Atualmente, ele compõe o diretório municipal do PSOL e observa que suas responsabilidades aumentaram. Além disso, ele observou que depois do Congresso Municipal, realizado em 2013, houve uma mudança na configuração geracional, antes não havia pessoas com menos de 30 anos, agora, os jovens são maioria. O próprio presidente municipal é um jovem. Essa nova configuração na direção partidária, segundo Fabiano, *mudou radicalmente a cara do partido*.

Eu estou no diretório do PSOL, pra mim isso é estranho porque toda a minha experiência até agora foi de base do partido e agora tenho responsabilidades sociais. É um diretório muito jovem, até o congresso do partido no ano passado não tinha ninguém com menos de 30 anos no diretório... Hoje, talvez a maioria tenha até 30 anos, os jovens são maioria hoje e não só numérica também qualitativa. O presidente do PSOL municipal é um jovem que eu conheci em escola, a secretária geral é uma jovem, que é a V... isso mudou radicalmente a cara do partido.

Fabiano fez uma ponderação sobre a própria diferença geracional dentro da juventude do PSOL, alguns jovens já tinham uma experiência partidária em outros partidos, majoritariamente no PT. Essa experiência anterior traz uma diferença entre jovens que têm uma formação teórica e organizativa de longa data e jovens que estão iniciando suas trajetórias político-partidárias em um partido ainda em construção, e isto traz algumas inseguranças aos que se engajaram nos últimos anos.

Eu acho que primeiro: tem um lapso geracional entre essa nova geração e a galera que foi do PT, mesmo a galera que foi jovem no PT. Quem hoje tem 25/26 anos, mas que chegou a militar no PT tem outro grau de capacidade de formulação política porque teve um outro grau, não só de formação organizada (o PT tinha cursos, coisa que o PSOL está fazendo agora, o PT tinha nacionalmente se estruturado em um outro grau), mas também tem a ver com formação de vivência, coisas que o PSOL e o movimento social como um todo, a esquerda como um todo está tentando retomar agora, atos, milhares de pessoas, disputas da sociedade... [...] Existe um desnível de formação que dá uma insegurança de ser jovem. É isso, tem gente que tá pensando daqui a dois, três anos, que tem uma capacidade de análise de conjuntura, que tem uma capacidade de formulação programática, tem uma memória organizativa que te dá uma insegurança muito grande estar sentado lado a lado com essa galera.

Um segundo apontamento feito por Fabiano é que o mundo, além das diversas opressões que impõe aos jovens, também é *adultocêntrico* e há uma preocupação pela conservação do poder em vários espaços da sociedade, incluindo o próprio PSOL, criando-se um setor do partido com membros mais velhos. Essa divisão converte-se em disputa política de pessoas que tiveram diferentes experiências e acabam tendo compreensões diversas sobre como construir uma nova *ferramenta política*.

E segundo: o fato de ser jovem é que o mundo não é só machista, patriarcal, homofóbico e preconceituoso racialmente, mas é um mundo que a gente brinca que é adultocêntrico. Todos os organismos, todos os espaços de poder da sociedade as pessoas tendem a querer conservar esse poder, tende-se a criar um setor do partido mais velho. [...] Isso é ligado, não só às pessoas quererem conservar o poder, mas em algum grau também na disputa de política que é das pessoas terem compreensões diferentes sobre o tempo em que vivem. A gente vive diferentes épocas históricas numa mesma época. [...] Se a galera mais velha tem experiência de ter militado em uma ferramenta mais pujante, mais

organizada, elas às vezes tem menos compreensão do que é fazer política nessa nova ferramenta.

O investimento na militância afeta outros setores da vida dos jovens militantes. Fabiano disse que, além de fazer parte dos espaços do partido e atuar nos movimentos sociais, ele precisa estudar e trabalhar. Como os adultos na maioria das vezes têm uma estabilidade maior, os jovens se veem como uma dupla preocupação: transformar o mundo e sobreviver.

Por último, tem uma terceira coisa sobre ser jovem no PSOL que é o peso que a militância tem na sua vida, porque você ao mesmo tempo tem que construir um partido que não existe, você tem que procurar um emprego, tem que cuidar da sua vida acadêmica para conseguir valorizar a sua renda e ter um trabalho melhor. Falando mais pessoalmente, você se sente dividido por grandes demandas. Transformar o mundo e sobreviver, pois somos todos da classe trabalhadora. É muito complexo, acho que a galera mais velha tem também essa segurança maior, já ter feito há muito tempo opções de vida, duras ou não. Acho que o maior elemento é esse, a gente ter uma relação com a nossa época histórica que a gente vive que é uma nova época. A gente é dessa nova geração. Isso muda muito a forma de ver se você comparar com a galera mais velha.

Durante a entrevista, Fabiano lembrou o momento de sua filiação, refletiu sobre a sua percepção de ser jovem num partido e sobre as questões geracionais envolvidas. Essas lembranças fizeram com que percebesse as diferenças entre os jovens que se filiaram na época em que se filiou e os jovens que ele mesmo filiou depois da *Primavera Carioca*, nesse caso, muitos desses jovens têm como primeira organização política o próprio PSOL.

Então, eu me filiei ao PSOL para construir um projeto de PSOL que é diferente do que a maioria das pessoas que eu filiei. A maioria das pessoas que eu ajudei a se filiar, que eu participei das conversas, é a galera pra quem o PSOL muitas vezes é a primeira ferramenta política da vida. Tem uma galera ainda que participou do seu grêmio, de lutas, como da Aldeia Maracanã, reuniões etc. Mas a primeira coisa que vai ter reunião periódica é no PSOL, o engraçado é que, depois, ele até entra pra algum outro movimento, mas é isso... Eles são um traço muito novo, então acho que mudou essa coisa de como é que se filia hoje. A relação de filiação da juventude, antigamente era a relação de filiação de vanguardas de pessoas que já tinham um grau de organização e de peso da militância na vida muito grande. Hoje em dia não, hoje é um partido que consegue ser de fato pedagógico e ganha a pessoa e, no partido, ela vai achando o seu sentido de militância.

Além de pontuarem as questões e percepções sobre geração e sobre “ser jovem” no PSOL, os jovens refletiram sobre a experiência de estar num partido político, sublinhando questões que identificam como relevantes para a política que deve ser construída, como o diálogo com os movimentos sociais e a preocupação com a luta

contra as opressões específicas que as minorias sofrem. Segundo a pesquisadora Lúcia Rabello de Castro, “*a militância nos partidos é construída lentamente na trajetória de cada jovem, dando continuidade a uma história pessoal de preocupação com a realidade social*” (CASTRO, 2008: 257). Desta maneira, ao se situarem e se identificarem como jovens no PSOL, eles constroem e resignificam suas trajetórias de engajamento e militância política.

As mudanças no percurso

As entrevistas foram realizadas em 2014, dois anos após a *Primavera Carioca* e da *experimentação* de cada jovem entrevistado em ser militante num partido político, no caso de Leandro, Aline, Rita e João, em militar nos movimentos sociais, no caso de Ricardo e Roberta, e ser militante num novo cenário para o PSOL, no caso do Fabiano. Segundo Muxel, a militância de jovens se constrói também através da *experimentação* que possibilita a ruptura e a inovação das práticas políticas a partir de cada geração e de cada indivíduo, através das interações, da cultura e das conjunturas políticas e históricas (MUXEL, 2008). Os jovens reconstituíram e narraram durante a entrevista seus caminhos tendo como referência as mudanças que foram ocorrendo nesse período. Leandro e João, por exemplo, saíram do PSOL e se engajaram em outras organizações políticas. A vivência dentro do partido e nos movimentos sociais, uma nova conjuntura política e as manifestações que ocorreram em 2013 foram relatadas pelos jovens como importantes para a mudança nas suas expectativas sobre o PSOL e sobre o deputado Marcelo Freixo, “*o mundo da política não é imutável, e sim uma realidade em permanente processo de transformação*” (KUSCHNIR, 2007: 62).

Assim, diante das vivências dos últimos anos, Leandro disse que avalia de maneira ambígua a sua experiência de militância na campanha e no PSOL. Esta foi importante para que ele percebesse a necessidade de uma militância de forma organizada num grupo político. No entanto, depois das eleições, repensou se realmente o melhor lugar para a militância seria naquele partido. Ele assegura que não se engajaria novamente numa campanha política.

De uma maneira muito ambígua assim... é... Por um lado foi importante, porque me fez me retomar a necessidade de militar de maneira organizada, né? Mas por outro, todo o processo que aconteceu depois das eleições do Freixo para cá me fez repensar muito, é... O que aquilo ali queria dizer, né? E o que esse tipo de intervenção coletiva que é pautada prioritariamente pela ocupação do Estado, da democracia representativa e

tal. Qual o verdadeiro sentido disso, né? Então, assim se por um lado tem, teve esse ganho organizativo, por outro, é... e não só por essa experiência da campanha, mas por outras, especialmente por outras que se cristalizaram depois, é... esse... o horizonte da construção da democracia representativa é um horizonte que eu abandonei francamente. Então, assim, em parte, em parte eu vejo essa campanha como um erro. Não como uma coisa de que em arrependa de ter feito e tal, mas como uma parada que eu acho que eu não... não repetiria assim.

As divergências começaram a aparecer a partir de junho e julho de 2013, época das manifestações organizadas pelo *Fórum de lutas contra o aumento das passagens*, que mobilizou milhares de pessoas contra o aumento das passagens no Rio de Janeiro. As divergências também apareceram quando começou a se engajar em espaços externos ao partido, à campanha e ao centro acadêmico. A reflexão que ele começou a fazer a partir dessas experiências foi de que o PSOL priorizava os espaços mais institucionais.

Isso aconteceu depois de uma série de processos, especialmente, depois que eu comecei a fazer militância de terreno, né? Ocupar as bases... na Aldeia Maracanã, nas manifestações de junho e julho também. Em primeiro lugar, porque eu vi que aquilo ali não era importante para o partido e que a força do partido estava em disputar instituições reconhecidas pelo Estado, fossem elas o parlamento, fossem elas as direções sindicais ou CAs ou associação de moradores ou o que quisesse. Mas ali onde não havia uma instituição reconhecida ou reconhecível por direito, o partido não tava, né? Portanto, ele não conseguia construir um movimento... autogestionado do tipo radical. Ele não conseguia estabelecer as próprias premissas daquilo que ele dizia que ele abolia, né? Isso foi se consolidado para mim cada vez de maneira mais dolorosa, é... até o momento que em junho e julho do ano passado, parece que houve um divisor de águas, né?

A trajetória de Leandro passou pela atuação na campanha e no núcleo, a filiação em um partido, a militância nos movimentos sociais, até a decisão pela desfiliação e a opção por uma nova organização política. As escolhas e os sentidos sobre como atuar politicamente foram transformados nesse processo de militância. Assim como Leandro, João também saiu do PSOL, mas para se engajar em outro partido político.

Eu tive um afastamento, por questões pessoais, por falta de tempo para me dedicar à militância. Nesse afastamento, eu fui tendo contato com outras pessoas, com o pessoal do PSTU, fui conversando com eles e acabei comprando a ideia. Acabei discordando de tudo o que... Vendo a coerência da discordância entre o PSTU e o PSOL. Eu achei que meu caminho era militar no PSTU.

João destacou os posicionamentos do candidato e do PSOL após as eleições como um dos motivos para a sua escolha de sair do partido, além de uma percepção diferente em relação aos métodos.

Eu só acho que em certos momentos, ele priorizou mais o mandato dele do que manter essa mobilização e esse diálogo que ele conseguiu durante a campanha dele. Eu acho que ele valoriza mais isso. Hoje, eu vejo pelo programa e pela posição do PSOL e pelo próprio Freixo. Acho que tudo que ele colocou durante a campanha, ele foi sincero, ele tinha comprometimento, mas existe um erro de percepção de método.

Os outros entrevistados disseram que ainda apoiam o deputado Marcelo Freixo, mas a maioria disse que apoia de forma crítica. Fabiano, por exemplo, disse que Marcelo Freixo é a principal figura pública num projeto político por uma cidade com mais direitos, que precisa ser entendido e construído de maneira coletiva. Nesse sentido, Fabiano acredita que as manifestações de junho de 2013 trouxeram ainda mais desgastes à *velha política*, que julga estar cada vez mais esgotada. Para construção das próximas eleições, Fabiano supõe que será decisivo que a organização coletiva seja maior que uma candidatura centrada apenas na figura individual de um candidato.

Eu continuo apoiando o Freixo, mas sempre de forma crítica. Eu acho que o Freixo é a principal figura pública num projeto, com qual eu concordo muito, que é a crítica radical ao modelo de desenvolvimento que a gente tem na cidade hoje e ele representa bem a política por uma cidade de direito. Mas eu acho que ele tem que ter a compreensão de que se aquela eleição puxou um processo coletivo de política a partir do potencial que ele tinha enquanto figura pública individual, os próximos processos de disputa da sociedade não vão se dar mais assim. Precisa de fato encarnar um projeto mais coletivo, não só porque felizmente junho mudou mesmo essa coisa de velha política. O processo não é imediato, mas subterrâneo. [...] Tem que ser algo ainda mais despersonalizado do que ainda era naquele período, mas dentro desse contexto, acho que ele é alguém em disputa como todos nós somos. Quanto mais organizados tivermos, mais eu acho que ele vai ser o porta-voz de algo que é maior que ele. No final, é isso, a organização coletiva tem que ser maior que o Freixo e se for está ótimo. Se ele for maior do que a organização coletiva isso é um problema pra a gente e isso é um problema pra ele.

Nessa mesma perspectiva, Aline disse que o deputado Marcelo Freixo é muito importante para o PSOL, mas que existem muitos militantes por trás da construção do partido, da candidatura e dos projetos. Ela disse ainda se preocupar com o *personalismo* em torno da figura do candidato. Além disso, ela sentiu que o seu bairro, e a Zona Oeste do Rio de Janeiro em geral, foi desconsiderada nas atividades feitas pelo deputado após as eleições.

Pra falar a verdade, eu acho o Freixo sensacional. Eu gosto muito dele. Ele é uma figura importantíssima do PSOL. Pra mim, ele não poderia sair nunca do PSOL. As pessoas e os parlamentares começam a conhecer o PSOL pelo Freixo. Várias pessoas que não são da militância, são só progressistas e que querem mudar, votam no Freixo. [...] Só que eu tenho medo de muito personalismo, porque ele não é o PSOL sozinho. Tem militantes de base atrás dele, que o sustentam e que devem sustentá-lo na

candidatura e nos projetos, mas que, às vezes, ele acaba esquecendo. É porque eu moro na Zona Oeste, talvez, se eu morasse na Zona Sul, eu não falaria isso, ou militasse no movimento estudantil. Mas enquanto Zona Oeste, ele deixa a desejar. A gente o chama pros debates e ele não vai. Mas é uma figura extremamente importante, que eu vou apoiar e vou continuar falando “pessoas, votem no Freixo, o cara é sensacional.” Talvez essa ausência seja falta de tempo, não sei. Mas é uma coisa que eu sinto enquanto militante na zona oeste, onde as pessoas não chegam.

Afora as mudanças em relação à percepção que tinham do PSOL e do candidato Marcelo Freixo que alguns mencionaram nas entrevistas, houve também uma mudança estrutural na vida desses jovens. A atividade política começou a fazer parte do cotidiano, para alguns representou pequenas mudanças, para outros, as mudanças foram mais significativas e percebidas com mais intensidade.

Nos últimos dois anos a trajetória de Leandro, por exemplo, passou por muitos momentos de escolhas e decisões políticas importantes: a filiação a um partido, a militância nos movimentos sociais, a participação em um núcleo de base, o rompimento com o partido e a escolha de uma nova organização política para militância. Essas escolhas trazem modificações nas relações de socialização, por exemplo, quando decidiu a filiação, inicialmente:

Alguns apoiaram, alguns... é... olharam com desdém, mas com desdém meio, meio... eram muitos amigos de universidade, um desdém meio... acadêmico, mas que eu acho que em grande parte passava pela, pela...por um pouco do remorso que essas pessoas tinham de não se mobilizar, né? Mas em geral foi uma relação muito tranquila, assim, não houve muito sobressalto.

A decisão de sair do PSOL também trouxe uma nova configuração das relações de sociabilidade que foram se consolidando nos últimos dois anos; esta foi a primeira dificuldade que Leandro teve durante a decisão e a saída do partido. As relações pessoais construídas foi o momento de grande tensão e aflição para ele nesse período, com as discussões entre os amigos, mas que depois foram superadas.

Você tá dentro de uma organização e vai construindo vínculos pessoais que passam pelo contato com a organização, né? Ou que se dá nos espaços da organização e acho que a primeira dificuldade foi sentida nesses relacionamentos pessoais, né? Começaram a haver discussões com amigos, que em grande parte já foram superadas, já passaram, mas no momento da ruptura teve essa questão... [...] mas esse momento foi pessoalmente muito, muito... não muito, mas assim, houve alguma coisa aí de aflição, por conta da ruptura de laços pessoais mesmo.

Após a desfiliação, Leandro se engajou numa organização anarquista. Depois do momento inicial de tensão, retomou alguns vínculos de amizade que iniciou na *Primavera Carioca* e nos anos de filiado ao PSOL.

Em parte mantenho relações com algumas pessoas com quem eu militei no PSOL. Inevitavelmente, hoje, a maior parte das pessoas com quem eu convivo são as pessoas da organização que eu tô, é..., mas certamente sim, inclusive, porque, como eu disse, parte desses laços eu to retomando agora, depois de alguns meses de processos de tensionamento, que as vezes partiu tanto de ressentimentos de algumas pessoas com a minha saída do partido, mas também por... talvez por um sentimento meio sectário meu de ter raiva e tal, mas isso passou total assim.

Mas é isso, assim, acho que foi uma questão muito pontual e ao logo do tempo, conforme coisas foram acontecendo, a gente meio que viu que pra além da convergência política e que talvez nesse momento ainda seja mínima, certos vínculos afetivos pessoais foram criados que duram, que permaneceram depois disso.

Leandro ao final da entrevista disse que a militância tem tomado um tempo muito grande da vida dele nos últimos anos. Comparando antes e depois da militância, ele disse que agora realmente virou um comunista, antes apenas dizia ser. Esta convicção que acabou adquirindo com a prática e a vida cotidiana de militância, concluiu, a partir de agora não vai abandoná-lo, mesmo que um dia deixe o engajamento.

Eu virei comunista de fato, virei comunista mesmo, antes eu podia dizer que eu era, mas aí eu virei comunista de verdade. Assim, esse processo da militância, quer dizer o projeto de uma superação radical do atual estado de coisas, da gestão comum do aparato produtivo, é... por aqueles que vivem nele, isso pra mim se tornou uma urgência prática, então imagino que mesmo num momento que eu venha parar de militar, essa convicção não vai sair de mim e a necessidade de apontar pra isso, de falar disso o tempo inteiro, não vai me abandonar.

No meio de tantas transformações, quando perguntei o que permaneceu de antes desse processo, Leandro não soube responder: *“muita coisa mudou, assim, em especial, sobre a minha maneira de ver o mundo de lidar com as coisas, [...] agora, o que permaneceu mesmo, cara, eu confesso que eu tenho dificuldade de te dizer”*.

No caso de João, sobre as relações de amizade que fez durante esse tempo de militância e de universidade, ele revela que são bem diferentes das que ele tinha na época da escola: *“quando eu saí da escola, eu me afastei dos meus amigos. [...] Comecei a conversar com outras pessoas. Se você pegar as amizades que eu tenho hoje e comparar com as amizades que eu tinha antes da militância, com certeza são pessoas totalmente diferentes”*.

João também fazia parte do núcleo PSOL da Grande Tijuca, somente durante a entrevista descobri que ele havia se desligado do partido: *“Eu fiquei um tempo parado, depois que eu saí do PSOL. A influência, depois que eu vim pra universidade... De eu aceitar conversar com o pessoal da militância, para que eu realmente ouvisse essas pessoas, considerasse ser ativo dentro da universidade, ou na militância fora da universidade”*. A possibilidade de estar em contato com outras organizações políticas dentro da universidade foi um dos fatores para que João se identificasse mais com outro partido.

Apesar da mudança de partido, a experiência de participar da campanha foi muito marcante para João: *“Foi um choque. Eu nunca pensei que a minha cabeça pudesse mudar. Eu sei que a gente está sempre mudando, mas não pensei que minha cabeça pudesse mudar tão rápido”*. A mudança a que ele se refere é da importância de estar engajado politicamente, a desilusão de antes se transformou em vontade de participar e militar.

Uma mudança de acreditar que vale a pena militar, de não querer mais ficar... De não ter essa desilusão, sabe? Porque eu acho que o que aconteceu foi que uma campanha que nem a do Freixo mostra que as pessoas... Não que é que elas não liguem, mas mostra que elas estão desiludidas. Era esse o sentimento que eu tinha. Esse sentimento de desilusão sumiu mesmo. Estou empolgado.

Ricardo e Roberta não se filiaram ao PSOL, mas tiveram uma intensa militância em movimentos sociais nos últimos dois anos, depois do engajamento na campanha. Roberta acredita que é difícil voltar atrás na escolha pelo engajamento político, mas ainda tem dúvidas sobre os métodos para uma verdadeira mudança social.

Eu acho que é um caminho sem volta. Você começa a entender coisas num mundo que estão erradas e ponto. São irreversíveis. Assim, está errada a injustiça social que a gente tem no Brasil e no mundo. A questão é: você vai se diferenciar no método. [...] O método pra se chegar a solução é que eu ainda não amadureci completamente.

Apesar das mudanças, Roberta tenta manter tanto as relações de amizade criadas na militância quanto as anteriores. Ela acredita que isto é importante não só para sua vida pessoal, mas também para tentar conscientizar outras pessoas.

Eu fiz grandes amigos na militância, mas eu administro uma coisa de uma vida dual: uma vida senso comum, pequeno burguês, a vida partidária. Não são conflituosos, porque é a realidade do mundo. A gente não está se relacionando apenas com militantes e eu tento fazer também o meu trabalho de conscientizar as pessoas que não compreendem. A cada momento que eu entro num ônibus ou que eu converso com amigos que têm uma vida normal, eu tento plantar as sementinhas da consciência de

coisas que, às vezes, não estão tão explícitas. Mas a minha relação é de administrar esses dois lados, sim.

Existiu uma preocupação de Roberta em não se desligar completamente do seu passado ao se engajar na campanha e posteriormente nos movimentos sociais. Por isto, além de manter as antigas amizades, também se preocupou em manter uma boa relação com a família e de continuar fazendo as coisas que sempre gostou de fazer.

Eu acho que permaneceu que eu nunca quis fechar os olhos para todo o meu passado antes de entrar na vida política. Eu mantenho minha relação com a minha família, eu mantenho minha relação com os meus amigos de antigamente. Eu tenho necessidade de viajar e fazer as coisas que pessoas normais fazem. E, ainda sim, eu trabalho na medida do que eu posso. Eu tento entender que eu tenho uma certa medida para doar de mim mesmo para a política, para essa transformação toda. Eu não acho só que essa doação pode cruzar um limite em que me enfraquece, onde eu deixo de viver a vida – eu acho que a gente está aqui pra ser feliz, sim; e os laços familiares são importantes, sim. Eu conheço muita gente que rompe com a família porque esse modelo de família burguesa realmente leva muitas coisas que são contraditórias à transformação do mundo, mas eu acho que eu não quero romper com isso. A minha relação com a minha família é importante.

Depois de tantas novas experiências e de tantas mudanças, Roberta acredita que está mais fortalecida ao entender, durante a militância, as diversas *opressões da sociedade*, o seu posicionamento se tornou mais confiante.

Eu acho que me sinto muito mais fortalecida como pessoa. Se tem uma coisa que eu não me arrependo e que eu acho que me fez muito bem em toda essa experiência é que me fortaleceu como pessoa. No momento que você passa a entender as opressões da sociedade e você compreende a raiz delas... No momento em que você toma a consciência delas e, ao contrário de passar a se culpar por certas injustiças que acontecem na vida, você passa a se posicionar mais confiante diante delas, você se relaciona com a sociedade de outra maneira.

Ricardo também não deixou os antigos amigos ao se engajar nos movimentos sociais: “*eu agreguei o grupo da militância aos meus amigos. Eu saio com o pessoal, mas não deixei de frequentar outros espaços*”. No entanto, a militância política tem sido priorizada e alguns perceberam: “*Eu priorizo bastante a militância. Acho que perceberam, sim*”.

Nesses dois anos de militância no Comitê Popular Copa e Olimpíadas, Ricardo constatou que no começo não contribuía tanto com coletivo, apenas frequentava os espaços, depois foi começando a participar com mais intensidade. Atualmente, acha que têm muitas tarefas e percebe a necessidade de diminuir um pouco essa intensidade. Ele disse que esse período tem sido um momento de bastante aprendizado.

Minha atuação no início foi... Eu ia sempre. Mas, por não ter muita experiência, eu não falava muito, não participava contribuindo certinho. Teve mais umas manifestações e eu já estava militando, mas sentia que precisava fazer mais. E eu comecei a fazer mais. Hoje, eu faço muita coisa. Preciso até fazer menos. Está difícil. Acho que tenho esses dois períodos bem marcados na minha atuação política. Hoje, são quase dois anos. Deu para aprender bastante e começar a atuar de fato.

Aline e Rita se filiaram na época das eleições e continuam atuando nos núcleos de base dos seus respectivos bairros. Elas também estavam no ensino médio na época e, agora, na universidade se engajaram no movimento estudantil e na juventude do PSOL. Aline também participa do *Coletivo Mulheres em Movimento*.

A militância me trouxe o feminismo, que era uma coisa que eu não pensava e que me libertou e me mudou completamente. Eu sou uma mulher antes e depois do feminismo. As pessoas tendem a separar. Eu não gosto de separar, porque eu acho que uma coisa está ligada a outra. O socialismo e o feminismo se complementam, um não existe sem o outro. Mais do que as palestras, o feminismo me mudou muito. Essa militância feminista me mudou muito e é onde eu deposito mais as minhas energias hoje em dia.

Da mesma forma que Roberta, Aline tenta manter as antigas amizades e também acredita que isso é importante para conquistar as pessoas para o caminho que constrói politicamente.

Quando a gente passa muito tempo com essas pessoas, a gente acaba falando disso. A gente fala de outras coisas, óbvio, mas a gente conversa muito sobre política. [...] A gente tem que conquistar essas pessoas pro caminho que a gente quer, então... Eu acho meio preocupante cortar laços com pessoas que não pensam igual a mim. Ontem mesmo eu vi meus amigos que estudaram comigo. Eu acho muito importante. É importante a gente não romper com essas pessoas. Eu tenho muitos amigos da militância que romperam. Não é pra romper. São para essas pessoas que a gente tem que mostrar o contraponto, sabe.

Nestes últimos dois anos, Aline acredita que mudou para melhor. Para além do seu interesse por estudar e conhecer as coisas, ela mudou a forma de ver o mundo. Ela tenta manter a sua essência e acredita que a militância fortalece isso, mas reconhece certa contradição algumas vezes.

Eu mudei muito. Mudei pra melhor. Eu me sinto melhor comigo mesmo. Para além de mim, eu acho que o meu interesse em estudar, em conhecer mais as coisas. Uma coisa que eu não deixei são as amizades, pois são importantes. [...] Mas o que eu mudei mesmo foi a maneira de enxergar o mundo e isso me ajuda muito, me fortalece muito. Mas é nesse sentido mesmo. Eu tento não mudar minha essência, de gostar de conversar com as pessoas, e a militância endossa isso. É complicado. A gente é tão contraditório, a gente faz as coisas sem imaginar...

Nesse sentido, o PSOL foi importante para que ela encontrasse um lugar para se organizar e, a partir disso, ela disse que a vontade de mudar as coisas tem se intensificado: “*Então, eu acho que foi importante pra mim nesse sentido: amadureceu a minha militância. O primeiro passo é a vontade de mudar. O segundo se organizar. E aí, quando você se organiza, sua vontade de mudar parece que não para nunca. Intensifica muito mais*”.

A entrevista de Rita mostrou como o engajamento e a militância redefiniram sua vida nos últimos dois anos. Antes ela não tinha qualquer proximidade com a militância política ou com o cotidiano de um partido político, no entanto, através de um amigo, começou a atuar na campanha e se filiou ao PSOL. A sua trajetória de engajamento foi se delineando para a atuação em um Núcleo de Base e nesse processo pode-se observar uma grande mudança nas suas relações e na importância que essa escolha tomou em sua vida. Ela acredita que há um marco na sua vida de antes e depois do engajamento político, incluindo suas relações de amizade que foram mudando nesse período. Diferente de Roberta, Ricardo e Aline, Rita acha que a nova maneira de ser jovem e ver o mundo acabou a afastando dos seus antigos amigos.

[...] é como se houvesse um marco na minha vida pré-psol e pós-psol, porque os meus amigos pré-psol nenhum mais estão comigo... até por... mudança de...visão de mundo, né? Não digo nem a questão de socialismo, não... eu digo a questão de...desse modo de ser jovem, sabe? Desse modo de lutar porque eles não estão interessados na mesma coisa que eu...Assim, alguns até acham interessante, mas não tem esse gás de tá presente, sabe, de tá lutando, não tem esse horizonte, então... sei lá, eu acho que... isso que eu falei do meu novo modo de me exercer como jovem me afastou dos meus outros amigos, mas me trouxe outros amigos muito incríveis que... compartilham desse meu novo modo de ser jovem.

Rita encara todas essas mudanças como um *processo*, aos poucos as amizades foram mudando, a maneira de ver o mundo e de ser jovem. Os novos amigos da militância a acompanharam e inspiraram nesse período de transição.

[...] é um processo mesmo, não foi ruptura. Eu acho que os meus novos amigos, perceberam que eu tava passando por um processo, é... por um processo de mudança de visão de mundo e por um processo de mudança de modo de ser jovem... Eles perceberam que antes eu tava acostumada com um modo de ser jovem que a minha mãe falava e que eu acabei de te falar e que agora eu tava mudando completamente de maneira de viver como jovem, com certeza eles perceberam e acho que os meus principais amigos de militância acompanharam muito bem isso porque eles nunca me forçaram a nada além do que eu tava capaz no momento, sabe? [...] Eu tinha esses jovens como um paradigma, sabe, como horizonte no qual eu queria chegar, sabe? Algo a ser alcançado e nos mínimos detalhes assim... Não só de visão de mundo, mas nos mínimos detalhes de modo de se portar, sabe, e de modo de falar e de tipo de discurso e de como

encarar certo aspectos sociais e certos aspectos do cotidiano. Eu tinha isso como um horizonte e que eram um alvo que eu queria alcançar, mas que eu não precisei me forçar a isso, foi tudo espontâneo sabe, foi tudo caminhando naturalmente, então essa minha mudança de vida, eu carreguei muito os jovens que eu conheci como um paradigma, como algo a ser alcançado, e que acho que hoje eu consegui alcançar sem tanto esforço porque eu acho que, sei lá, porque talvez isso não exista, mas talvez isso já estava em mim e é isso, eu tomava eles como um lugar a se chegar.

Ao responder sobre o que permaneceu de antes da campanha na sua vida, Rita disse que na verdade tudo mudou e mesmo pensando por mais alguns segundos ela responde: *eu não sei, eu diria que nada permaneceu*. A militância é avaliada como estrutural na vida:

Ah, sim, a militância é um pouco que estrutural na vida, né? Tudo se estrutura a partir dela, ela é estruturante, então, acho que a militância e... todo esse meu interesse pelas questões sociais e políticas estruturaram todo o resto da minha vida, então tudo um pouco gira em torno disso, sabe? Tanto os meus amigos novos, como os lugares que eu frequento, como os papos que eu bato, sabe? As conversas que eu tenho... Tudo gira um pouco em torno disso, sabe? Até nos momentos de diversão, sabe? Não adianta tudo mudou, estrutura de uma outra forma a vida, então, eu diria tudo, nada ficou.

As transformações relacionadas à socialização começaram para Fabiano na época em que se engajou no grêmio. Antes seu grupo de amigos se restringia a sua turma, depois que se engajou, começou a conhecer pessoas de toda a escola e de várias turmas, até que ampliou seu âmbito de militância para além do seu espaço escolar, indo para outras escolas, outros bairros e até outros municípios. Ultrapassando até mesmo as barreiras geracionais, muitas vezes existentes nos espaços escolares entre alunos de cada série.

[...] antes de ser do grêmio eu conheci a galera da minha turma, eu conheci a galera da minha série. Quando você é do grêmio você conhece todo mundo no seu colégio. Você tem que conversar com as pessoas, você tem que saber o que está se passando na vida delas. [...] Se antes você passava todo o seu recreio com os seus amigos agora você passa o recreio falando com a galera da quinta série, outro recreio com a galera do terceiro ano, outro com a galera da oitava série. É legal que quebra muito a sua pressão geracional que no colégio é muito forte e também gera preconceito. Os seus amigos acham isso muito estranho, você estar conversando com crianças ou estar conversando com mais velhos, rola esse afastamento identitário. Tem um segundo momento que é quando você começa a militar e o colégio tem menos importância na sua vida. No meu terceiro ano eu praticamente não passava tempo no meu colégio, porque eu estava acompanhando outros colégios, em Caxias, Nova Iguaçu, rodava as escolas particulares da área da Zona Sul do Rio, Tijuca, ia pra FAETEC em Quintino. Você acaba matando aula, você não fica depois da aula com a galera, aquela dinâmica de cursinho de pré-

vestibular eu não participei. Então rola um afastamento porque a sua agenda fica muito mais ampla do que aquele universo imediato.

Fabiano procura manter as amizades da época da escola, inclusive daqueles amigos da sua turma que não eram militantes e também de alguns amigos que fez na faculdade. Ele associa os momentos de lazer a esses vínculos de amizade.

E você volta a valorizar eles, porque com dezoito anos você tem energia para militar todo dia, mas com 23 anos, não sei se sou eu particularmente, mas você quer um dia na semana em que você quer ter vida. Você quer encontrar os seus amigos, entende? Depois que você começa a trabalhar você sente muita falta disso. Quando você trabalhou, estudou, militou a semana inteira, no fim de semana você quer umas seis horas de prazer, de diversão na sua vida. Isso faz você voltar a valorizar os seus vínculos. Acho que mudou no início, mas agora tem um outro ciclo de você valorizar as suas relações.

Os amigos do colégio são os que Fabiano considera mais *íntimos* e acredita que, apesar da intensidade das vivências e experiências com os amigos da militância, são tipos de amizades diferentes.

A galera da militância tem um clima de companheirismo muito legal, por serem pessoas que você vê diariamente. Você compartilha a vida, no sentido de companheirismo. Em junho desviei de pedras, balas de borracha, balas de verdade, carros, quando você está ombro a ombro com a galera isso cria uma identidade que é muito forte. A gente viaja junto, acampa, convive diariamente. Mas uma coisa pessoal minha é que eu tenho poucas pessoas no meio da militância que têm o mesmo grau de amizade que os meus amigos do colégio. Acho que existe esse clima de companheirismo generalizado muito forte, mas acho que é um valor diferente da amizade. É tão intenso quanto, mas é diferente.

Em meio a tantas mudanças, Fabiano afirma que permaneceu um sentimento de indignação, que é anterior ao seu engajamento. O engajamento político é fruto desses sentimentos e a militância se fortalece com eles, disse ele durante a entrevista.

Primeiro permaneceu um sentimento de indignação, uma identidade espontânea, muito antes de eu militar, com a dor do mundo, de referência com quem luta. [...] A realidade provoca sensações que permanecem, mas que são anteriores à militância e que alimentam a militância, mas que a militância às vezes se descola um pouco delas. Isso é complicado, mas permanece, apesar disso. Você entra em uma dinâmica que é própria da militância que é tão centrípeta e te toma tanto que você desconecta dessas relações mais espontâneas, mas que permanecem, de indignação e luta.

A esperança também se mantém para Fabiano, a esperança de que a sociedade humana pode ser de outra forma e que a história é algo em constante mudança.

Mas ainda se mantém uma esperança muito honesta [...]. A sociedade humana pode radicalmente ser diferente dessa, pra pior ou pra melhor. Eu acredito muito nisso, o futuro é algo em aberto, e que quem olha pro

passado, quem aprende história em particular tem clareza disso, de como a realidade é plástica. Essa esperança de que a história está em aberto é algo que se mantém muito forte para mim [...].

Ser jovem nos dias atuais parece significar uma ampla possibilidade de diferentes caminhos e experiências. Segundo Melucci, “*a experiência é cada vez menos uma realidade transmitida e cada vez mais uma realidade construída com representações e relacionamentos: menos algo para se ‘ter’ e mais algo para se ‘fazer’*” (MELUCCI, 1997: 9). As mudanças em suas vidas narradas pelos jovens entrevistados se relacionam às suas construções de experiência e de vivência de militância política a partir do engajamento na *Primavera Carioca*. Entre mudanças e resignificações, apesar dos dilemas vividos, os jovens entrevistados continuaram apostando no engajamento e na militância política como elementares em suas vidas atuais, num processo que parece estar em permanente diálogo e reflexão.

Considerações Finais

Acho que tem um conjunto de militantes velhos e novos que reafirmam cotidianamente você fazer essa opção pela militância. Tem uma coisa além do racional, das razões políticas. Tem uma coisa que a gente chama de mística, os elementos além da lógica racional que reafirmam as opções de vida que a gente tem: fraternidade, generosidade, resistência, rebeldia, valores. (Fabiano)

A pesquisa teve como curiosidade inicial a mobilização de jovens na *Primavera Carioca* nas eleições de 2012. A partir da *Assembleia de Jovens com Freixo* comecei a transformar minha curiosidade em objeto de pesquisa. O tema “juventude e engajamento político” sempre traz muitas considerações estereotipadas do senso comum, fala-se muito em despolitização, mas são poucas as pesquisas que procuram considerar os jovens nesses espaços de atuação; ainda menores são os números de pesquisas que buscam entender os jovens que se engajam em processos considerados como de política institucional e tradicional, como eleições e partidos políticos. No momento em que se fala tanto de uma juventude que não se envolve em processos políticos institucionais, uma campanha diferenciada pelo protagonismo jovem e pela busca de novos repertórios, como a do candidato à Prefeitura do Rio de Janeiro, Marcelo Freixo, nos trouxe alguns elementos importantes para consideração no debate sobre engajamento de jovens em eleições e partidos políticos.

Os caminhos percorridos na pesquisa tinham por objetivo investigar como se deu o engajamento de jovens durante a campanha e como se desenvolveram as suas trajetórias políticas após as eleições. Apesar de notarmos diversas características em comum nas trajetórias desses jovens, por fazerem parte de uma mesma geração e apresentarem vivências em alguns espaços comuns, as narrativas mostraram uma diversidade de motivações para o engajamento político e diferentes trajetórias que se desenrolaram a partir do momento político da *Primavera Carioca*.

A observação participante foi fundamental para acompanhar essas trajetórias e conseguir observar que na diversidade de caminhos possíveis após a experiência na campanha, esses jovens procuraram construir trajetórias políticas que se consolidaram em suas vidas. Nenhum dos entrevistados deixou a militância, mas tiveram mudanças consideráveis nas suas escolhas, alguns trocando de partido ou organização, outros procurando inserção em algum movimento social que se identificava mais.

Mesmo a observação participante tendo sido tão decisiva para o resultado desta pesquisa, durante o trabalho de campo e também durante a escrita da dissertação, fiz muitos questionamentos sobre minha proximidade com o objeto de pesquisa e meu necessário esforço de distanciamento. Até a qualificação do projeto de dissertação, eu buscava uma maneira de me isentar da escolha dos entrevistados, pensando em usar questionários para selecioná-los, mas com certeza o resultado seria outro. Meu olhar de observadora participante foi muito importante para essa etapa da pesquisa, uma escolha possivelmente aleatória dos entrevistados talvez não trouxesse essa diversidade de trajetórias que pude observar durante os dois anos de trabalho de campo. Nesse sentido, foi fundamental meu *esforço de objetivação* (NOVAES: 343) explicitando os caminhos escolhidos e os contextos que estavam colocados. Além disto, a própria entrevista cria uma relação carregada de subjetividade ao falar de suas vidas naquele período, dos momentos emocionantes e dos difíceis. Envolveu uma série de emoções e sentimentos importantes para entender o contexto e a experiência que os jovens tiveram na campanha (ARAÚJO, 2012).

Outro desafio metodológico foi a netnografia realizada no início da pesquisa. Mesmo com as dificuldades explicitadas no capítulo 1, que foram se apresentando no caminho, a netnografia trouxe importantes reflexões não somente em relação aos jovens da *Primavera Carioca*, mas também sobre os debates em relação aos novos repertórios que vão surgindo com esta nova ferramenta e a relação entre as NTICS e as pesquisas em Ciências Sociais no âmbito deste novo espaço. As redes sociais foram muito citadas nas entrevistas e nos depoimentos como um espaço relevante de atuação, fonte de informação sobre a campanha e atividades políticas. A experiência do campo virtual conseguiu trazer depoimentos tanto dos que participaram ativamente da campanha, como de outros que apenas apoiaram, trazendo uma multiplicidade de olhares sobre a *Assembleia Sou Jovem e Fecho com Freixo* e sobre a *Primavera Carioca*, revelando a amplitude desse processo eleitoral em torno do engajamento políticos de alguns desses jovens.

Nas entrevistas, os jovens contaram suas próprias histórias de engajamento e militância a partir da pergunta geradora “O que você se lembra da campanha eleitoral de 2012?”. A pergunta ampla deixou os entrevistados à vontade para contarem as suas histórias e lembranças marcantes. Observei que as primeiras lembranças vinham daquilo que diferenciava aquele momento de outros, como uma mobilização que nunca haviam visto ou uma primeira aproximação com uma campanha política. A surpresa de uma

grande mobilização de jovens era relacionada por eles a um divisor, um antes e um depois daquelas eleições, como um reconhecimento de certa apatia juvenil pela política, mas a percepção de um reencantamento durante a campanha. Além disto, a maior parte dos entrevistados se recordava de coisas relativas ao *tempo da política* como as panfletagens, reuniões de comitês, comícios etc.. Também se recordaram dos momentos mais emocionantes e mais difíceis da campanha; nesse sentido, a subjetividade das emoções vividas no processo de engajamento são importantes para a formação das trajetórias políticas que começaram a partir daqueles meses. Diferentes temas foram se entrelaçando durante as entrevistas, evidenciando que a “*investigação antropológica da política passa a concentrar-se não o isolamento de temas e fenômenos, mas justamente no seu entrelaçamento*” (KUSCHNIR, 2007: 33).

Os jovens que se engajaram na *Primavera Carioca* apresentaram diversas expectativas em torno daquele pleito eleitoral e da possibilidade ou não de o candidato ser eleito a prefeito da cidade do Rio de Janeiro. A maioria dos entrevistados não acreditava na vitória, mas tinha esperanças de que Marcelo Freixo fosse ao menos para o segundo turno. Ao falarem sobre as perspectivas em relação à campanha e a uma possível vitória, os jovens demonstraram suas perspectivas também em torno do seu caráter de engajamento político, fazendo críticas ao sistema eleitoral, aos limites do que se estava disputando durante a campanha e até mesmo ao foco excessivo muitas vezes existente em relação ao candidato. As críticas também podem ser relacionadas a uma preocupação ou a uma construção de um novo repertório político, em que as posturas mais coletivas do que eles chamam de *militância de base* e a construção de campanha que não se foque apenas numa figura pública sejam valorizadas e construídas. Os elementos positivos se relacionaram ao debate que a campanha acabou trazendo para a cidade e que, no caso de uma vitória da candidatura, poderia ter trazido um diálogo importante da Prefeitura com os movimentos sociais, entre outros pontos colocados, como a melhora do sistema de transporte.

Os motivos apontados pelos jovens para o engajamento na campanha foram diversos. Tendo em vista essa multiplicidade de motivações apresentadas, levou-se em conta para a análise que não foram apenas os fatores de âmbito individual que os levaram a essa escolha, mas uma conjugação de fatores individuais e estruturais que foram decisivos para o engajamento. Assim, podem-se relacionar os motivos apresentados nas narrativas tanto às questões macrosociológicas, focadas sobre as estruturas sociais e organizacionais, como a grande mobilização de jovens, a conjuntura

política e o projeto político do candidato, quanto as microssociológicas, focadas nas trajetórias, carreiras e disposições individuais, como a motivação pessoal do momento em que estavam passando na vida, identificação com o ambiente e com as pessoas (CARVALHO, 2013).

Nessa perspectiva, observou-se ainda que a socialização teve um papel protagonista na escolha do comportamento político (KUSCHNIR, 2007); as escolhas também se deram a partir de uma avaliação subjetiva da interação dos jovens com as atividades de campanha. Os jovens sempre se referiam aos amigos que os levaram e os convidaram para as atividades ou aos amigos que conheceram, assim, *“a política está imbricada de relações sociais e por estas ao mesmo tempo produzida, atualizada e transformada”* (KUSCHNIR, 2007: 34).

A campanha foi um primeiro espaço de engajamento para alguns dos jovens da *Primavera Carioca*, no entanto, a escolha sobre a continuidade do militância vai além das motivações iniciais. As experiências de socialização na família, na escola, na universidade e no próprio partido também foram fundamentais para a análise. A família é um primeiro espaço de socialização política e, de acordo com Muxel (2008), pode proporcionar as primeiras referências ou as primeiras carências sobre o tema, podendo configurar um papel decisivo sobre a construção das opções políticas. A escola e a universidade também são relevantes nessa primeira aproximação da socialização política, muitos jovens se engajam nos movimentos políticos a partir de espaços como o movimento estudantil.

Os jovens entrevistados que tiveram militantes na família ou algum tipo de participação política recuperaram essas lembranças familiares, reconheceram essas influências, algumas vezes distantes no tempo, mas como importantes na análise de suas próprias trajetórias e escolhas políticas. Como afirma Muxel (2008), é através da tensão entre herança e experimentação que os jovens constroem a sua relação com a política. Apenas dois entrevistados afirmaram que não tinham qualquer ligação na família com o tema da política. Já no caso da escola, somente dois entrevistados tiveram alguma experiência de militância nesse espaço. Ainda assim, foi interessante observar que a escola e a universidade sempre se apresentavam como um referencial. Ao começarem a falar sobre suas trajetórias durante as entrevistas, lembravam, por exemplo, de algum professor ou alguma situação vivenciada naquela época. Três dos entrevistados já haviam se engajado nos centros acadêmicos dos seus respectivos cursos na universidade antes das eleições. Duas entrevistadas se engajaram na militância na universidade

quando terminaram o ensino médio e começaram os estudos na faculdade, depois das eleições de 2012. Já outros dois entrevistados não foram militantes nem na escola e nem na universidade, mas reconheceram a influência desses espaços na posterior escolha pelo engajamento político.

A militância de jovens se constrói também através da *experimentação* que possibilita a ruptura e a inovação das práticas políticas através das interações (MUXEL, 2008). As entrevistas foram realizadas em 2014, dois anos após a *Primavera Carioca* e da *experimentação* de cada jovem entrevistado em ser militante num partido político (no caso de quatro entrevistados) ou em militar nos movimentos sociais (no caso de dois entrevistados) e ser militante num novo cenário (no caso de um dos entrevistados que já era militante do PSOL). Os jovens reconstituíram e narraram durante a entrevista seus caminhos, tendo como referência as mudanças que foram ocorrendo. Dois entrevistados saíram do PSOL nesse período e se engajaram em outras organizações políticas. A vivência dentro do partido e nos movimentos sociais, uma nova conjuntura política e as manifestações que ocorreram em 2013, foram relatadas pelos jovens como importantes para a mudança nas suas expectativas sobre o PSOL e sobre o deputado Marcelo Freixo revelando que a realidade política que vivenciam está em constante reflexão, diálogo e transformação.

A *Primavera Carioca* também acarretou mudanças ao PSOL que foram possíveis de perceber já durante a campanha de 2012 e nos anos seguintes. Essas mudanças vieram com alguns conflitos, pois, além das divergências entre os grupos internos do partido, jovens que estavam na campanha se filiaram e começaram a participar das instâncias partidárias. Dessa maneira, uma nova geração de militantes começava a se engajar e isso não veio sem *disputas* por espaços e políticas, como foi apontado principalmente na entrevista com Fabiano, que já estava no partido antes das eleições e pode acompanhar essas mudanças.

Durante as entrevistas, os jovens também pontuaram as questões e percepções sobre “geração” e sobre “ser jovem” no PSOL, os jovens refletiram sobre a experiência de estar num partido político, sublinhando questões que identificam como relevantes para a política que deve ser construída, como o diálogo com os movimentos sociais e a preocupação com a luta contra as opressões específicas que as minorias sofrem.

Nos anos de trabalho de campo, observei que foram muitas as transformações que ocorreram nas trajetórias dos jovens da *Primavera Carioca*: pude observar tanto a alternância dos interesses, relacionados também a maior e menor possibilidade de

atuação dos novos militantes, tanto por motivos pessoais quanto profissionais, assim como alguns rompimentos com a militância no PSOL e a busca por outros espaços para se engajar. Apesar de algumas mudanças e novas escolhas, nenhum deles deixou completamente a militância, mesmo com intervalos de menor intensidade. Nesse sentido, se mostrou acertada a abordagem utilizando o militatismo como processo (CARVALHO, 2013).

As mudanças em suas vidas, narradas pelos jovens, se relacionam às suas construções de experiência e de vivência de militância política a partir do engajamento na *Primavera Carioca*. Apesar dos dilemas vividos, com as mudanças e ressignificações, os jovens entrevistados continuaram apostando no engajamento e na militância política, num processo que parece estar sempre em diálogo, sendo objeto de reflexão juntamente com a conjuntura e as experiências vivenciadas.

Atualmente, existe um campo aberto para estudos com o objetivo de captar a amplitude e especificidades da participação e do engajamento político dos jovens. A juventude tem ocupado, nos últimos anos, posição de destaque nas políticas governamentais e a participação dos jovens se coloca como um desafio às sociedades democráticas. É importante articular essas questões em torno da participação da juventude com a análise do Estado e suas Instituições, as dimensões políticas dessa participação na esfera pública e como os jovens vêm mobilizando novos sentidos e discursos em espaços como eleições e partidos políticos.

Referências Bibliográficas

- ABRAMO, Helena W. **Cenas Juvenis**. São Paulo: Scritta, 1994.
- _____. “O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro”. IN: FREITAS, Maria Virginia de (org.). **Juventude e Adolescência no Brasil: Referências Conceituais**. Ação Educativa, São Paulo: 2005.
- _____. “Condição Juvenil no Brasil Contemporâneo”. IN: **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania/ Fundação Perseu Abramo, 2005. pp. 37 – 72.
- _____. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, RJ: ANPED, n.5/6, p.37-52, mai./ jun./ jul./ ago./ set/ out/ nov/ dez 1997.
- _____ e VENTURI, Gustavo. **Juventude, política e cultura**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. Revista Teoria e Debate, número 45, jul/ ago/ set 2000.
- ALVES, Giovanni. “Ocupar Wall Street... e depois?”. IN: HARVEY. David ... et al. **Occupy**. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, pp. 31-38, 2012.
- BARBOSA, Andrea e CUNHA, Edgar T. **Antropologia e Imagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- BECKER, Howard S. **Segredos e truques de pesquisa**. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges; Revisão Técnica: Karina Kuschnir. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. “A juventude é apenas uma palavra”. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- _____. “A ilusão biográfica”. IN: FERREIRA, M. M. e AMADO, J. (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Fundação Getúlio Vargas: Rio de Janeiro, 1996.
- BRASIL. Secretaria Nacional de Juventude. **Agenda Juventude Brasil: pesquisa nacional sobre o perfil e opinião dos jovens brasileiros**. Brasília: SNJ, 2014.
- BRENNER, Ana Karina. **Militância de jovens em partidos políticos: um estudo de caso com universitários**. 2011. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- _____. “Engajamento de jovens em partidos políticos no Brasil e repercussões da experiência militante em outras esferas da vida”. In: **X Reunião de Antropologia do Mercosul**, 2013, Cordoba, AR. X RAM. Situar, actuar e imaginar antropologias desde el Cono Sur. Cordoba: RAM, 2013. v. 1. p. 1-15.

- _____. “Jovens e Militância Política”. IN: CARRANO, Paulo e FÁVERO, Osmar.(org.) **Narrativas Juvenis e Espaços Públicos. Olhares de pesquisas em educação, mídia e ciências sociais.** Niterói; Editora UFF, 2014.
- CARNEIRO, Henrique S. “Rebeliões e ocupações de 2011” IN: HARVEY. David ... et al. **Occupy.** São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2012.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes: as identidades são múltiplas.** Movimento (Niterói), Faculdade de Educação da UFF, v. n. 1, p. 11-27, 2000.
- _____. **A participação social e política de jovens no Brasil: considerações sobre estudos recentes.** IN: O Social em Questão. Ano XV, nº27. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2012.
- CARVALHO, Alex Menezes de. **O Engajamento Individual: entre interações, redes e estruturas.** Prelúdios (Salvador), v.1, n.1, p.57-52, jul./dez.2013.
- CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 16 ed., 2013.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet.** Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CASTAÑEDA, Marcelo. **Redes Transnacionais de Mobilização Política com a Internet: vínculos de pertencimento e campanhas avaaaz.** Trabalho apresentado na 28ª Reunião Brasileira de Antropologia. São Paulo: julho de 2012.
- CATANI, Afrânio Mendes e GILIOLI, Renato de Souza Porto. **Culturas Juvenis: Múltiplos Olhares.** São Paulo: UNESP, 2008.
- CASTRO, Elisa Guaraná. “Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político”. **Rev. latinoam. cienc. soc. niñez juv**, Manizales, v. 7, n. 1, jan.2009.
- _____. **Entre Ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013.
- CASTRO, Lucia Rabello de. “Participação Política e Juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum”. **Rev. Sociol. Polít.** Curitiba, v. 16, n. 30, jun, 2008.
- CHAUÍ, Marilena. “O que é Política?”. IN: NOVAES, Adauto (org.). **O Esquecimento da política.** São Paulo: Ed. Agir, 2007.
- DAGNINO, Evelina. **Anos 90 – Política e sociedade no Brasil.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- DUBET, François. **Sociologia da Experiência.** Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

FILLIEULE, Olivier. “Émergence et développement des mobilizations”. IN: COHEN, Antonin; LACROIX, Bernard e RIUTORT, Philippe. **Nouveau Manuel de Science Politique**. Paris: La Decouverte, 2009.

_____ e PUDAL, Bernard. Sociologie du militantisme. Problématisations et déplacement des méthodes d’enquête. IN: FILLIEU, Olivier; AGRICOLIANSKY, Eric e SOMIER, Isabelle. **Penser les Mouvements Sociaux. Conflits sociaux et contestations dans les sociétés contemporaines**. Paris: La Decouverte, 2010.

FORACCHI, Marialice. **A Juventude na Sociedade Moderna**. São Paulo: Edusp, 1972.

FORTES, Rafael e LAIGNIER, Pablo. “Políticas públicas na mídia impressa carioca: uma análise da cobertura do “choque de ordem” nas capas de dois diários tradicionais do Rio de Janeiro” Trabalho apresentado no **XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. Ed., 13.reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 6 ed., 2013.

GONÇALVES, Danyelle Nilin. **Jovens na Política: animação e agenciamento do voto em campanhas eleitorais**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

HABERMAS, Jürgen. **Realizações e limites do Estado Nacional europeu**. IN: BALAKRISHNAN, Gopal. (org) Um mapa da questão nacional. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HARVEY, David. “Os rebeldes na rua: o Partido de Wall Street encontra sua nêmesis” IN: HARVEY, David ... et al. **Occupy**. Tradução de João Alexandre Peschanski. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, pp. 57-64, 2012.

HINE, Christine. **Etnografia Virtual**. Editorial UOC. Colección Nuevas Tecnologías y Sociedad, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS; INSTITUTO PÓLIS. **Juventude Brasileira e Democracia: Participação, Esferas e Políticas Públicas**. Rio de Janeiro: Ibase, 2005. (Relatório Final de Pesquisa).

KUSCHNIR, Karina. **Antropologia da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

LÂNES, Patricia. “Mobilização social em rede: jovens em tempos de novas tecnologias”. IN: **Le Monde Diplomatique Brasil**. Ano 6, número 64, novembro de 2012.

_____ e ZANETTI, Julia. **Comunicação e Juventudes em Movimento: Novas Tecnologias, territórios e desigualdades**. Rio de Janeiro: IBASE, 2013.

LECHNER, Norbert. **Los pátios interiores de la democracia**. Santiago: Fundo de cultura, 1990.

LEMONS, André. **Cibercultura e Mobilidade. A Era das Conexões**. Comunicação apresentada no Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro: UERJ, novembro de 2005.

MANNHEIM, Karl. “O problema da Juventude na Sociedade Moderna”. IN: **Sociologia da Juventude**. Rio de Janeiro: Zahar, vol.1, 1968.

_____. “El Problema de las Generaciones”. **Reis**. N° 62, abr.-maio 1993.

MARICATO, Ermínia... [et al.]. **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. “Memória de jovem: um conceito em construção”. IN: CARRANO, Paulo e FÁVERO, Osmar.(org.) **Narrativas Juvenis e Espaços Públicos. Olhares de pesquisas em educação, mídia e ciências sociais**. Niterói; Editora UFF, 2014.

MEDEIROS, Leonilde Servolo de. “Os movimentos sociais como campo de pesquisa nas ciências humanas”. IN: **Revista Mundos do Trabalho**, vol. 4, n. 7, janeiro-junho de 2012, p. 7-31.

MELUCCI, Alberto. “Juventude, tempo e movimentos sociais”. **Revista Brasileira de Educação**. N°5, Mai/Jun/Ago 1997; n°6, Set/Out/Nov/Dez 1997.

MONTARDO, Sandra Portella e PASSERINO, Liliana Maria. Estudos dos blogs a partir da netnografia: possibilidade e limitações. IN: **Novas Tecnologias na Educação**. CINTED – UFRGS, v. 4, n.2, Dezembro, 2006.

MUXEL, Anne. “Continuidades y rupturas de la experiência política juvenil”. **Revista de Estudios de Juventud**. N° 8, junho, 2008.

NAME, Leonardo. “Das redes às ruas: novas tecnologias de informação e comunicação, mobilização social e manifestações políticas no espaço público”. IN: RHEINGANTZ, Paulo Afonso; PEDRO, Rosa (orgs.). **Qualidade do lugar e cultura contemporânea**.

Controvérsias e ressonâncias em coletivos urbanos. Rio de Janeiro: FAU/PROARQ, 2012.

NOVAES, Regina. “Entre juventudes, governos e sociedade (e nada será como antes...)”. IN: PAPA, Fernanda de C. e FREITAS, Maria V. (orgs.) **Juventude em Pauta: Políticas Públicas no Brasil**. Editora Petrópolis, 2011.

_____ e VANNUCHI, Paulo (orgs.). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

PALMEIRA, Moacir e HEREDIA, Beatriz. “Os Comícios e a política de facções”. **Anuário Antropológico/94**,1995.

PERALVA, Angelina. “O Jovem como modelo cultural”. IN: PERALVA, A. e SPOSITO, M. P. (orgs.). **Juventude e Contemporaneidade**. São Paulo: Revista Brasileira de Educação, ANPED, números 5 e 6, 1997.

PUDAL, B. “Los enfoques teóricos y metodológicos de la militância”. **Revista de Sociología**, Nro. 25, Universidad de Chile, 2011.

_____. “Da militância ao estudo do militantismo: a trajetória de um politólogo. Entrevista com Bernard Pudal”. **Pro-posições**. Campinas, v. 20, n.2, maio/ago. 2009.

REIS, Eliana. **Contestação, engajamento e militantismo. Da “luta contra a ditadura” à diversificação das modalidades de intervenção política no Rio Grande do Sul entre 1970 e início dos anos 2000**. Tese (Doutorado em Ciência Política), 2007.

REZENDE, Claudia B. e COELHO Maria C. **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RIBEIRO, Renato Jaime. “Política e Juventude: O que fica da energia”. IN: NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo (orgs.). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

RIBEIRO, Eliane e SOUZA, Luiz Carlos de. “Notas sobre o perfil, participação política e percepções dos delegados da 2ª Conferência Nacional de Políticas Públicas para a Juventude”. IN: RIBEIRO, Eliane; PINHEIRO, Diógenes e ESTEVES, Luiz Carlos Gil (orgs.). **Juventude em Perspectiva: Múltiplos enfoques**. Rio de Janeiro: UNIRIO/PROExC, 2014.

SADER, Emir. “Crise capitalista e novo cenário no Oriente Médio”. IN: HARVEY, David ... et al. **Occupy**. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, pp. 83-86, 2012.

SANI, Giacomo. “Participação Política”. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Tradução de Carmem C. Varriale;

Coordenador da tradução João Ferreira; Revisão geral João Ferreira e Luís Guerreiro Pinto Cacaís. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 12 ed., 2004.

SEIDL, Ernesto. **Escolarização e recursos culturais na composição de carreiras militantes**. Cadernos CERU, série 2, v. 20, n.1, junho de 2009.

SHAW, Clifford Robe. **The jack-roller: a delinquent boy's own history**. Chicago, The Chicago University Press, 2000.

SCHMIDT, João Pedro. “Equilíbrio de baixa intensidade: capital social e socialização política dos jovens na virada do século”. IN: BAQUERO, Marcello. **Reinventando a sociedade na América Latina: cultura política, gênero, exclusão e capital social**. Brasília: Ed. Universidade/ UFRGS/ CNDM, 2001.

SOUZA, Janice Pontes de. “Os Jovens anticapitalistas e a resignificação das lutas coletivas”. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 22, n. 02, p.451-470, jul/dez. 2004.

SPOSITO, Marília Pontes. “Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação”. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, SP: ANPED, n.13, p.73- 94, jan./ fev./mar./abr. 2000.

_____. “Estudos sobre juventude em educação”. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, RJ: ANPED, n.5/6, p.37-52, mai./ jun./ jul./ ago./ set/ out/ nov/ dez 1997.

_____. **O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)**. Belo Horizonte: Argumentum, 2 v. 2009, p. 262.

VELHO, Gilberto. “Observando o Familiar”. IN: **Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. **Subjetividade e Sociedade: uma experiência de geração**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

WELLER, Wivian. “A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim”. **Sociedade e Estado**. Brasília, v. 25, n. 2, p. 205-224, 2010 .

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**. A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

Anexo I

Roteiro de entrevista 1- quem fez a campanha do Freixo, mas não entrou para o PSOL.

Nome

Sexo

Idade

Onde trabalha ou estuda

Onde mora

Pedir para falar sobre a campanha

O que você se lembra dessa campanha?

Como você participou? Como você soube? Como você se informou sobre a campanha?

O que te motivou a participar? Como foi para você essa experiência de militância?

O que você esperava dessas eleições? Acreditava na vitória do Freixo? Teve algum momento que você acreditou mais que ia conseguir?

O que você marcaria na campanha? O que mais te emocionou? Quais foram os momentos difíceis? Quais foram os momentos ruins?

E se ele tivesse ganhado? O que você acha que teria acontecido?

Pedir para falar sobre militância e eleições anteriores

Qual a experiência de militância que tinha antes? Alguma pessoa ou grupo teve influência? Teve algum evento significativo?

Participava de algum movimento? Onde está atuando agora? A participação na campanha mudou a sua atuação militante de alguma forma?

Você continua apoiando o Freixo? Participou de algum outro espaço do partido depois da campanha? Qual a sua percepção sobre a atuação do PSOL na sociedade?

O que significa para você se aproximar de um partido? Por que você não entrou para o Psol? O que significa estar filiado a um partido para você? Como se dá a atuação de um simpatizante? O que é ser um militante próximo, mas não filiado?

Como foi a sua participação em outras eleições? Quando você tirou o título? Já votou antes? Em quem votou antes? Participou de alguma outra campanha?

Pedir para falar sobre a vida até a militância na campanha

Sua família teve alguma influência na sua militância? Tem algum militante na sua família? Como a família avalia a sua militância? Teve alguma mudança nas relações familiares após sua militância? Houve algum encorajamento ou desaprovação por parte da sua família na sua militância?

Na escola ou na universidade teve alguma experiência de engajamento?

Seu grupo de amigos é o mesmo da militância? Há outros grupos? O que mudou depois que começou a militar? Seu grupo de amigos continuou o mesmo? O que mudou em relação às amizades? Como foi a recepção dos novos colegas no início da militância? Como é a sua relação com outras pessoas fora da militância? Como é ser militante fora dos espaços do partido?

O que mudou na sua vida depois da militância? O que permanece da mesma forma?

Como foi a sua militâncias após as eleições? O que aconteceu com relação a isso nos últimos 2 anos?

Roteiro de entrevista 2- quem entrou para o PSOL e depois saiu:

-não se envolvendo mais com política

-saiu para uma organização ou movimento fora do PSOL

- foi para outro partido.

Nome

Sexo

Idade

Onde trabalha ou estuda

Onde mora

Pedir para falar sobre a campanha

O que você se lembra dessa campanha?

Como você participou? Como você soube? Como você se informou sobre a campanha?

Porque você participou da campanha do Freixo? O que te motivou a participar? Como foi para você essa experiência de militância?

O que você esperava dessas eleições? Acreditava na vitória do Freixo? Teve algum momento que você acreditou mais que ia conseguir?

O que você marcaria na campanha? O que mais te emocionou? Quais foram os momentos difíceis? Quais foram os momentos ruins?

E se ele tivesse ganhado? O que você acha que teria acontecido?

Pedir para falar sobre militância e eleições anteriores

Como foi a sua participação em outras eleições? Quando você tirou o título? Já votou antes? Em quem votou antes? Participou de alguma outra campanha?

Qual a experiência de militância que tinha antes? Alguma pessoa ou grupo teve influência? Teve algum evento significativo? Participava de algum movimento? O engajamento na campanha mudou a sua atuação militante de alguma forma?

Você continua apoiando o Freixo? Qual a sua percepção sobre a atuação do PSOL na sociedade?

O que significa estar filiado a um partido para você? O que é estar ligado ou não a um partido político? Como foi seu processo de aproximação com o partido? Com essa forte

presença do antipartidarismo na atualidade, como isso pesou ao pensar em entrar num partido político?

Como se deu o rompimento com o partido? Por que você saiu do partido? Quais as tensões e dificuldades desse processo? Onde está atuando agora?

Pedir para falar sobre a vida até a militância na campanha

Sua família teve alguma influência na sua militância? Tem algum militante na sua família? Como a família avalia a sua militância? Teve alguma mudança nas relações familiares após sua militância? Houve algum encorajamento ou desaprovação por parte da sua família na sua militância?

Na escola ou na universidade teve alguma experiência de engajamento?

Seu grupo de amigos é o mesmo da militância? Há outros grupos? O que mudou depois que começou a militar? Seu grupo de amigos continuou o mesmo? O que mudou em relação às amizades? Como foi a recepção dos novos colegas no início da militância? Como é a sua relação com outras pessoas fora da militância? Teve alguma mudança com relação às amizades após seu rompimento?

O que mudou na sua vida depois da militância? O que permanece da mesma forma?

Roteiro de entrevista 3- quem entrou para o PSOL:

- foi para um núcleo
- não ficou nucleado
- não entrou para nenhuma corrente interna
- entrou para uma corrente interna

Nome

Sexo

Idade

Onde trabalha ou estuda

Onde mora

Pedir para falar sobre a campanha

O que você se lembra dessa campanha?

Como você participou? Como você soube? Como você se informou sobre a campanha?

Porque você participou da campanha do Freixo? O que te motivou a participar? Como foi para você essa experiência de militância?

O que você esperava dessas eleições? Acreditava na vitória do Freixo? Teve algum momento que você acreditou mais que ia conseguir?

O que você marcaria na campanha? O que mais te emocionou? Quais foram os momentos difíceis? Quais foram os momentos ruins?

E se ele tivesse ganhado? O que você acha que teria acontecido?

Pedir para falar sobre militância e eleições anteriores

Qual a experiência de militância que tinha antes? Alguma pessoa ou grupo teve influência? Teve algum evento significativo?

Participava de algum movimento? A participação na campanha mudou a sua atuação militante de alguma forma? Onde está atuando agora? Estar no partido mudou a sua atuação no seu outro espaço de militância? A atuação no partido te jogou para outro lugar?

Você continua apoiando o Freixo? Qual a sua percepção sobre a atuação do PSOL na sociedade?

Como é ser jovem num partido político? O que significa estar filiado a um partido para você? O que é estar ligado ou não a um partido político? Como foi seu processo de aproximação com o partido? Com essa forte presença do antipartidarismo na atualidade, como sentiu isso ao pensar em entrar num partido político?

Qual espaço participa no PSOL? Porque sentiu a necessidade de entrar para um núcleo de base ou não? Você faz parte de alguma corrente do partido? O que você faz e como o PSOL se encaixa nas suas atividades profissionais e/ou acadêmicas?

Como foi a sua participação em outras eleições? Quando você tirou o título? Já votou antes? Em quem votou antes? Participou de alguma outra campanha?

Pedir para falar sobre a vida até a militância na campanha

Sua família teve alguma influência na sua militância? Tem algum militante na sua família? Como a família avalia a sua militância? Teve alguma mudança nas relações familiares após seu engajamento? Houve algum encorajamento ou desaprovação por parte da sua família na sua militância?

Na escola ou na universidade teve alguma experiência de engajamento?

Seu grupo de amigos é o mesmo da militância? Há outros grupos? O que mudou depois que começou a militar? Seu grupo de amigos continuou o mesmo? O que mudou em relação às amizades? Como foi a recepção dos novos colegas no início da militância? Como é a sua relação com outras pessoas fora da militância? Como é ser militante fora dos espaços do partido?

O que mudou na sua vida depois da militância? O que permanece da mesma forma?

Roteiro de entrevista 4- quem já era do psol

Nome

Sexo

Idade

Onde trabalha ou estuda

Onde mora

Pedir para falar sobre a campanha

O que você se lembra dessa campanha?

Como foi a construção da campanha? Os momentos mais marcantes? A juventude sempre foi o foco da campanha? Que tipo de atração tem nesse cenário da eleição de 2012? Como eles se aproximaram?

Como você participou? Qual era o seu papel ou a sua tarefa?

Porque você participou da campanha do Freixo? O que te motivou a participar? Como foi para você essa experiência de militância?

O que você esperava dessas eleições? Acreditava na vitória do Freixo? Teve algum momento que você acreditou mais que ia conseguir?

O que você marcaria na campanha? O que mais te emocionou? Quais foram os momentos difíceis? Quais foram os momentos ruins?

E se ele tivesse ganhado? O que você acha que teria acontecido?

Pedir para falar sobre militância e eleições anteriores

A participação na campanha mudou a sua atuação militante de alguma forma?

Você continua apoiando o Freixo? Qual a sua percepção sobre a atuação do PSOL na sociedade? Onde você observa que o PSOL está? Pra que serve?

Como é ser jovem num partido político? O que significa estar filiado a um partido para você? Como foi seu processo de aproximação com o partido? Qual espaço participa no PSOL? O que você faz e como o PSOL se encaixa nas suas atividades profissionais ou acadêmicas?

Como foi a sua participação em outras eleições? Quando você tirou o título? Já votou antes? Em quem votou antes? Participou de alguma outra campanha?

Pedir para falar sobre a vida até a militância na campanha

Sua família teve alguma influência na sua militância? Tem algum militante na sua família? Como a família avalia a sua militância? Teve alguma mudança nas relações familiares após seu engajamento? Houve algum encorajamento ou desaprovação por parte da sua família na sua militância?

Na escola ou na universidade teve alguma experiência de engajamento?

Seu grupo de amigos é o mesmo da militância? Há outros grupos? O que mudou depois que começou a militar? Seu grupo de amigos continuou o mesmo? O que mudou em relação às amizades? Como foi a recepção dos novos colegas no início da militância? Como é a sua relação com outras pessoas fora da militância? Como é ser militante fora dos espaços do partido?

O que mudou na sua vida depois da militância? O que permanece da mesma forma?

Anexo II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar como voluntário(a) do projeto de pesquisa “**Nada deve parecer impossível de mudar: juventude e participação política na eleição para prefeito do Rio de Janeiro em 2012**”, que tem como pesquisadora responsável Ana Beatriz Pinheiro e Silva do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, orientada por Elisa Guaraná de Castro, e-mail: elisaguarana@gmail.com, e por Marco Antonio Perruso, e-mail: trogao@bol.com.br. O presente trabalho tem por objetivo investigar o engajamento de jovens na campanha política de 2012, a experiência militante anterior desses jovens, como se engajaram nas eleições municipais, se houve seguimento ou não nesse engajamento, para compreender o fenômeno da participação e mobilização de jovens nesse pleito e como essas experiências têm refletido em outros aspectos de sua vida.

Minha participação consistirá em fornecer dados da minha vida militante, acadêmica, familiar, escolar e profissional, em forma de textos, fotos, comentários, vídeos, depoimentos orais e escritos no grupo da pesquisa na rede social *Facebook* chamado “Quem foi à assembleia de Jovens com Freixo?” e/ou enviados à pesquisadora através de sua conta no *Facebook* ou e-mail. Entendo que este estudo possui finalidade de pesquisa e que os dados obtidos serão divulgados de acordo com as diretrizes éticas de pesquisa. Sei que posso abandonar a pesquisa e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

NOME

ASSINATURA

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 201 ____ .

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar como voluntário do projeto de pesquisa “**Nada deve parecer impossível de mudar: juventude e participação política na eleição para prefeito do Rio de Janeiro em 2012**”, que tem como pesquisadora responsável Ana Beatriz Pinheiro e Silva do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, orientada por Elisa Guaraná de Castro, e-mail: elisaguarana@gmail.com, e por Marco Antonio Perruso, e-mail: trogao@bol.com.br. O presente trabalho tem por objetivo investigar o engajamento de jovens na campanha política de 2012, a experiência militante anterior desses jovens, como se engajaram nas eleições municipais, se houve seguimento ou não nesse engajamento, para compreender o fenômeno da participação e mobilização de jovens nesse pleito e como essas experiências têm refletido em outros aspectos de sua vida.

Minha participação consistirá em fornecer dados da minha vida militante, acadêmica, familiar, escolar e profissional. Entendo que este estudo possui finalidade de pesquisa e que os dados obtidos serão divulgados de acordo com as diretrizes éticas de pesquisa, preservando o anonimato dos participantes, assegurando a privacidade. Sei que posso abandonar a pesquisa e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

NOME

ASSINATURA

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 2014.

Anexo III

Tabela 1 - Participantes do grupo do Facebook⁵⁴			
Nome	Sexo	Idade em 2012	Formação/Ocupação
Felipe	M	30 anos	professor
Jorge	M	35 anos	não informado
Bernardo	M	não informado	professor
Rodrigo	M	15 anos	não informado
Fernanda	F	Não informado	estudante
Renata	F	não informado	estudante
Fabiano	M	21 anos	estudante
Rafael	M	não informado	estudante
Rita	F	17 anos	estudante
Marcos	M	não informado	estudante
Bruna	F	22 anos	estudante
José	M	não informado	não informado

⁵⁴ Os dados da tabela 1 se referem aos participantes do grupo cujo depoimento foi utilizado no capítulo 1 desta dissertação. Nem todas as informações foram encontradas no perfil dos participantes na rede social.

Tabela 2 - Perfil dos(as) entrevistados(as)

Nome	Sexo	Idade em 2012	Localidade	Formação em 2012	Foi militante em grêmio estudantil	Filiado(a) ao PSOL antes de 2012	Filiou-se ao PSOL depois de 2012	Ainda era filiado ao PSOL na época da entrevista	Algum militante na família
Aline	F	17 anos	Zona Oeste	Estudante Secundarista	Não	Não	Sim	Sim	Sim
Fabiano	M	21 anos	Zona Sul	Estudante Universitário	Sim	Sim	Já era filiado	Sim	Sim
Leandro	M	24 anos	Zona Norte	Estudante de Pós-Graduação	Não	Não	Sim	Não	Não
Roberta	F	26 anos	Zona Sul	Estudante Universitária	Não	Não	Não	Nunca se filiou	Não
Ricardo	M	24 anos	Zona Norte	Estudante Universitário	Não	Não	Não	Nunca se filiou	Não
Rita	F	17 anos	Zona Norte	Estudante Secundarista	Não	Não	Sim	Sim	Não
João	M	23 anos	Zona Norte	Estudante Universitário	Não	Não	Sim	Não	Não